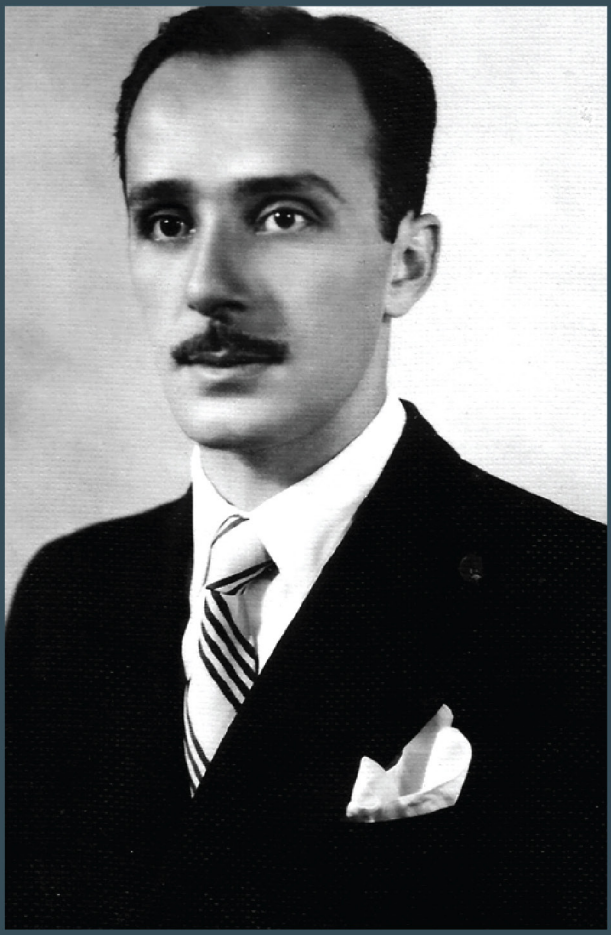
Maria Inez Martinez de Rezende

ALBERTO BRANDÃO DE REZENDE

Um professor visionário



30 anos
eduepb

Universidade Estadual da Paraíba
Profª. Célia Regina Diniz | *Reitora*
Profª. Ivonildes da Silva Fonseca | *Vice-Reitora*

Editora da Universidade Estadual da Paraíba
Cidoval Morais de Sousa | *Diretor*

Conselho Editorial
Alessandra Ximenes da Silva (UEPB)
Alberto Soares de Melo (UEPB)
Antonio Roberto Faustino da Costa (UEPB)
José Etham de Lucena Barbosa (UEPB)
José Luciano Albino Barbosa (UEPB)
Melânia Nóbrega Pereira de Farias (UEPB)
Patrícia Cristina de Aragão (UEPB)

Editora indexada no SciELO desde 2012

Editora filiada a ABEU

EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB - CEP 58429-500
Fone: (83) 3315-3381 - http://eduepb.uepb.edu.br - email: eduepb@uepb.edu.br

MARIA INEZ MARTINEZ DE REZENDE

ALBERTO BRANDÃO DE REZENDE

Um professor visionário

Campina Grande - PB
2025

Editora da Universidade Estadual da Paraíba
Cidoval Morais de Sousa (*Diretor*)

Expediente EDUEPB

Design Gráfico e Editoração
Erick Ferreira Cabral
Jefferson Ricardo Lima A. Nunes
Leonardo Ramos Araujo

Revisão Linguística e Normalização
Antonio de Brito Freire
Elizete Amaral de Medeiros

Assessoria Editorial
Eli Brandão da Silva

Assessoria Técnica
Thaise Cabral Arruda

Divulgação
Danielle Correia Gomes

Comunicação
Efigênio Moura

Depósito legal na Câmara Brasileira do Livro - CDL

R467a Rezende, Maria Inez Martinez de.
Alberto Brandão de Rezende [recurso eletrônico] : um professor visionário / autoria e apresentação de Maria Inez Martinez de Rezende. – Campina Grande : EDUEPB, 2025.
213 p. : il. color. ; 15 x 21 cm.

ISBN: 978-65-5221-127-9 (Impresso)
ISBN: 978-65-5221-128-6 (30.972 KB - PDF)
ISBN: 978-65-5221-126-2 (60.433 KB - Epub)

1. Biografia - Alberto Brandão de Rezende. 2. Trajetória de Vida - Alberto Brandão de Rezende. 3. Personalidade Pública - Alberto Brandão de Rezende. I. Título.

21. ed. CDD 923.7

Ficha catalográfica elaborada por Fernanda Mirelle de Almeida Silva – CRB-15/483

Copyright © **EDUEPB**

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Para a comunidade bauruense, familiares e amigos queridos, aos professores Dra. Irmã Jacinta Turollo Garcia e dr. Muricy Domingues, ao amigo comandante Major Mário de Mello.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO, **8**
I - INTRODUÇÃO, **11**
II – BIOGRAFIA, **16**
III - TRABALHOS EXTRAMUROS
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, **36**
IV- PROJETO RONDON (1967-1975), **48**
V- A INTEGRAÇÃO DOS PROFESSORES
UNIVERSITÁRIOS COM A CIDADE., **78**
VI - DEPOIMENTOS
DR. MONDELLI
DR. EYMAR SAMPAIO LOPES
DRA. FIDELLA NAVARRO
DR. JOSÉ ROBERTO MAGALHÃES
DRA. ILKA MARIA
DR. VALÉRIO BONACHELLA
FRANCISCO CORRÊA DA CRUZ (PREFEITO DE
HUMAITÁ 73/74) , **92**
VII - ÁLBUM DE FOTOGRAFIAS, **131**
FOTOS DO PROJETO RONDON, **155**
ANEXO I
HOMENAGENS PÓSTUMAS, **171**
ANEXO II
EMPREGO DE ALTA-ROTAÇÃO, EM REGIÕES SEM
ENERGIA ELÉTRICA, COM O AUXÍLIO DE TUBOS DE
NITROGÊNIO.

PREVENÇÃO DA CÁRIE DENTÁRIA PELA
ASSOCIAÇÃO DE FLUORETO DE SÓDIO E SAIS DE
CÁLCIO, **178**
ANEXO III
CURIOSIDADES, **187**
ANEXO IV
FORMAÇÃO ACADÊMICA
ATIVIDADE PROFISSIONAL, **199**

APRESENTAÇÃO

A ideia de fazer a biografia do professor Alberto Brandão de Rezende como tema de um trabalho acadêmico foi sugerido pela Dra. Irmã Jacinta, professora da disciplina de literatura e pelo professor Dr. Muricy Domingues de Metodologia das Ciências quando eu frequentava o curso de Letras da Universidade Sagrado Coração de Jesus em 1996.

Iniciei minha coleta de dados e não encontrei registros de sua atuação nos arquivos da cidade, nem em sua própria faculdade onde implantou os trabalhos extramuros em parceria com a prefeitura de Bauru. Não havia fotos, referências, documentos dos primeiros e subsequentes levantamentos de Saúde Bucal e da qualidade das águas da cidade de Bauru que ele promoveu de 1966 a 1975.

Não tinha acesso à internet e os arquivos destes trabalhos extramuros e de extensão eram de difícil acesso ou inexistentes e os da atuação da Faculdade de Odontologia de Bauru (FOB) no primeiro mutirão de saúde pública do país, implantado pelo Projeto Rondon, no qual o professor foi coordenador, assim também o da participação da montagem do 15 Campi em Humaitá estavam fechados em Brasília, sob a guarda da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) pois o Projeto havia sido extinto em 1989.

As Instituições de Bauru só passaram a dar importância em registrar e preservar documentação das atividades da cidade a partir dos anos 1970, quando Bauru deixou de ser uma "cidade de passagem" para se projetar não só como polo comercial, produto

da Ferrovia Noroeste de Bauru, mas como cidade de produção cultural no coração do Estado de São Paulo.

A solução que encontrei, tendo em conta essa situação, foi colher depoimentos de familiares, ex-colegas de trabalho, alunos e autoridades envolvidas em suas atividades, ocasião em que adquiri relatórios, cartas, fotos, slides, etc. que estas pessoas carinhosamente me cederam de seus arquivos pessoais. Ao fim e ao cabo, recolhi algumas referências especiais e em grande volume nas quais não pude aprofundar para o final do trabalho no prazo e cronograma da faculdade, optando por entregar à disciplina apenas um esboço.

Hoje, em 2017, ao deparar com essas documentações, refleti que todo este material merecia uma organização e um resumo mais elaborado para entregar à comunidade.

As atualizações sobre a Faculdade de Odontologia e sobre o Projeto Rondon de 1996 a 2017 já podem ser pesquisadas na internet nos sites respectivos. Faltava incluir, ao menos para a cidade, a biografia do Professor Brandão, ou melhor dizendo, suas ações.

É, portanto, neste sentido que escrevi este presente texto sem deixar de agradecer aos meus professores Dra. Irmã Jacinta Turollo Garcia e Dr. Muricy Domingues que me deram a oportunidade da pesquisa inicial. Expresso ainda meus agradecimentos a todos os amigos e primos que partilharam com carinho e amor suas lembranças, cartas, fotos e documentos pessoais.

Agradeço à minha irmã Maria Regina que reorganizou os arquivos da família e à minha prima Anna Maria Martinez Corrêa que me forneceu material de Araraquara e a todos os professores da Faculdade de Odontologia de Bauru que me receberam e prestaram seus depoimentos em 1996, em especial ao Dr. César Antunes Filho que me norteou na primeira pesquisa e ao Dr. Ernesto Pilotto Gomes de Medeiros em 2017 que me ajudou no término desta. Também à bibliotecária dona Cibele que me ajudou na

separação dos slides e negativos para compor esta singela homenagem. Finalmente agradeço a Deus pela inspiração e entusiasmo que me preencheu o coração nesta decisão de reorganizar e publicar este material.

I - INTRODUÇÃO

O trabalho pioneiro realizado pelo professor Alberto Brandão de Rezende na área de Saúde Pública em Araraquara, Araçatuba e Bauru nas décadas de 60 e 70 foi muito importante para o Estado de São Paulo pois mapeou, desde os anos 60, patologias e problemas de Saúde Pública nas regiões citadas e apresentou soluções práticas. A saúde bucal de Bauru e o tratamento das águas é hoje uma das melhores da região e do Estado graças à sua atuação como sanitarista da Faculdade de Odontologia de Bauru.

Como professor universitário entendeu a proposta da construção de uma nova Universidade que respondesse melhor aos problemas da comunidade na qual está inserida. Talvez pelo fato de ele ser português, vindo de um país pequeno, pobre, fechado em si mesmo e arraigado em suas tradições, tinha uma visão mais ampla sobre o Brasil pois via o país como um gigante na sua gente, na riqueza de sua diversidade cultural, nos recursos naturais, assim como na sua criatividade e flexibilidade. Brandão via infinitas possiblidades de desenvolvimento e propostas, era um apaixonado pelo nosso país e logo arregaçou as mangas para dar a sua contribuição. Olhava tudo com entusiasmo "*Em se plantando tudo dá*"

No seu fazer enquanto estudante de odontologia, e depois de saúde pública, o ensino e a pesquisa eram indissociáveis da comunidade pois só o contato com o seu objeto de estudo poderia prosseguir no conhecimento e na construção do saber. Nas suas

pesquisas de epidemiologias e aplicação tópica de flúor foi imperioso o contato direto com a população e, portanto, fora dos muros da academia. Entendia que o saber era uma construção conjunta e que extrapolava os muros da Universidade. E que essa construção deveria ser necessariamente uma via de duas mãos.

Nos anos 60, a realidade brasileira impunha o questionamento das instituições no esforço da renovação de políticas públicas, mormente da Saúde Pública e do papel das Universidades na construção da sociedade. Era necessário que um novo modelo de Ensino Público viesse ao encontro das prioridades do país preparando e aperfeiçoando o futuro profissional para esta realidade, ajudando a promover o nosso desenvolvimento.

Desde o decreto 19.851 do ano de 1931, que visa a normatização da Extensão Universitária e seus objetivos, até os dias de hoje, várias transformações e ressignificações de Extensão Universitária vêm sendo debatidas pelo Ministério da Educação, como a Lei de Diretrizes e Base número 4.024 de 1961, a reforma do ensino em 1968 em forma da lei 5.540, entre outras, sem, contudo, chegar a um consenso de uma Universidade genuinamente brasileira.

Não me cabe, entretanto, debater esta questão, não é este o meu objetivo, quero apenas fazer um recorte da mentalidade da academia e da realidade brasileira em que o professor esteve presente, pois que de nada adianta uma lei se não há atores que a coloquem em prática. É necessário que ela faça parte de nossas ações.

Ainda nos dias de hoje há universidades voltadas em si mesmas, produzem pesquisas importantes, é verdade, mas nada contribuem diretamente para a sociedade. Afinal, a nova mentalidade do Ensino Superior Público no Brasil não foi experimentada ou desenvolvida na maioria das faculdades. Há ainda muita polêmica e um projeto nacional nunca se realizou plenamente. De certa forma os interesses tecnológicos das grandes corporações sobrepujaram aos interesses e às necessidades do nosso povo.

Hoje surgem novos debates sobre a função das Universidades Públicas no contexto brasileiro. O papel da Extensão Universitária parece não ter sido ainda aplicado em sua profundidade como projeto de interesse nacional. Que destes novos debates saia um modelo de atuação, não só do Ensino Público Superior, mas do Ensino de uma forma geral para que nossa gente receba os benefícios que as levará à cidadania plena.

A maior parte das pesquisas brasileiras são financiadas pelos órgãos públicos, através de impostos que a sociedade paga. É justo que ela receba serviços de qualidade resultando numa melhora para todos. A inovação tecnológica em si mesma perde seu valor se não tem como objetivo a melhoria da sociedade. Se a tecnologia favorece apenas ao mercado financeiro não há como louvá-la. A qualidade dos serviços públicos é o resultado da qualidade do Ensino oferecido, podemos dizer que é uma via de duas mãos.

A USP foi uma das primeiras a implantar o novo modelo nos anos 60 engajando-se na ideia de que as Universidades deveriam devolver o conhecimento em forma de prestação de serviços à população ao mesmo tempo que buscava na sociedade o sentido de sua própria existência.

O Brasil era (e é) um país rico mas com uma população pobre e abandonada à sua própria sorte. No tocante à Faculdade de Odontologia de Bauru, quando o professor esteve presente, a responsabilidade era ainda maior pois a cidade não oferecia nenhuma faculdade de medicina e não havia tratamento das águas na cidade. Coube ao professor, ao departamento e aos seus alunos a iniciativa de organizar o tratamento das águas e o controle de qualidade a partir de então. Assim, uma nova mentalidade, de prestação de serviços, brotou juntamente com a chegada da Faculdade na cidade.

Em parceria com a prefeitura, o professor montou sete clínicas odontológicas em escolas de primeiro grau e dois trailers que percorriam os bairros atendendo crianças, adultos e idosos.

Com a Ferrovia Noroeste do Brasil coordenou três Operações à Corumbá, equipou uma composição inteira de trens para expedições de Saúde Pública até a fronteira com a Bolívia. Estas expedições foram patrocinadas pelo Projeto Rondon e contavam com a participação de outras faculdades do Estado como a de Medicina, Engenharia, Letras e Enfermagem, entre outras. Com o tempo e experiência os Grupo de Tarefa Universitário, (GTU) entenderam que só as expedições não bastavam para desenvolver as regiões menos favorecidas pois tinham uma duração curta (férias escolares) e então criaram os Campi Avançados para dar assistência permanente e mais efetiva, oferecendo cursos profissionalizantes. Coube à FOB e ao professor Brandão a responsabilidade de montar e dirigir o décimo quinto Campi-Avançado, o de Humaitá/AM. As Universidades do país criaram ao todo 23 Campi Avançados pelo Brasil em parceria com as Forças Armadas.

A importância do sanitarista encontra-se no entendimento completo da nova filosofia e na sua ação concreta ao proporcionar aos estudantes e às comunidades oportunidades de (re)conhecimento trazendo resultados positivos e permanentes na formação profissional e na qualidade de vida de todos os assistidos.

Implantar a parte de Extensão Universitária da FOB exigiu do professor Brandão o trabalho exaustivo de convencimento dos seus pares quanto aos trabalhos extramuros. A comunidade acadêmica resistia em tirar seus alunos da faculdade e o professor teimava que o Ensino e a Pesquisa exigia a pratica fora da academia para o conhecimento da realidade, dos problemas de saúde pública para assim melhor prepará-los como profissionais da saúde aprimorando os não só tecnicamente, mas principalmente, como cidadãos conscientes.

O objetivo deste trabalho é mostrar a contribuição do biografado para a sociedade em geral, em especial a universitária, de modo a ressaltar a importância do papel das Universidades na sociedade brasileira, a função e a responsabilidade do ensino, dos professores e dos alunos num país pobre como o Brasil.

Segundo os depoimentos de Lopes e Bastos, ex-companheiros de Departamento, esse trabalho preventivo e assistencial deveu-se em grande parte ao esforço incansável do sanitarista que também convenceu as autoridades municipais da importância de medidas sanitárias. Bastos ressalta que o referido professor foi responsável pela implantação de flúor no tratamento das águas de Araraquara, Araçatuba e Uberlândia.

Com o professor Brandão em Bauru foram realizados os primeiros levantamentos sobre Saúde Bucal e epidemiológica da região que, a partir de 1968, passou a fazer parte do currículo do curso da FOB. Segundo o depoimento do Dr. Antônio Ricci, Secretário da Saúde do Amazonas em 1972, ele engajou-se no Projeto Rondon em 1967, porque viu uma enorme oportunidade de dar aos seus alunos um campo mais amplo para suas pesquisas. Coordenou três expedições de Saúde Pública e a sua enorme contribuição, de uma mentalidade democrática, para a prestação de serviços à comunidade por parte da Faculdade de Odontologia de Bauru, é abalizada por Mondelli, Fidella, Freitas, Pilotto, Lopes e Amarante (V. depoimentos), entre outros ex-companheiros.

Dentre seus trabalhos científicos destaca-se a proposta de utilização de nitrogênio para aparelhos de alta-rotação, que ele usou em sua primeira expedição com o trem da Noroeste (Anexo II). Observa-se hoje a larga utilização deste processo nos novos hospitais e clínicas odontológicas, pois o nitrogênio é um gás seco e não umidifica os aparelhos, não provocando danificações em suas tubulações, sua manutenção é barata e gera energia sem eletricidade. Não se sabe porque a FOB não a patenteou em benefício da instituição.

A partir do interesse em historiografar as consequências da atuação do sanitarista em Bauru recolhemos a documentação ainda existente e de posse do material recolhido, selecionamos alguns aspectos de seu trabalho e de sua personalidade para compor esta breve biografia.

II – BIOGRAFIA

Nascido em 21 de novembro de 1920 na cidade de Praia de Espinho, Portugal, Alberto Brandão de Rezende era o penúltimo dos seis filhos de Francisco Joaquim Pereira de Rezende e de Virgilina Brandão de Rezende. Seu pai era autodidata, lia muito, tinha uma formação humanista grande, segundo Alberto. Ele era dedicado e amoroso com os filhos, calmo e gostava de conversar, seguia o espiritismo. D.ª Virgilina, católica, tinha uma personalidade forte, era muito exigente e comandava a casa. Francisco foi funcionário da Câmara de Espinho na função de aferidor de balanças e medidas de peso. Tiveram uma pensão vegetariana e depois uma quitanda em Espinho. No final dos anos 20, a família foi para Rio Meão, onde Francisco foi gerente ou sócio de uma fábrica de ferragens, ocasião em que Alberto frequentou o curso primário. Francisco começou a ter problemas de saúde e a família voltou a residir em Espinho.

Alberto, Beto como era chamado, terminou os estudos do segundo grau nos liceus *Rodrigo de Freitas* e *Alexandre Herculano*, na cidade do Porto a poucos quilômetros de Espinho. Já na adolescência mostrava traços de liderança, organizou o primeiro time de futebol e de campeonatos de ping-pong e natação no Sporting Club de Espinho. Sua turma era a vanguarda de intelectuais da pequena cidade de Espinho.

Alberto com os amigos. Espinho/Portugal (1939)

Casa da família em Espinho/Portugal

Com a família antes de embarcar para o Brasil. Alberto é o primeiro a contar da esquerda para a direita.
A seguir dona Virgilina, seu irmão caçula Francisco, o pai Francisco e o mais velho dos irmãos, José Maria. A irmã Rogéria já se encontrava no Brasil. Teve outro irmão, Rogério, que faleceu aos 18 anos de tuberculose.

Aos 19 anos desembarcou no Brasil com destino à Campinas S.P., onde residia sua irmã mais velha Rogéria, a fim de frequentar o curso de Medicina. Estudou no Ginásio do Estado *Culto à Ciência* e fez sua adaptação ao currículo acadêmico brasileiro. Em 1943 fez o curso Pré-Médico no Atheneu Paulista em Campinas e o curso de prótese dentária com o dr. Silvino Dotto. Nesta ocasião, para seu sustento, trabalhava como professor de matemática e ciências, no período noturno, na *Academia de Comércio São Luiz* conseguindo o registro de professor no Departamento Nacional de Educação e era inspetor do internato, além de recrutar estudantes pelo interior do Estado.

O curso de Medicina era em período integral o que obrigou Alberto a abdicar deste sonho e ingressar no curso de Farmácia e Odontologia e, para isso, mudou-se para a cidade de Araraquara.

Sua mãe, sua irmã Rogéria e seu cunhado José Benjamim (Juca). Campinas (1952)

Estudante da Faculdade de Farmácia e Odontologia, morou numa pensão próxima à faculdade e à Escola de Comércio onde trabalhou como professor de matemática, ciências, física, química, desenho e línguas. Como protético sua habilidade de escultor era bastante conhecida e requisitada não só pelo Hospital Santa Izabel e Santa Casa de Misericórdia de Araraquara (próteses dentárias) como também pelo Instituto Burnier de Campinas que lhe encomendava próteses oculares.

Os anos em que Alberto estudou e lecionou na Faculdade de

Odontologia de Araraquara foram muito intensos em relação à campanha da estadualização da instituição, aderindo alunos e professores neste processo, abraçaram este trabalho com muito empenho promovendo inúmeras campanhas junto ao então Governador Adhemar de Barros.

Encontro com o governador Adhemar de Barros em 1946, com os professores e alunos da Faculdade, Alberto é o primeiro contando da direita para a esquerda e Adhemar de Barros é o do centro e em primeiro plano.

Ainda estudante universitário conheceu sua futura esposa Diva no colégio onde lecionava. A Escola costumava colocar as fotos dos formandos na sala principal e Diva havia se formado em 1937 e sua foto estava exposta na galeria, Alberto se apaixonou por ela.

Descobriu que ela era cunhada de seu diretor Jorge Borges Corrêa, que morava com a família dele e que frequentava a Igreja Santo Antônio nos dias de novena. Foi na saída de uma destas novenas que viram-se pela primeira vez. Alberto se aproximou,

olharam se mas não se apresentaram, Diva era noiva de Walter. Bastou para Alberto se apaixonar irremediavelmente por ela. Um encontro casual na Escola de Comércio facilitou a apresentação. Jorge Borges era um diretor inteligente, carismático e mantinha amizade e consideração por Alberto, travavam longas conversas e uma das filhas de Jorge ficou doente e precisou de reforço escolar para repor as aulas perdidas, coube a Alberto esta tarefa. Aos poucos ele foi se aproximando da família Corrêa.

Foto de formatura de Diva.

Alberto e Diva.

Laboratório de próteses.

Formatura como cirurgião dentista.

Alberto encantou a todos, sentia falta do afeto familiar de sua terra natal e os Corrêa, e depois os Carrera, lhes abriram as portas carinhosamente.

Ele conquistou um por um, chegando à Diva. Nunca mais se perderam de vista e o almoço de domingo na residência dos Corrêa passou a ter Alberto como convidado permanente. Logo Alberto obteve o consentimento do pai de Diva, Celso Martinez Carrera, designer de móveis, marceneiro, espanhol e que adorava conversar e que naquela altura já tinha vendido a Fábrica de Móveis Celso Carrera de Araraquara e estava residindo com parte da família em São Paulo. O mesmo interesse e simpatia nasceu entre eles e Diva selou uma grande amizade entre estes homens excepcionais.

Com a família Corrêa.

Com a família Carrera

As cartas que trocaram diariamente quando namorados foram preservadas e pudemos constatar a paixão entre eles, os acontecimentos das famílias, os preparativos para o casamento, etc. As famílias queriam que se casassem após a formatura de Alberto como cirurgião, mas não houve jeito, estavam perdidamente apaixonados. Casaram-se em São Paulo no carnaval de 1946. Foram morar num quarto de pensão em Araraquara.

Alberto queria constituir família no Brasil e solicitou sua naturalização em junho de 1946, a qual ocorreu só após o decreto de lei número 818 de 18 de setembro de 1949, recebendo a concessão da naturalização assinada por Getúlio Vargas em junho de 1952 (ver no capítulo Curiosidades)

Quando se formou cirurgião dentista, em 1947, Alberto comprou o consultório de odontologia do dr. Nicolino Lia, na Av. Brasil 507, passando a clinicar.

Em pouco tempo conquistou renome na cidade e pode se mudar para uma casa próxima à da família Corrêa, na Rua 6. Rua Carlos Gomes 1.628.

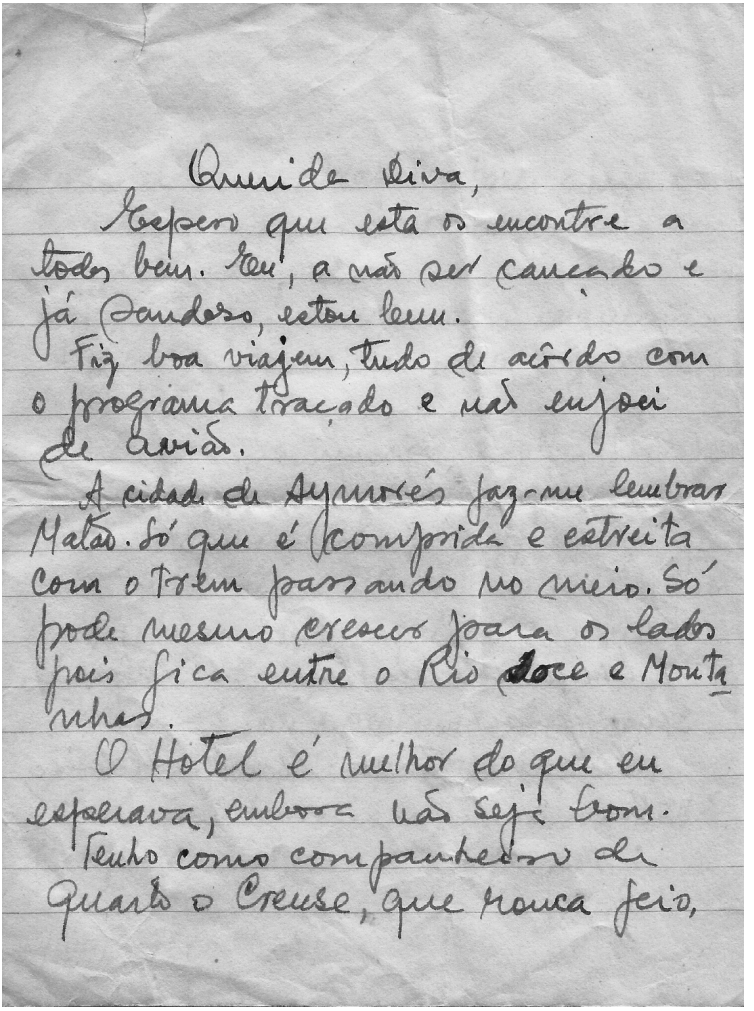
Rua Carlos Gomes 1628

Sua carreira acadêmica e prática é extensa, começou em 1948, menos de um ano após a conclusão do curso, como assistente de Clínica Odontológica da Faculdade de Araraquara. De 1955 a 1956 passou a assistente da cadeira de Patologia e Terapêutica Aplicadas, antes da incorporação da Faculdade ao Estado. Em 1957 já era auxiliar de Ensino do Departamento de Patologia. Acumulava ainda a responsabilidade de ser encarregado do Curso e Serviço de Cirurgia Oral do Hospital Santa Izabel e Santa Casa de Misericórdia de Araraquara de 1954 a 1957.

Não lhe faltava pacientes e amigos que ele tratava de graça, a vida lhe sorria e sua família ia aumentando, porém, um acidente ocular grave, uma vareta de guarda-chuva foi cravada em um de seus olhos quando tentava apartar uma briga entre dois homens num parque de diversão na cidade de São Paulo, o ocorrido deixou-lhe sequelas permanentes. Para ele os olhos tinham que estar perfeitos seja como cirurgião bucomaxilar nos hospitais, seja como dentista no consultório dele. Muito que gostasse da parte clínica Alberto não queria arriscar algum mal feito como cirurgião então afastou-se dos hospitais e vendeu seu consultório da Avenida Brasil e passou a se dedicar exclusivamente à docência.

Com a família em Araçatuba. (1958)

Em 1957 transferiu-se para a cidade de Araçatuba, a convite do professor e diretor dr. Carlos Aldrovandi onde foi professor titular da Cadeira Higiene e Saúde Pública da Faculdade de Farmácia e Odontologia. A Faculdade estava como instituto Isolado ligada ao sistema público de ensino. Naquela época a contratação não era feita por concurso, mas por indicação de algum docente que se interessava em agregar professores com especializações pertinentes ao Departamento. O professor Brandão iniciou seus levantamentos epidemiológicos em grupos escolares na cidade e região assim como em Uberlândia em Minas Gerais, como vemos na carta à sua esposa:



Querida Diva,

Espero que esta os encontre a todos bem. Eu, a não ser cansado e já saudoso, estou bem.

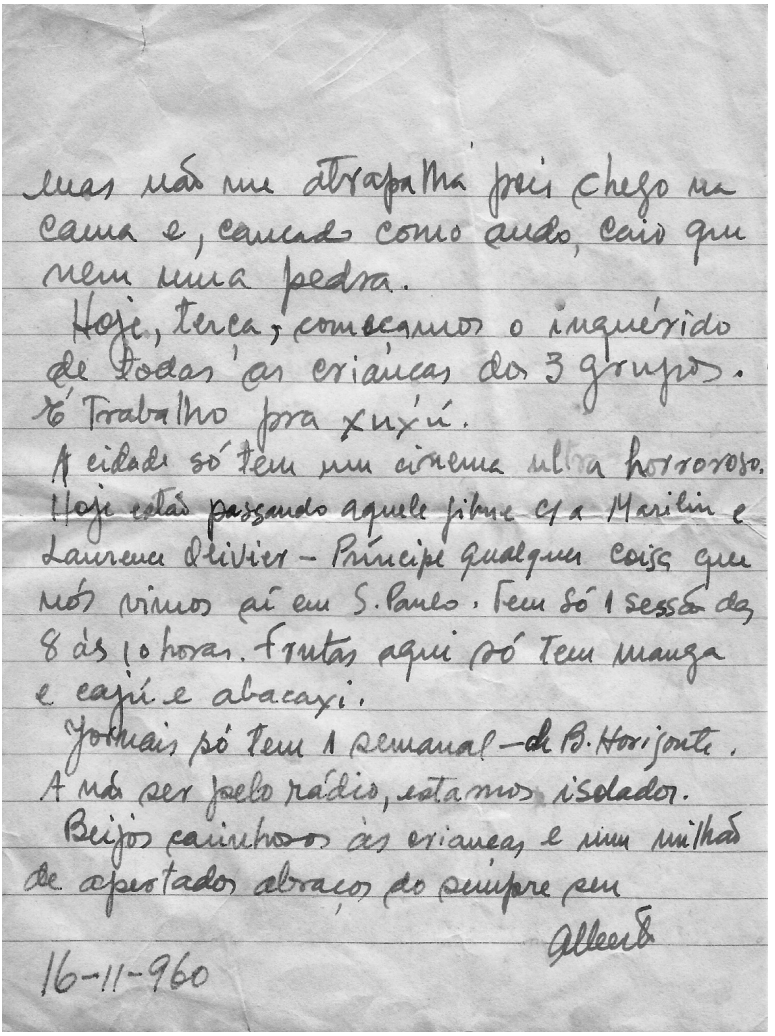
Fiz boa viajem, tudo de acôrdo com o programa traçado e não enjoei de avião.

A cidade de Governador faz-me lembrar Matão. Só que é comprida e estreita com o Trem passando no meio. Só pode mesmo crescer para os lados pois fica entre o Rio Doce e Montanhas.

O Hotel é melhor do que eu esperava, embora não seja bom.

Tenho como companheiro de quarto o Creuse, que ronca feio,

Carta de Alberto a Diva.



mas não me atrapalha pois chego na cama e, cansado como ando, caio que nem uma pedra.

Hoje, terça, começamos o inquérito de todas as crianças dos 3 grupos. É Trabalho pra xuxú.

A cidade só tem um cinema ultra horroroso. Hoje estão passando aquele filme c/a Marilin e Laurence Olivier – Príncipe qualquer coisa que nós vimos aí em S. Paulo. Tem só 1 sessão das 8 às 10 horas. Frutas aqui só tem manga e cajú e abacaxi.

Jornais só tem 1 semanal – de B. Horizonte. A não ser pelo rádio, estamos isolados.

Beijos carinhosos às crianças, e uma milhão de apertados abraços do sempre seu

Alberto

16-11-960

Carta de Alberto a Diva (continuação)

Como professor de saúde pública Alberto continuou seus estudos indo residir com sua família na cidade de São Paulo (1961/62)

para frequentar o curso de Saúde Pública da Faculdade de Higiene e Saúde Pública da USP, pois precisava se aprimorar na carreira universitária. No final do curso seu professor e reitor Dr. Artigas convidou-o a participar da recém-implantada Faculdade de Odontologia de Bauru como assistente da cadeira de Odontologia Social e Preventiva.

Formatura em Saúde Pública/USP.

Mas Alberto terminou o curso e foi residir com sua família em Maringá, no Paraná.

Com o cunhado e médico Alderico Alvite geriram uma Máquina de Café em Maringá de 1962 a 1966. O café era recolhido das fazendas vizinhas, limpo e passado por um beneficiamento, catavam o café nas esteiras rolantes e separavam por categorias. Depois eram lavados, secados ao sol e ensacados para a venda.

O motivo que levou Alberto a se afastar da docência e se dedicar ao café nunca foi esclarecido. Até o final de seu curso na

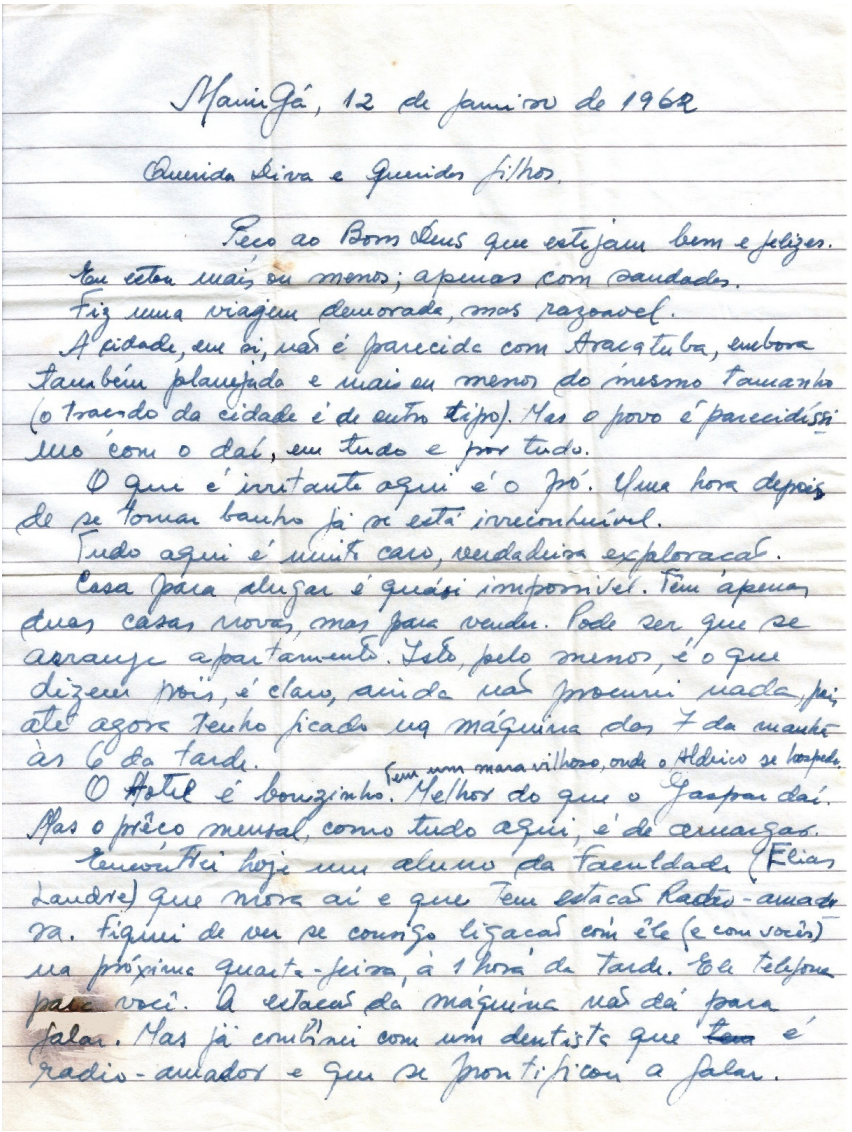
Faculdade de Saúde Pública da USP ainda mantinha vínculos de docência com Araçatuba, só se desligou oficialmente em 1962, justamente quando se mudou para Maringá.

O professor, agora sanitarista, tinha uma família relativamente grande, tinha que pensar como gerir e ainda como se inserir novamente na docência. Talvez estivesse reticente quanto ao destino da FOB, o curso era novo e nem tinha sede própria. Sua experiência como professor em Araraquara foi um sacrifício financeiro, engajou-se ainda aluno em 1946 na luta para a encampação da mesma à USP como Instituto Isolado e de 1948 até 1957 como docente, antes e depois da encampação não recebeu salário, lecionou por entusiasmo e idealismo e o processo de encampação se arrastou por anos.

O professor, após terminar o curso em Saúde Pública na USP queria ser contratado e ter um salário que pudesse sustentar toda a família e ficava desanimado quando se lembrava do sacrifício que fizera na luta pela estadualização da Faculdade de Odontologia de Araraquara, tinha receio que o mesmo acontecesse com a Faculdade de Odontologia de Bauru.

O regime de dedicação exclusiva à Universidade só chegou a ser obrigatório em 1965, podendo os docentes se dedicar às suas clínicas particulares, porém em 1962 não era o caso de Alberto voltar a clinicar e, portanto, não havia mais hipótese de sobreviver como professor voluntário.

Não queria arriscar a família indo de um lado a outro, precisava de um tempo para se organizar e Maringá parecia ser um negócio certo, seguro e muito promissor. Seu cunhado e família iriam residir na cidade e assim não estariam totalmente isolados.



Manaus, 12 de janeiro de 1962

Querida Diva e Queridos filhos.

Peço ao Bom Deus que estejam bem e felizes. Eu estou mais ou menos; apenas com saudades. Fiz uma viagem demorada, mas razoável. A cidade, eu diria, não é parecida com Araçatuba, embora também planejada e mais ou menos do mesmo tamanho (o traçado da cidade é de outro tipo). Mas o povo é parecidíssimo com o daí, em tudo e por tudo.

O que é irritante aqui é o pó. Uma hora depois de se tomar banho já se está irreconhecível.

Tudo aqui é muito caro, verdadeira exploração. Casa para alugar é quási impossível. Tem apenas duas casas novas, mas para vender. Pode ser que se arranje apartamento. Tele, pelo menos, é o que dizem pois, é claro, ainda não procurei nada, pois até agora tenho ficado na máquina das 7 da manhã às 6 da tarde.

O Hotel é bonzinho. (Tem um maravilhoso, onde o Alberico se hospeda.) Melhor do que o Gaspar daí. Mas o preço mensal, como tudo aqui, é de arrancar.

Encontrei hoje um aluno da Faculdade (Elias Landre) que mora aí e que tem estação Radio-amadora. Fiquei de ver se consigo ligação com êle (e com vocês) na próxima quarta-feira, à 1 hora da tarde. Êle telefona para você. A estação da máquina não dá para falar. Mas já combinei com um dentista que tem é radio-amador e que se prontificou a falar.

Carta de Alberto a Diva e filhos.

A Estádio dêle é de 7.050 kilociclos e chama-se PW5 BSF (Isto é para você falar com o Neiva, para ver se Êle consegue ligação para cá, pu na hora do almoço ou à noite) e o dentista chama-se Laércio Ferreira Lopes.

O Trabalho não é difícil. Já percebi tudo. Mas é cansativo e preso (7 da manhã até uma hora para saír)

Encontrei aqui um médico (Ricardo Klepis) que foi meu colega no Pré-Médico. Me levou ao Club e já nadei uma vez. Neste club também não tem jogo de cartas. Diz que tem aos sábados o Bingo (aquele jogo de cartelas). Mas tem bola ao cesto, Futebol, Tenis, volley, etc. Se nós viermos para cá a joia é de cem contos.

Encontrei também o Tibério de Araraquara e estou tentando comprar café dêle. O Tibério (José Tibério Miskey - radiologista) diz que depois do dia 15 vem o Zé Baiano (irmão da D. Candita cá da farmácia) que tem também 2.000 sacos de Café para vender. Até agora compramos só 150 sacos pois não é a época da safra e o mercado está instavel. Já estou mais ou menos intendido em café.

Fui uma vez ao cinema. As cadeiras não são estofadas mas, apesar disso, é bem melhor do que o S. Francisco.

E agora, a melhor notícia: creio que irei aí no próximo sábado.

Saudosos abraços para os queridos filhos e [illegible]pertadíssimo do êternamente seu

Alberto

O melhor é escrever para:

Cx. Postal 950 - Maringá - Paraná

Maringá estava em franco desenvolvimento, a cidade fundada em 10/05/1947 contava com 18 anos, havia poucas ruas pavimentadas, uma escola de primeiro e segundo graus pública, o internato Sagrado Coração de Jesus para moças e um seminário para meninos, dois hotéis, uma igreja católica, um hospital, uma delegacia, um cinema e um clube. Muitas Máquinas de Café e fazendas cafeeiras ao redor. A terra era roxa e a maioria das comunicações era feita por rádio amadores ou pelo correio, poucos habitantes conseguiam um telefone.

Foto da entrada da Máquina de Café de Maringá, o parquinho de diversão era para os filhos das catadeiras quando elas os levavam para o trabalho. A empresa era distante da cidade.

O apartamento de três quartos da família ficava no segundo andar no centro da cidade na rua Gilbert Carvalho número 366 num prédio sem elevador. Havia uma mercearia ao lado direito e uma quitanda ao lado esquerdo do prédio e nos dois estabelecimentos o modo de pagamento era à moda antiga, apontavam as despesas no

caderninho e o acerto de contas era ano final do mês. A Máquina de Café ficava fora da cidade e a estrada, cheia de curvas era perigosa nos dias chuva e pior ainda nos dias de pagamento dos funcionários. Não era a atividade que Alberto queria fazer, mas precisava de dinheiro para sustentar os estudos dos filhos. Dona Diva dava aulas de bordado em casa para as moças da cidade e fazia todo o serviço da casa. O único luxo da família era ir aos finais de semana nadar no Maringá Clube. As meninas estudavam no externato Sagrado Coração de Jesus em regime integral e quando não tinham atividades na escola Alberto as levava para brincar com os filhos dos funcionários da Máquina de Café que adoravam mergulhar nos montes de cascas de café no pátio de secagem que ficava atrás do prédio. O filho mais velho voltou a residir em Araraquara com seus tios para terminar seus estudos secundários na *Escola do Comércio*.

Na realidade, o negócio de café em Maringá era duro, o professor começava às sete da manhã sem horário para terminar e dependia sempre de boas safras. Alberto e Alderico não conseguiram contornar as geadas consecutivas dos anos que se seguiram e a concorrência era grande então resolveram fechar a Máquina de Café.

Alberto repensou no convite do Dr. Artigas e assuntou seus ex-alunos sobre a faculdade de Bauru. E ao que tudo indica, a recém implantada Faculdade de Odontologia de Bauru da USP não tinha em seus quadros um sanitarista com experiência em clínica e desde a sua implantação não haviam achado um professor para assumir. Alguns dos docentes da FOB, Dr. Mondelli e Dr. Vono que vieram de Araraquara e estavam residindo em Bauru asseguraram ao professor que a Faculdade de Bauru estava indo de vento em popa e que ia se firmar de fato em Bauru. Além disso, seu colega da faculdade de Saúde Pública da USP, dr. Ney Moraes estava se transferindo para a FOB e insistiu que Alberto enviasse seu currículo ao reitor dr. Artigas. Como o professor

Brandão preenchia todos os requisitos do cargo, firmando finalmente o contrato, trouxe a família para Bauru.

Da esquerda para a direita Ana Maria, Alberto, Maria Inez, Diva, Maria Regina e Francisco Celso.1965

Brandão e sua família chegaram em Bauru no ano de 1966 numa velha rural willys verde e branca empoeirada das terras roxas do Paraná. A família se instalou inicialmente na Rua Saint Martin 21-48, nos altos da cidade, próximo ao Grupo Escolar Silvério São João na qual abrigava a sede da USP, pois o prédio da Universidade só ficou pronto em 1967. Tudo foi se ajeitando e as meninas foram estudar no Instituto de Educação Ernesto Monte e seu filho mais velho já estava cursando a faculdade de Sociologia em Araraquara, morando com a família Corrêa.

III - TRABALHOS EXTRAMUROS EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

A implantação dos trabalhos extramuros no ano de 1966 pelo Departamento de Odontologia Social de Bauru, levadas a cabo pelos professores Alberto Brandão e Eymar Lopes foram no sentido de aprofundar os laços da academia com a comunidade local, não só no fornecimento de contingente humano de ambas as partes para as pesquisas e ensino como também para desenvolver políticas de saneamento público na cidade. As clínicas extramuros, os trailers e o trem foram de suma importância para o fornecimento de dados e melhoramento da atuação da FOB na saúde da cidade e região.

Levantamento saúde bucal nos grupos escolares da cidade de Bauru

O professor Brandão teve destacada atuação na renovação da mentalidade do Ensino Superior pois tornou possível aos seus alunos construir o saber a partir da interação academia/sociedade, que ao seu entender era indissociável. Podendo surgir desta experiência um saber genuinamente brasileiro.

No tocante à Saúde Pública no Brasil dos anos 60, a atuação do Ensino Superior deixava muito a desejar dada a falta de compromisso com a sociedade e estava, portanto, num patamar muito aquém do seu potencial, sobretudo se pensarmos na concentração destas faculdades nos poucos Estados comparada ao território nacional: São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia E a situação se agravava com o modelo engessado de Ensino e Pesquisa.

O Departamento de Odontologia Social recém implantado era vinculado justamente à parte de Extensão. E o professor Brandão, muito dinâmico, criou vários pontos de atendimento e pesquisa que foram diminuindo paulatinamente após sua morte.

Como professor, Alberto incentivava cada um de seus alunos sem nunca os criticar, tinha uma maneira de lidar com eles muito peculiar, principalmente para a época, que exigia o uso do guarda pó e sentar-se na cadeira posicionada num nível mais elevado que os alunos. Professor Brandão fazia questão de conversar com eles no mesmo nível, andava de um lado a outro, interagia com um e com outro, exaltava as qualidades e incentivava a participação dos alunos. Como não perdeu totalmente seu sotaque lusitano, os alunos e professores brincavam com ele que recebia e devolvia tudo com muito bom humor.

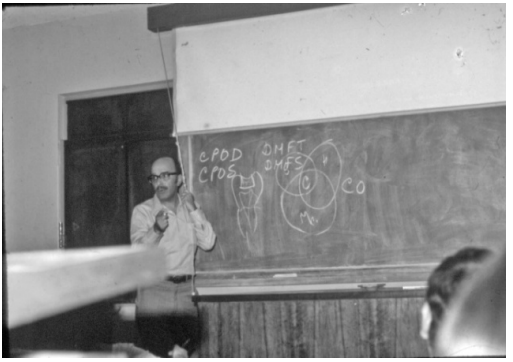
Tendo abdicado de seu maior sonho, a Medicina, capaz de atravessar o Atlântico de navio, foi como professor de Saúde Pública que encontrou verdadeiramente sua vocação. Era um apaixonado pelo que fazia e esta qualidade foi bastante ressaltada pelos inúmeros depoimentos de ex-alunos e companheiros de departamento que o descreviam como um homem admiravelmente entusiasmado, simpático e prático, lembrando-se dele com carinho. Não gostava que o chamassem de doutor, embora o fosse, queria ser chamado de professor.

Brandão era uma pessoa simples mas de grandes ideias e considerado um homem de ação por todos. Com seu imenso conhecimento técnico e prático da profissão (vide número de especializações e atividades nos anexos) empenhava- se em conscientizar seus alunos *in loco* de como deve atuar um profissional de Saúde Pública levando-os a expandir suas potencialidades na profissão que abraçaram.

Seu método como professor era passar o conhecimento nas pesquisas e levantamentos de saúde bucal das sete escolas de primeiro grau da cidade, onde ele montou clínicas odontológicas em parceria com a prefeitura da cidade. No local os alunos registravam em fichas, como também em fotos e anotações.

Nas salas de aula o professor debatia com eles sobre estes pontos e os temas registrados durante estas atividades extramuros de

Bauru e levantavam-se propostas de solução para estes problemas. Ele estimulava os alunos a desenvolver a criatividade e o trabalho em equipe, sabia que era necessário despertar a autoestima, a criatividade e a responsabilidade dos futuros profissionais, fossem cirurgiões ou sanitaristas.



Sala de aula da FOB. (1967)

Levantamento em Grupo Escolar.

Com seus alunos promovia palestras para os professores e alunos daquelas escolas primárias sobre a higiene correta na

escovação dos dentes e nos cuidados com a gengiva, além de darem conselhos sobre a mastigação nas refeições e o perigo do açúcar nas balas e guloseimas. Seus alunos das turmas mais avançadas restauravam os dentes das crianças e aplicavam flúor para prevenir cáries não só nestas escolas, mas como nos dois trailers que percorriam a periferia da cidade atendendo crianças, adultos e idosos.

Palestra sobre saúde bucal

Tratamento dentário nos grupos escolares

Muitas vezes o professor tinha que levar vários alunos em seu próprio carro pois as atividades extramuros não eram bem aceites pela comunidade acadêmica de sua faculdade, que ainda permanecia, acomodada, no perfil conservador de Ensino e Pesquisa. A Academia, embora aceitasse as atividades dos alunos nas clínicas em trabalhos intramuros era contra as atividades extramuros. Professor Brandão fez um trabalho árduo de convencimento entre seus pares. Era imperioso que a Universidade participasse com sua capacidade do melhoramento da Saúde Pública da cidade. E ele, como professor, deveria mostrar e resolver problemas com seus alunos "in loco", para ele não havia outra forma de atuação como sanitarista. A enorme curiosidade e animação dos alunos em realizar estas atividades extramuros venceu o comodismo da academia!

No departamento de Odontologia Social o professor Brandão era definido entre seus pares e alunos como um "homem de ação". Um homem entusiasmado, otimista e realizador.

Levantamento sobre saúde bucal em Grupo Escolar.

Colocava mãos à obra, encontrava soluções e pessoas, realizava atendimentos, arranjava meios de consertar equipamentos e levar saúde às creches e acabava por envolver muita gente. Não tinha ninguém no departamento para fazer a parte de montar a infraestrutura destas operações inovadoras.

No sentido metafórico ele era a chama acesa da nova filosofia de integrar a faculdade com a comunidade. Ele abria caminho para os alunos com as autoridades locais e permanecia presente com seus alunos nas pesquisas e nos trabalhos assistenciais.

O departamento lhe cobrava publicações de suas pesquisas, mas ele preferia trabalhar em campo pois sabia ser o único entusiasmado para colocar em prática equipes em campo com qualidade e organização, além de especialista em Saúde Pública tinha sólidas bases de patologia e muitos anos de prática em clínicas e em Hospitais como cirurgião dentista ou sanitarista. Era bom líder e organizador, sabia trabalhar em equipe. Ele envolvia grande volume de pessoas em seus projetos e depois em expedições pelo projeto Rondon, que a FOB participou juntamente com outras Instituições de Botucatu, Jaú e Avaré.

A Faculdade não conhecia nenhum professor brasileiro com as especializações e experiência de trabalhar em equipe e em grandes operações. Brandão construiu um invejável *Curriculum* ao longo se sua prática como sanitarista. O professor mudou alguns costumes do departamento pois não queria que o trabalho de prevenção fosse só a extração de dentes e a vacinação, mas a restauração dos dentes que ainda podiam ser restaurados, o controle do tratamento das águas da cidade, o controle das epidemias e a preparação dos professores primários em técnicas de prevenção, higiene e alimentação mais saudável. Estreitou os laços das várias especialidades médicas e em casos de pacientes mais graves ele levava ao "Centrinho" para cirurgia e tratamento, que estava iniciando sua edificação. O professor Brandão foi um grande entusiasta e incentivador do Centrinho.

O professor trabalhava duro para que a FOB e a Prefeitura de Bauru, como a Noroeste do Brasil e mais tarde a Força Aérea Brasileira fornecesse a infraestrutura para a realização destas ações e assim poder oferecer aos necessitados a atenção e assistência de seus alunos que construíam um saber na prática. Ele empolgava seus alunos para não só arrancar dentes mas enxergar o indivíduo como tal. A forma como tratava o ser humano e ensinava, exemplificando, aproximava os alunos da realidade e de seu próximo. Se seu pecado foi não ter deixado volumes de publicações

acadêmicas para faculdade o mesmo podemos dizer do pecado do Departamento em não preservar os registros, levantamentos, relatórios, estatística dos dados recolhidos e fotos das atividades extramuros que a academia acabava de implantar com muita competência. Os relatórios e fotos destas atividades dos anos 70 foram, segundo depoimento do Dr. Douglas Pereira de Oliveira incinerados e não se sabe em que ano.

O departamento lhe cobrava artigos, mas o professor Brandão preferiu realizar do que escrever, sabia que mesmo não deixando sua obra editada em livros na biblioteca, estariam nas ruas e nas pessoas, que suas sementes falariam por si só. Embora fosse um homem extremamente culto e escrevesse muito bem, optou pelo trabalho de campo, o corpo a corpo com os alunos, pacientes, patrocinadores, apoiadores, mecânicos, diretores de universidades, prefeitos e governadores, ferroviários e aeronautas, civis e militares. Quem mais o faria?

Com sua mulher Diva e Dr. Ney Morais. Defesa de tese (1969).

A semente da responsabilidade dos estudantes com a comunidade foi plantada com a perseverança do professor Brandão, defensor incansável da Saúde Pública. Nos anos em que o professor Brandão esteve no Departamento de Odontologia Social na FOB (1966 a 1975) incluiu matérias e pesquisas de campo, os chamados trabalhos comunitários, Extramuros. Com a sua persistência e liderança conseguiu realizar o que a vanguarda do Ensino Superior propunha para o desenvolvimento da Nação. Esta prestação de serviço era largamente recompensadora para os alunos com experiências *in loco* dos problemas e de soluções da realidade do país além de os habilitar como profissionais a trabalhar em equipe Os alunos aprendiam com as especificidades das comunidades e

levavam para a academia seus problemas para serem resolvidos construindo um saber "a duas mãos". Também criaram laços entre si, descobrindo e fortalecendo habilidades ajudando em seus projetos pessoais. Talentos adormecidos foram descobertos.

Participaram das expedições de Saúde Pública patrocinadas pelo Projeto Rondon e interagiram com profissionais de outras áreas e outras regiões. Muitos se lembram com carinho destas atividades que acabavam se transformando em verdadeiros campeonatos de extração de dentes, aplicações de vacinas e injeções; de "gambiarras" que improvisavam para resolver este ou aquele problema devido ao tamanho e ao volume dos trabalhos realizados. Deste modo, os alunos puderam se debruçar sobre o papel de sua profissão num contexto social mais profundo. Até o término deste projeto de Saúde Pública Nacional participaram 350.000 estudantes das mais diversas regiões.

Em 1996 a FOB tinha apenas duas dessas clínicas extramuros: a do Redentor e a da Vila Independência o que faz pensar na perda irreparável deste brilhante sanitarista falecido em 1975, quando ainda estavam em atividades sete das clínicas que montou em 1966/67.

Ainda em 2017 as atividades extramuros não fazem parte do currículo oficial da faculdade de Odontologia de Bauru e não se sabe porque, pois desde a primeira reunião do I Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão Universitária, em 1987, na Universidade de Brasília, ficou definida com mais rigor as ações e o próprio significado de Extensão Universitária. As atividades extramuros se encaixam perfeitamente nas diretrizes e especificações da Extensão Universitária. Vejamos o resultado deste Fórum nos dias 04 e 05 de novembro daquele ano:

"A Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade.

A Extensão é uma via de mão dupla, com trânsito assegurado à

comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxi de um conhecimento acadêmico. No retorno à Universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. Esse fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados, acadêmico e popular, terá como consequência a produção do conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional, a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da Universidade. Além de instrumentalizadora deste processo dialético a de teoria/prática, a Extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece visão integrada do social".

*(*Fórum Nacional, 1987). Fonte:NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel (org). Extensão Universitária: diretrizes conceituais e políticas – Documentos básicos do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras 1987 – 2000. Belo Horizonte: PROEX/UFMG; o Fórum, 2000.

IV- PROJETO RONDON (1967-1975)

A ONU, através do Secretário Geral para assuntos de Educação da UNESCO, o Brasileiro Flecha de Lima, pediu ao Ministério da Educação que se fizesse uma análise da realidade brasileira e dos conflitos gerados pela falta de assistência especializada à população miserável do Brasil e que em muitos casos encontrava-se em situação de escravidão.

O Ministério da Educação e da Cultura promoveu uma reunião, em 1966, no então Estado da Guanabara, com universidades do Rio de Janeiro e sobretudo, com estudantes que queriam ajudar na resolução dos nossos problemas básicos. A iniciativa coube ao prof. Wilson Choeri, que desenvolveu o seminário de Educação e Segurança. Desta reunião decidiram que Rondônia seria o ponto de partida para analisarem a situação e fazerem um

plano de trabalhos: levantamentos epidemiológicos, levar medicamentos, aplicar vacinas, primeiros socorros, higiene, alfabetização, etc. (Fonte: Fundação Projeto Rondon)

Esta primeira operação, do dia 11 de julho de 1967, batizada de Pro-zero foi promovida pela Escola do Comando do Estado Maior do Exército (ECEME); participaram 30 universitários das diversas áreas e dois professores universitários que permaneceram na região por 28 dias. Foi tamanho o sucesso em atendimento e em propostas de solução de problemas que imediatamente outras universidades quiseram participar. O Estado de São Paulo aderiu prontamente atuando fortemente nas futuras expedições.

Desta espontânea e proveitosa parceria da sociedade civil (universitários/ futuros profissionais) com as Forças Armadas (Exército, Aeronáutica e Marinha) nasceu o Projeto Rondon[1], que ficou subordinado ao Ministério da Educação, do Interior e da Defesa. Promoveram desenvolvimento nas regiões mais pobres assim como uma extraordinária oportunidade para se traçar um plano nacional de Educação. Com os Campi Avançados formaram as escolas técnicas de diversas especialidades: eletrônica, enfermagem, magistério, mecânica, construção civil, etc.

---

1 Para que entendamos por que este Projeto Universitário recebeu o nome de Rondon: Cândido Mariano da Silva Rondon, Patrono da Arma de Comunicação do Exército Brasileiro, era de origem indígena, por parte materna dos Bororôs e Terenas, por parte paterna dos Guarás. Rondon fez o primeiro mapeamento e estudos sobre as etnias indígenas, pacificou diversas tribos dentre elas Bororô (1901), Botocudo (1911), Umotina (1918), Parintintim (1922), Urubu (1928), Xavantes (1946), criou o Parque do Xingu em 1952. Promoveu a paz entre a Colômbia e o Peru (1938) quando disputaram Letícia. Implantou as primeiras linhas telegráficas do país. E em 1910 passou a organizar e a dirigir o Serviço de Proteção aos índios, a atual FUNAI, perfeiçoando o mapeamento de várias etnias e povoamentos. Em 1955 recebe o título Honorário de Marechal, em 1957 foi indicado ao Prêmio Nobel da Paz. Faleceu em 1958 aos 92 anos de idade. (Fonte Wikipédia/dez 2017).

Primeira sede do Projeto Rondon em Bauru, era na rua Antônio Alves 13-5.

O Projeto Rondon foi se organizando primeiramente em expedições regionais e depois em operações nacionais implantando os Campus Avançados. Com o tempo e experiência foram aperfeiçoando a forma de trabalhar, quer na organização, na hierarquia, nos objetivos quer com os recursos e patrocínios. No início foi tudo meio caótico e improvisado, as soluções iam aparecendo à medida que o Projeto ia evoluindo. A ideia das Universidades de formar os GTU (Grupo de Tarefa Universitário) apareceu logo nas primeiras operações, mas só se aperfeiçoou quando o Projeto Rondon começou a segunda fase: a construção dos Campi Avançados.

È importante destacar que este esforço universitário não partiu apenas de Faculdades e Universidades Públicas, mas das privadas também, como por exemplo, da Faculdade do Sagrado Coração e a da Instituição Toledo de ensino em Bauru.

O lema e o objetivo de "Integrar para não Entregar" foi

alçando força, com dupla finalidade:

Primeira - A Universidade devolvia o privilégio do conhecimento científico e da profissionalização em forma de prestação de serviço àqueles que nada tem, àqueles excluídos da sociedade, integrando-os como cidadãos e capacitando-os para fazer progredir seus municípios, ao mesmo tempo que aprendia a realidade brasileira em sua diversidade e assumia a responsabilidade pelos rumos do país podendo gerar novas experiências no campo do Ensino:

Segunda - Oferecia às forças armadas auxílio inestimável em sua estratégia de interiorização e defesa do nosso território, mormente a preservação da Amazônia e fronteiras.

A saída da caravana Projeto Rondon em direção a Corumbá. O professor Brandão está em segundo plano, é o sétimo em pé a contar da esquerda para a direita, atrás de sua esposa Diva (vestido xadrez). Estação de trem da Noroeste de Bauru. Projeto Rondon. (1968)

Neste mesmo ano, 1967, o professor Alberto Brandão, entusiasmado como era, viu no Projeto Rondon a oportunidade que

lhe permitiu estender o seu trabalho muito além das atividades extramuros e engajou-se como Assessor de Planejamento de Saúde Pública da Sub-coordenação de Bauru. Em 1968, a convite do general Ramiro Correta Junior, o professor Brandão planejou, coordenou e dirigiu a primeira expedição de Bauru saindo da cidade rumo à Corumbá/Bolívia, sendo ela denominada Projeto Rondon I – Amazonas. Como o general era superintendente da Estrada de Ferro da Noroeste do Brasil, colocou à disposição do Projeto Rondon uma composição inteira da Noroeste do Brasil para servir como laboratório, consultórios, dormitórios e restaurante. O professor Brandão inventou um método para gerar energia para os aparelhos médicos e odontológicos quando os trens ficavam parados. A Noroeste de Bauru cedeu técnicos e uma equipe de restaurante e cozinheiros foi destacada pelo senhor Claudio Amantini, também como a alimentação para toda a expedição.

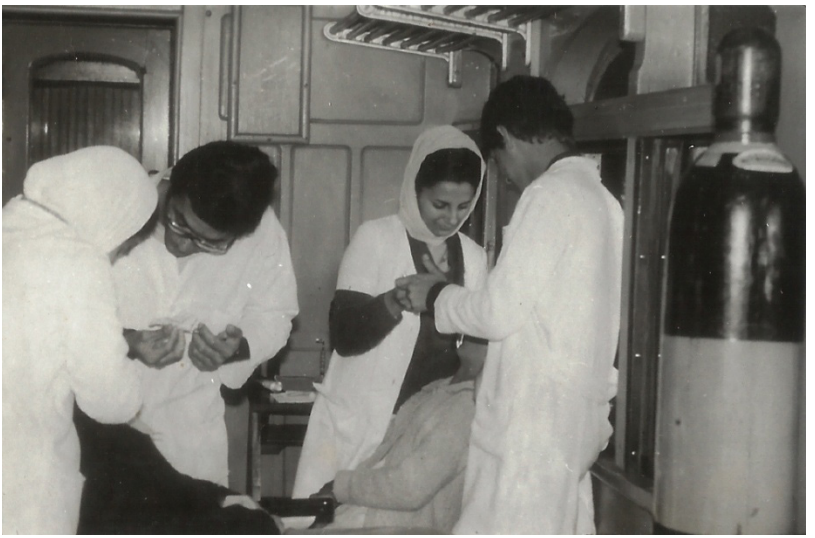
A Universidade do Sagrado Coração de Jesus foi de importância capital para o sucesso desta operação pois foi ela que abraçou com mais amor e dedicação a organização, também fornecendo a maior parte dos estudantes. A participação da USC no projeto Rondon merece um capítulo especial mas como a instituição tem seus arquivos disponíveis na internet para a consulta pública sugiro que os consultem.

Segundo depoimento do dr. Osny Silveira, que participou do planejamento das instalações nos trens:

> *"Nós tínhamos uma centena de estudantes de todas as áreas. Nós tínhamos um carro de segunda para as reuniões que a gente punha no meio, separando o carro dos meninos e o carro das meninas. O carro dos meninos era aquele sarcófago grande, com portinhola, que você entrava e sentava, só tinha a caminha e deitava e fechava a porteirinha. Já o carro das moças era uma cabine,*

tinha espelho, pia e duas camas. A gente ia direto para Corumbá e depois voltava parando nas Turmas da Noroeste, Turmas eram aquelas casas ao longo da ferrovia que servia à manutenção dos trens e alojamento para a tripulação e apoio da Noroeste do Brasil "

A caravana de Bauru do PRO I saiu de Bauru no dia 16 de maio de 1968 com 78 estudantes de três cidades: 69 de Bauru, 7 de Jaú e 2 de Botucatu, mais da metade eram mulheres (50). Contava ainda com mais 2 professores, dr. Osny Silveira e dr. Rodolfo Pereira Lima. Em Aquidauana juntou-se à caravana os doutores Pedro Osório, Rui Barbosa Ferraz e João Carlos de Assunção, do Hospital da Noroeste da cidade.



Vagão do trem da Noroeste transformado em clínica odontológica. Nota-se o tubo de nitrogênio para gerar energia para os aparelhos.

Segundo reportagem do jornal *Diário de Bauru* do dia 28 de julho de 1968 acerca do sucesso do Projeto Rondon o professor Brandão disse ao repórter:

"*Temos encontrado dificuldades como falta de água, luz, alguns medicamentos, porém o projeto vai muito bem haja visto os resultados obtidos. Os estudantes trabalharam com dedicação estupenda. As moças tratavam dos garotos como se fossem seus irmãos. Note-se que os estudantes perderam suas férias escolares para darem um pouco de calor humano, um pouco de si mesmo para aquelas pessoas que vivem na mais extrema miséria, totalmente desamparadas pela sociedade. Encontramos famílias residindo em grutas sem ter onde dormir. Louve-se, pois, o trabalho destes jovens!*"

Logo o Projeto Rondon viu a necessidade de permanecer nestes lugares e criaram os Campi Avançados que davam suporte permanente. Para tal aperfeiçoaram os GTU (Grupo de Tarefa Universitário) e preparam e montaram dos cursos técnicos destinados à comunidade O principal entrave nesta fase foi a liberação

dos estudantes universitários pelos diretores das universidades para as atividades permanentes nos Campi.

GTU**.** Dr. Luiz Casatti Alvares (FOB), coronel Domício Silveira (ITE), Dr. Brandão, Wilma Zanlocchi (Avaré), Prof. Lucila Rosseto (FAFIl), Rubens José Lopes e José Roberto Moraes dos Santos (FEB), Francisco Dal Médico e Pierre Onklinc (Botucatu), Alvir (Jaú) e Rinaldo Poncio Mendes (Botucatu).

Fazenda.
' Ao concluir sua fala, o prof. Delfim Neto afirmou: "O Govêrno não deseja

dividamento externo, pois não quer ver transferido para o exterior o centro de decisão nacional".

Universitários farão pesquisa em 50 cidades

Em companhia do major Aluisio Benedicto Castanheira de Souza, seu antecessor no cargo, visitou-nos ontem o prof. Alberto Brandão de Rezende, novo coordenador da Subcoordenadoria do Projeto Rondon. Informou-nos o visitante que o prefeito Alcides Franciscato assumira a presidencia de honra da Comissão de Instalação do "Campus" Avançado da área de Bauru, do Projeto Rondon, com sede em Humaitá.

of. Alberto Brandão de zende, da FOB, novo co-denador da Subcoorde-oria do Projeto Rondon.

LEVANTAMENTO DO MEC

O prof. Brandão está iniciando os contatos alusivos às suas importantes funções de coordenação do Rondon, no ambito regional, manifestando-se muito esperançoso de obter exito nas tarefas que lhe foram confiadas.

O Ministerio da Educação, segundo informou o prof. Brandão, vai fazer, durante o segundo semestre letivo e por intermédio de universitarios que integram o Projeto Rondon local, um levantamento em cinquenta municipios do nosso Estado. Serão pesquisados os estabelecimentos de ensino primario e secundario e após o levantamento o MEC verificará as necessidades de cada municipio, suprindo-os de recursos na medida das possibilidades do Govêrno Federal.

Os professores das diversas áreas e Instituições trabalhavam em conjunto na organização das estratégias de ações, os GTU, tinham liberdade de decidir, mas não eram remunerados, assim

como os alunos que trabalhavam em regime de voluntariado no período de férias nas operações regionais, e depois em períodos escolares em regime de rodízio nos Campi. Os militares faziam toda a comunicação e logística; o BEC (Batalhão de Engenharia de Construção, unidade especializada em construção de estradas e pontes) recebia os coordenadores, assim como o DERAM (Departamento de Estrada de rodagem da Amazônia) recebiam os alunos em seus alojamentos e ajudavam na construção de edifícios e estradas. A Marinha levava a comitiva do Projeto Rondon pelos rios Madeira e Mamoré, ou onde era preciso ir. A Aeronáutica cedeu 6 aeronaves DC-3 (a maioria negociadas com a VASP) e pilotos, aeroportos militares e o IPASE entrou com o engenheiro e recursos para pagamento dos pedreiros, também levou medicações, alguns poucos equipamentos hospitalares e mais tarde contratou médicos.

Nas fotos a seguir podemos ver o embarque de Bauru para o Campus de Humaitá, em 1972.com um dos aviões da FAB já com a logomarca do Projeto Rondon exclusivo à região Amazônica (ver no Capítulo álbum de fotos). Todas estas aeronaves cedidas ao P.R. eram aviões turbo-hélice com capacidade de 2 tripulantes e a cabine podia ser para carga e ou cabine de passageiros, podiam transportar de 28 a 32 passageiros dependendo da finalidade e disposição da cabine maior. As aeronaves operaram até 1980 no P.R. Não sabemos se a VARIG contribuiu com outros equipamentos, a CRUZEIRO ajudou no Projeto transportando rondonianos até Manaus em suas aeronaves nos primórdios do Projeto.

Major Mário de Mello

Embarque da equipe do Projeto Rondon

Rio Madeira, alunos da FOB com o professor Paulo Amarantes de Araujo

Equipe de estudantes se locomovendo às aldeias

O total de estudantes envolvidos nas diversas caravanas do Projeto Rondon só ano de 1968 foi de 4.000 e atenderam milhares de pessoas. Durante o período em que ficou em operação (1967

a 1989) foram 350.000 estudantes atendendo a muitos milhares de desassistidos. Ajudaram na implantação de infraestrutura por onde passaram. Criaram 23 Campi Avançados que envolvia desde alfabetização, higiene, saúde, profissionalização e até projetos de pontes e estradas. Um projeto verdadeiramente de integração nacional.

Inauguração do Campi de Humaitá e o alojamento dos coordenadores. Nota-se o sacrifício destes homens que deixaram o conforto dos seus lares para dar aos menos assistidos atenção e suporte.

As dificuldades encontradas para a implantação do Projeto Rondon foram inúmeras, sobretudo nos Campi Avançados, se observarmos a localização dos Campi no mapa brasileiro teremos alguma noção do grau de dificuldade, ressalto dentre estas dificuldades a mata amazônica, que nos anos 60 ainda permanecia virgem, muito diferente do que é hoje, entretanto, uma geração de homens idealistas que trabalharam de forma voluntária para a realização deste projeto, não mediram esforços, arriscaram suas vidas, sacrificaram a convivência com os familiares, acreditaram na construção de um Brasil melhor, mais humano e justo levando assistência aos pobres pelos rincões do país. Homens altruístas, apaixonados pelo povo e por suas profissões, homens conscientes da realidade e coerentes com seus sentimentos e que souberam transformar o amor em ação. São atores que merecem ser lembrados não como figuras de si mesmos, mas como exemplo de seres humanos. Ao longo do trajeto do professor Brandão como coordenador de área e de diretor de Campi do Projeto Rondon, pode ele vivenciar inúmeras passagens dramáticas, decisivas e em algumas delas até cômicas. Não pretendo narrar todas, mas algumas merecem ser registradas, não só pelo fato em si, mas como referência da personalidade dos atores envolvidos. O registro do trabalho de coordenação do professor com o comandante do Serviço Aéreo do Projeto Rondon, Major Mello para a montagem do Campi de Humaitá é uma destas histórias que merecem nota pela camaradagem, amor e idealismo destes atores.

Em 1972, o professor Brandão, adoecido e cansado em sua tripla jornada de professor e coordenador de Área do P.R foi destacado para a implantação do 15 Campi Avançado. Segundo dr. Casatti (1996), professor da FOB e diretor do GTU em 1972, o Campi de Humaitá foi um dos mais difíceis de ser implantado, pois da primeira tentativa haviam falhado e por isso apelaram ao professor Brandão para a sua realização. A previsão era só entregar em 1973. Apesar de estar cansado o professor Brandão abraçou a

missão Eram tempos difíceis em que a camaradagem e o esforço pessoal contavam mais que os recursos propriamente ditos. Foi graças aos esforços conseguidos junto ao dr. Antônio Ricci, Secretário da Saúde de Humaitá e do IPASE que o 15 Campi decolou. O IPASE foi o embrião do INPS e estava ligado também a Secretaria do Trabalho (foi criado em 1938). Após a doação do terreno através da prefeitura ao PR, este instituto forneceu o engenheiro e o Departamento de Estradas e Rodagens colaborou enviando alguns técnicos e trabalhadores, juntaram a eles diversas outras instituições que receberam os estudantes e trabalharam em conjunto. Nesta fase o professor Brandão precisou muito dos Serviços Aéreos porque estava professor da faculdade de odontologia, coordenador de Área do Projeto em Bauru e diretor do 15 Campi, três funções que demandam muito esforço e cooperação, assim era natural que amizades nascessem entre muitos de seus companheiros de trabalho como com o Major Mello.

As cartas trocadas entre o professor Brandão e o Major Mário de Mello, são registros destas dificuldades nos esforços empreendidos em prol do Projeto Rondon, do empenho, da inteligência, da fraternidade e sobretudo, do caráter destes brasileiros.

Rio, 07 de dezembro de 1972

"Velho Amigo" Brandão

Para evitar o contato mais formal através da coordenação geral, tomo a liberdade de conversar a respeito dos voos transportando a "equipe" de Bauru para Humaitá e vice-versa.

Acontece que Humaitá é o 15º campi instalado e nós temos já a experiência sofrida dos 14 anteriores, e é em função desta experiência que nós elaboramos certas normas que visam acima de tudo a segurança do voo e do universitário.

À semelhança dos 14 primeiros, Humaitá está tentando seguir o caminho errado na questão do aproveitamento do avião. É vedado

a utilização das vagas que porventura surjam, com o preenchimento de elementos que não sejam integrantes das equipes, devido as razões que tentarei explicar:

I - Nós voamos sempre nos limites máximos de peso, portanto qualquer folga apresentada por um número de passageiros inferior *ao previsto deverá reverter em segurança, despreocupação para o piloto e conforto para o universitário.*

II - Já é usual o lema:" O carona só dá mão de obra". Eu explico: ao universitário é exigido uma série de comportamentos durante a viagem, na sua bagagem de 15 kg, na utilização do banheiro, na sua bagagem pessoal para pernoites eventuais, tirando a liberdade do universitário por ser um elemento estranho à nossa convivência.

III - O próprio diretor do campus será tão assediado com os pedidos de transporte que fatalmente fará concorrência com o C.A.N (Correio Aéreo Nacional) e às companhias particulares, impedindo até mesmo o desempenho de suas principais funções.

IV - Já é proibido o transporte de pessoas estranhas nos demais campus, seria Humaitá uma medida de exceção.

V - Através das relações de universitários que sobem para os campi, nós jogamos muitas vezes com uma vaga de retorno para um ou mais elementos de uma administração de campi, que porventura necessite regressar por motivo de saúde, férias, etc...ou até mesmo um universitário que tenha que ser removido em emergências.

VI - Problema de alojamentos nos pernoites eventuais que nos são fornecidos já é em caráter de emergência apresentando sempre o fato consumado: "não tenho recursos para pagar Hotel".

VII - E teríamos inúmeros outros itens que poderíamos mencionar aqui.

Lembro o velho amigo que quando da instalação de seu campus, não medimos esforços afim de normalizar o voo até Humaitá, que teria sido previsto somente até Porto Velho.

Existe um outro estudo que estamos fazendo para que o seu voo seja executado pelos aviões da FAB em conjunto com as gaúchas de

Porto Alegre para Porto Velho.

Esperando que o companheiro "entenda" as nossas ponderações e "engrene" conforme os outros campi, vamos ficar por aqui desejando um Feliz Natal e um Ano Novo com muito sucesso na sua administração, muita paz junto aos seus.

Aquele abraço,

Mário de Mello.

Antes de transcrever a resposta do professor Brandão, gostaria de esclarecer que os excessos de peso, bagagem e hospedagem dos quais o Major se refere (in off) eram as crianças com fissuras labiais que o professor transportava com as mães afim de serem operadas no Centrinho em Bauru. Não estava nas regras da FAB nem no regimento do Projeto Rondon, mas o professor sempre acudia estas crianças e criava exceções, hoje podemos falar delas sem prejuízo ao Major Mello.

Campus Avançado de Humaitá

Em 21 de dezembro de 1972

Velho e Caro Amigo Mello

Pela sua carta de 7/12 tomei conhecimento das ponderações a respeito do uso das vagas do avião.

Como venho, desde de 1968, me dedicando quase exclusivamente ao nosso querido projeto, é óbvio que conhecia todas as regras, tão claramente expostas por você (aliás, parabéns pela sua redação) mas está claro que não há regras sem exceção.

Entretanto como num dos voos de janeiro próximo ou, no máximo, de fevereiro eu me afastarei definitiva e totalmente do nosso querido P.R, prometo que cumprirei todas as suas determinações.

Pela minha pequena experiência de Diretor de Campus, pela já conhecida franqueza de português e em nome da nossa "velha" amizade, permita-me a liberdade que tomei de apresentar-lhe as minhas considerações:

1. A segurança de voo foi previamente estabelecida por você: 8 pessoas -600 quilos. Ponto final.

2. Se o diretor do Campus for bom e honesto deve ser prestigiado de todos os meios e de todas as formas. No caso de qualquer assunto a discutir isso deve ser feito pelo Comandante do avião e o Diretor na medida e nos modos de dois indivíduos de formação superior interessados em servir com inteligência e dedicação ao projeto e ao Brasil e jamais pela tripulação de modo inadequado (Creia que eu não estou ofendido pois sou humilde e compreensivo).

3. Um Campus que pretenda trabalhar e produzir tem necessidade absoluta dessas vagas, ora enviar alguém para treinamento ora para tratamento específico, etc, ou ainda, como no caso do Tenente do 5 BEC que provocou esta troca de correspondência, em situações tais, irrecusáveis, que facilitam brutalmente o nosso trabalho e que a recusa, na Amazônia, atrapalharia moral e materialmente o Diretor.

4. Cada Campus que planeje o retorno para férias etc, de acordo com as suas vagas e não em fase de possíveis vagas do outro campus.

5. "O carona só dá mão de obra". Absolutamente de acordo mas meu querido é precisamente para isso que nós estamos aqui: fornecer a mão de obra necessária para resolver os problemas da comunidade.

1. O Diretor do Campus não será assediado pois está limitado: 8 vagas- 600 quilos.

Enfim, se um dia tiver o grande prazer de voltar a encontrá-lo e abraçá-lo, poderia acrescentar infindáveis argumentos que, creio, justificaria esta minha opinião.

Mas como lhe disse acima eu vou "descalçar" as chuteiras. Estou velho e cansado, embora não desiludido. Tenho a consciência do dever cumprido, me lembro de um dia, pelo menos em que trabalhei 23 horas seguidas. Com entusiasmo, com o coração e...sózinho.

Tenho fé no Brasil. Outros melhores, mais jovens, me substituirão.

Um carinhoso abraço do "velho".

A carta resposta do professor Brandão ao Major Mário Mello

me foi entregue pessoalmente por ele por conta de um feliz acaso. Por volta de 1976 quando eu era tripulante da Varig e cumpria plantão no subsolo do Aeroporto de Congonhas, conheci-o. O Major havia se aposentado da FAB e estava na Varig como comandante de "Electra" fazendo a ponte aérea Rio/SP. Nunca havia voado com ele, mas já conhecia a fama do "pouso manteiga" que fazia como nenhum outro, simplesmente planava. Era respeitado não só pelos seus pousos, mas pelas histórias de suas peripécias no Projeto Rondon. Era descrito como destemido, perito em aviões "arco e flecha", simpático, brincalhão e um aficionado por carros antigos, dos anos 40 e 50.

No referido plantão no subsolo do Aeroporto de Congonhas o comandante logo começou a falar do Projeto Rondon e eu então me identifiquei como a filha mais nova do professor Brandão, ele ficou muito emocionado e me disse que sentia muito carinho pelo Brandão e que admirava o entusiasmo e o altruísmo dele. Os relatos do comandante me alegraram muito e uma amizade nasceu. Mais tarde me entregou a carta e me contou muitos "causos" que passou com o professor Brandão no ar, incluindo aquela mesma ocasião, da referida carta, o plano de voo era só até Porto Velho e esticaram até Humaitá, arriscando uma pane seca. Que o professor tinha pena das crianças e que era quase impossível deixar de atende-lo, enfim, abriram muitas "exceções" e, além dos caronas tinha sempre a emergência da emergência. Outras tantas chuvaradas que enfrentaram em aviões sem instrumentos adequados. Eram loucos, faziam tudo com amor e fé, certa vez o Major estava bem nervoso e o Brandão lhe disse *"Calma Mário, minha missão ainda não está cumprida então* não vamos cair".

Depois de implantar o Campi de Humaitá o professor Brandão queria se afastar do Projeto Rondon para tratar de sua saúde, dar mais atenção à sua família e desenvolver sua Livre Docência como professor da FOB. Estava cansado

Outro documento, um relatório como ex-coordenador, datado

em 30 de outubro de 1975, isto é, 22 dias antes de falecer, é muito interessante e significativo pois as respostas e as opiniões do Brandão, que mesmo desligado do projeto foi solicitado a responder são ilustrativas das dificuldades enfrentadas e a forma como resolviam estas questões na implantação do Projeto Rondon. O professor teve toda a liberdade de expressar os pontos fortes e os fracos e, claro, seu amor pelo projeto. A Transcrição que faço é apenas a parte do professor, porém responderam o questionário as seguintes autoridades rondonianas:

Programa: Operação Especial

Pesquisa: História do Projeto Rondon

Etapa "E" – Entrevista com as autoridades que colaboram ou colaboraram com o Projeto Rondon:

Sr. Jehovah de Oliveira – Diretor- responsável e redator chefe do Jornal da Cidade.

Dr. Zarcíllo Rodrigues Barbosa - Redator chefe do Diário de Bauru

Sr. Tobias Ferreira - Diretor Geral da Rádio Auri-Verde.

Sr. Sinai Henrique de Oliveira - Diretor gerente da Bauru Rádio Clube PRG-8

Professor Roberto Purini - Diretor da Rádio Terra Branca de Bauru

Dr, José Roberto Junqueira - Diretor do SESC- Bauru

Sr. Altino José Mengarda - Orientador Social- SESC-Bauru.

Dr. Wilson Pedro Speridião – Diretor técnico da Divisão Regional de Saúde de Bauru.

Sra. Joana Maria de Almeida Rosa Diniz - psicóloga e professora

Dr. Antônio Eufrásio de Toledo - Presidente da Instituição Toledo de Ensino

Dra. Irmã Maria Elvilra Milane - Diretora da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras do Sagrado Coração de Jesus de Bauru.

Prof. José Roberto Moraes Santos - Diretor da Fundação

Educacional de Bauru.

Prof. Dr. Paulo Amarante de Araujo - Diretor da FOB/USP

Sr. Hélio Crés - Agente do INPS em Bauru

Dr. Eng. Luis Edmundo Carrijo Coube - prefeito de Bauru

Cel. Domício da Silveira - assessor do prefeito de Bauru

Irmã Rosalva Elda Motter - professora III – Adida a CEBN- 1 DESN- Bauru

Irmã Lucília Rozeto - Assistente de direção da FAFIL

Prof. Alberto Brandão de Rezende – coordenador de Área do PR.

As perguntas não as tenho, mas são perfeitamente presumíveis:

1. Alberto Brandão de Rezende

2. Coordenador de Área de Bauru de julho de 1970 a junho de 1973. Mas, desde 1968, vinha colaborando como responsável pelo Setor Saúde, com o coordenador anterior, Major Aluísio B. Castanheira de Souza, homem realmente extraordinário.

3. INSTALAÇÕES- Quando assumi a Coordenação existia um salão cheio de goteiras com uma mesa, uma escrivaninha e algumas cadeiras. Quando pedi demissão, deixei as instalações localizadas numa residência com 5 salas, cozinha, banheiro, depósito, máquinas de escrever, calcular, telefone, geladeira, fogão e tudo o mais necessário para o completo funcionamento da Coordenação. Estas instalações foram conseguidas aqui e ali; assim a casa e o telefone são pagos pela prefeitura, a geladeira "empréstimo-doação" de um entusiasta do P.R. e assim por diante.

RECURSOS - Quando Coordenador Estadual o prof. Dr. Domingos Bagio, houve períodos curtos em que recebi alguns recursos financeiros com os quais paguei uma datilógrafa e dois funcionários. Quando faltavam eu ficava em dificuldades.

ATIVIDADES - Durante a minha Coordenação foram realizadas todas as Operações Nacionais, Regionais, Fim de Semana, PAC, três Operações Noroeste (muitíssimas úteis até para a Segurança

Nacional) e se construiu e inaugurou o Campus Avançado de Humaitá, além de inúmeras atividades realizadas em convênio com órgãos estaduais e municipais.

APOIO - Da prefeitura local sempre consegui tudo que solicitei. Das prefeituras de Botucatu, Jaú e Avaré não me lembro de nenhuma colaboração, a não ser do PAC, em que as prefeituras pagaram a estadia dos universitários.

Quanto a entidades privadas locais não foram motivadas a cooperarem. Esteve praticamente instalado o Conselho do P.R. local, mas sempre vinha ordem de São Paulo para aguardar modificações e o Conselho não chegou a funcionar e se dissolveu.

As faculdades precisam ser continuamente visitadas e motivadas pelo Coordenador, Caso contrário, ocorre, como agora, um completo descaso pelo Projeto. Parece que, no momento, reprovam os universitários por faltas e dificultam de todos os modos a sua participação no Campus Avançado de Humaitá. A situação é muito grave. A falta de um Coordenador capaz e entusiasta está acabando com o Projeto. Mas, a meu ver, o mais grave é a falta de apoio superior e a falta de legislação que permita ao Universitário a sua participação nos Campi sem prejuízo no seu curso. É uma pena não se explorar todas as potencialidades do P.R.

Quando o universitário toma conhecimento real do P.R. fica entusiasmado e quer participar. O jovem é idealista e ama o seu Brasil. Mas atualmente ele não conhece o P.R.. Por isso, repito, ou se convida gente capaz e disposta a coordenar o P.R. ou ele não cumprirá os seus objetivos.

4. Não costumo falar das minhas realizações.

5. Foram tantas e tão variadas que nem quero lembrar.

6. Quando da minha primeira visita a Humaitá voei de Manaus a Porto Velho em avião de carreira, já então acompanhado do Eng. Peloso, do IPASE, que foi quem projetou as instalações que eu julgava necessárias para o Campus. De Porto Velho e Humaitá só se poderia ir de teco teco, pois não havia estrada e o DC3 da Cruzeiro já

não podia mais pousar no campo de terra, inutilizado pelas chuvas. O avião do 5 BEC estava em reparos. Como não tinha dinheiro para alugar um avião, recorri ao governador de Rondônia e....ele <u>também</u> não tinha *dinheiro. Mas como estávamos em meados de dezembro, o governador se comprometeu com o dono do avião a pagar-lhe no dia 2 de janeiro e assim voamos para Humaitá. Chegamos às 2 horas da tarde a Humaitá e só as 11 horas da noite é que conseguimos autorização para nos instalarmos no prédio do DERAM (Departamento de Estrada de Rodagem da Amazônia) pois tivemos que esperar que chegasse da estrada o engenheiro responsável.*

No dia seguinte, logo que pusemos o pé na rua, escorregamos na lama e...tivemos de tomar novo banho e trocar de roupa. Após tantas dificuldades quando entramos afinal na prefeitura ficamos sabendo que o sr. Prefeito, no dia anterior, tinha levado um tiro e tinha sido removido para Porto Velho. Nestas circunstâncias, em companhia do vice-prefeito, escolhemos o terreno que nos convinha, mas esse terreno era da Prelazia. Conseguimos convencer o Bispo a trocá-lo por outro da Prefeitura, reunimos a Câmara e fizemos "o negócio".

Para sairmos de Humaitá tivemos que telefonar para Manaus (o telefonema demorou 6 horas!). Veio um aviãozinho de DERAM de 2 motores, levou o Eng. Peloso a Porto Velho, reabasteceu-se e voltou a Humaitá para me levar a Manaus. No meio do caminho cai uma tempestade, um dos motores pifou, o piloto ficou nervosíssimo e eu é que tive que acalmá-lo, dizendo...que a minha missão não terminara pois tinha que falar com o governador João Walter...e quando pousamos em Manaus, o avião seguinte, que nos deu prioridade era precisamente o avião do governador, que tinha ido visitar o pai doente, e com quem falei no próprio aeroporto, marcando entrevista para o dia seguinte...

Durante anos em que fui Coordenador de Área de Bauru, inúmeros acontecimentos poderiam ser relatados, como uma outra viajem em que só escapamos graças a perícia do Major Mello e....ao bom Deus que parece mesmo ser brasileiro. Simplesmente escolhi este por

ser o primeiro.

7- O Projeto Rondon me deu oportunidade de retribuir humildemente o muito que tenho recebido desde grande e querido País. Português de nascimento, cheguei pobre e, mesmo continuando pobre, tenho vários cursos superiores e dei aos meus quatro filhos cursos superiores. Em nenhum outro país seria possível realizar isto só com trabalho honesto, primeiro como dentista, e agora como professor da Faculdade de Odontologia de Bauru da Universidade de São Paulo. Entretanto a minha dedicação ao PR me prejudicou profissionalmente, pois, tendo feito doutoramento em 1969, não fiz Curriculum para Docência. Colegas meus, brasileiros de nascença, que se recusaram a participar do P.R. são hoje livre docentes e titulares. A medalha e os certificados que ganhei do P.R. não são suficientes para a Universidade. É claro que eu sabia disso. Mas não me arrependo, pelo contrário, estou muito feliz. Continuo apaixonado pelo Projeto Rondon. Só lamento que o P.R não esteja em sua plenitude, isto é, sendo realmente útil para os universitários, para as populações assistidas, e, especialmente para os próprios professores universitários, que vivem dentro de 4 paredes ditando números, sem conhecer a realidade e sem contribuir com seus conhecimentos para resolver os problemas brasileiros, evitando os erros que se cometeram nas áreas desenvolvidas.

8-Os coordenadores de Área da minha época eram, com uma ou outra exceção, uns idealistas, notáveis sob todos os aspectos. Quanto ao Coordenador Geral, Ten. Cel Sergio Pasquale é, a meu ver, um dos homens mais capaz, honesto, correto e inteligente que conheci. Espero e desejo que assuma logo um cargo de mando, para benefício do Brasil.

9- Desconheço.

10- Está dito em 7.

11- Desejo sinceramente que atinja os seus elevados objetivos.

12- 1- <u>Não está sendo explorada adequadamente a oportunidade oferecida aos universitários para o conhecimento da realidade brasileira.</u>

12-2-Idem

12 3- Idem

13- Respondida implicitamente ao longo da entrevista.

14- O Projeto Rondon oferece às *Universidades colaboração inestimável. As Universidades é que não estão aproveitando adequadamente esta colaboração, quer por falta de legislação adequada, quer por sabotagem (recrudescendo presentemente) ou ainda por comodismo ou falta de patriotismo.*

15- O Projeto Rondon pode fazer com que as comunidades do interior evoluam em 5 anos o que levariam mais de 50 anos sem o Projeto Rondon.

16- Sem mais comentários.

Bauru, 30 de outubro de 1975.

Num dos depoimentos (em 1996) Francisco Dal Médico, vereador e presidente da Câmara Municipal de Bauru nos anos 70, conta como se deu sua amizade com o professor e seu engajamento no Projeto Rondon. O professor Brandão aparecia na Prefeitura da Cidade quase todas as semanas para buscar recursos para montar as clínicas, os trailers e os trens, tornando-se logo muito conhecido na instituição, com o tempo Francisco Dal Médico passou a admirar o entusiasmo das ideias do professor e uma amizade nasceu. Registrou em sua memória algumas de suas inúmeras passagens pela prefeitura de Bauru. Disse Dal Médico:

O professor da FOB era muito conhecido na prefeitura e corria na boca miúda que numa de suas visitas à prefeitura ele apareceu sem ser anunciado ao prefeito Alcides Franciscatto e, despontando em sua sala, o prefeito escondeu-se atrás de sua secretária e ordenou: " *Diga a este baixinho que eu não estou, por favor, mas pelo amor de Deus, concorde com tudo e dê-lhe tudo o que ele veio pedir aqui porque senão ele não vai embora daqui nunca mais*!"

Francisco Dal Médico ajudou-a a preparar o Campus Avançado de Humaitá em 1972 com a parceria das Universidaddes de Botucatu, Avaré e Jaú. O prefeito eleito depois de Alcides

Franciscatto, o engenheiro Edmundo Coube, já era um entusiasta do Projeto Rondon, segundo Dal Médico, ele soube do resultado das eleições quando estava em Humaitá acompanhando os trabalhos do Campi Avançado.

O prefeito de Bauru Edmundo Coube

O ano de 1973 foi difícil para Alberto, que ficou adoentado e afastou-se de suas atividades para tratamento médico. Coube a Francisco Dal Médico dirigir temporariamente o Campus de Humaitá. O depoimento enviado por escrito do Sr. Francisco Corrêa da Cruz, prefeito da cidade (1972/76) narrando este fato encontra-se no Anexo depoimentos. A demissão do professor Brandão do Projeto Rondon causou protesto e louvor na Câmara de vereadores de Bauru como se vê na Ata da sessão de 19 de março de 1973:

Câmara Municipal de Bauru

064

- REQUERIMENTO -

Ao deixar a Coordenadoria do Projeto Rondon, o Prof. Alberto Brandão de Rezende deixa, também, um vasio enorme e cria - um problema de difícil solução para os altos dirigentes rondonianos.

Não vamos colocar em evidência os motivos que o levaram a solicitar demissão, mas assiste-nos o direito de lamentarmos - sua saída.

Como colaborador do Projeto Rondon, sabemos do seu trabalho; como coordenador, de 1970 a esta data, dedicou-se plenamente às formas de atuação do Projeto Rondon, compreendidas por: Operações Nacionais, Operações Regionais, Operações Especiais, Interiorização de Mão-de-Obra e Campus Avançados.

Sua dedicação plena a todas as operações e de maneira - mais efetiva à instalação do Campus de Humaitá leva-nos a crêr que o Prof. Alberto Brandão de Rezende viu nesse trabalho a concretização - de antiga aspiração de sua alma.

Arrostando as maiores dificuldades, com prejuízos enormes à sua saúde, impondo ingentes sacrifícios à sua família, conseguiu ele que o Campus Avançado de Humaitá seja hoje uma realidade brasileira onde se desfraldou a bandeira da civilização e do progresso, permitindo que um grupo de homens e mulheres corajosos pudessem trabalhar por um Brasil cada vez maior.

Possuidor de visão penetrante, sensível aos problemas - dos rondonianos, encontrava sempre uma solução no momento adequado, sem deixar-se arrastar pelo pessimismo fácil, muito pelo contrário, procurando ter sempre em mente que só o otimismo concreto e bem fundado é que superam as dificuldades de u'a missão.

Por todas estas razões lamentamos seu afastamento do Projeto Rondon, e para gravarmos nesta Casa sua passagem por essa Coordenadoria,

REQUEIRO faça-se constar da Ata dos trabalhos da presente Sessão, voto de louvor e de congratulações com o Profº Alberto Brandão de Rezende pela larga fôlha de serviços que prestou a Bauru, a Sao Paulo e ao Brasil, durante o período em que esteve na Coordenadoria do Projeto Rondon em nossa cidade, conduzindo com o melhor de sua atenção as diversas operações realizadas por esse dignificante serviço.

Requeiro, outrossim, seja-lhe oficiado para dar-lhe conhecimento da nossa manifestação de simpatia e apreço pelos relevantes serviços prestados à cidade.

VISTO
Presidente

Sala "Benedito Moreira Pinto", em 19 de março de 1 973.-

FRANCISCO DAL MÉDICO

E a carta de despedida do professor por parte da diretoria e Conselho diretor do Projeto Rondon:

Bauru, 5 de maio de 1973: *OBRIGADO BRANDÃO*

Usando como medida "COISAS REALIZADAS" e não

"TEMPO DE SERVIÇO" vamos ter que convivemos uma eternidade, pois foram tantas realizações em prol do universitário, que não seriam essas poucas linhas suficientes para fazer jus a tudo que lhe devemos.

Quanto nos ensinou! Quanto nos mostrou! Ensinou-nos em nossa formação Universitária. Mostrou-nos o caminho de nossa futura vida profissional.

Na época já percebíamos quanto nos ajudava e, portanto ficávamos ao seu lado ajudando a ajudar os outros, pois sabíamos que tanto nós como eles só teríamos a lucrar.

Hoje temos certeza que sempre lhe seremos gratos, reafirmando que todo sacrifício dispendido não foi em vão.

Agora quando os dois lados, nós e o senhor, nos retiramos para seguir caminhos diferentes, mas unidos por um laço de amizade indestrutível, queremos deixar registrado singelamente o nosso "MUITO OBRIGADO" pelo que fez por nós enquanto esteve à frente da Coordenação de Área de Bauru do Projeto Rondon.

Brandão, sempre que precisar, conte conosco. Conselho Diretor e Diretoria (FUNDADORES)

O Projeto Rondon foi extinto por medida provisória em 1989 e no ano seguinte em forma de lei pelo então presidente da República José Sarney. Com o fim do Projeto e o afastamento dos militares dos Campi e áreas de apoio as populações mais vulneráveis, notadamente as indígenas, acelerou o desmatamento e grande perdas de terra destas comunidades à favor das madeireiras e mineradoras nacionais e internacionais, gerando inclusive genocídios, como a dos yanomamis. O desmatamento na Amazônia acelerou de forma descontrolada e toda a abundante documentação do mapeamento das nossas riquezas naturais e comunidades interioranas foram arquivadas na FUNAI, com acesso restrito ao público e aos estudantes.

Os Rondonianos, com a ajuda de uma Organização não

governamental, criaram a Associação Nacional dos Rondonianos em 1990. Com a ajuda da UNE encaminharam um pedido a Presidência da República para a reativação do Projeto em 2003. Em março de 2004 criaram um grupo de trabalho interministerial que definiu diretrizes e orientações gerais que foi aprovado pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva em agosto de 2004.

O decreto presidencial de 14 de janeiro de 2005 dava ao COS (Comitê de Organização e Supervisão do Projeto Rondon) o aval para a reativação. Desde então a responsabilidade do Projeto passou por diversos organismos, secretarias e ministérios e em 2005 fizeram duas operações: Operação Amazonas e Operação Acre. Em 2006 quatro operações; em 2007 seis; 2008 sete; 2009 sete; 2010 nenhuma; 2011 nove; 2012 quatro; 2013 quatro, 2014 quatro cinco; 2016 apenas duas e 2017 três.

O Projeto Rondon dos anos 60 e 70 cumpriu sua dupla missão: dar aos necessitados assistência e infraestrutura para o desenvolvimento das comunidades e formar cidadãos competentes para a participação na construção do país. Foi um projeto que agora, se bem aproveitado, a partir de seus erros e acertos, pode e deve contribuir para a retomada de um plano nacional de Educação assim como contribuir para a cidadania e soberania brasileira. Não é só no aspecto de uma política educacional brasileira que devemos pensar mas também na integração nacional, na preservação das diversas culturas e na erradicação da pobreza e das doenças tropicais. Elevando a qualidade dos serviços públicos oferecidos.

V- A INTEGRAÇÃO DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS COM A CIDADE.

Sendo a maioria dos docentes da recém implantada Faculdade oriundos de outros municípios, a partir anos 60 passaram a se aproximar e criar laços de amizade em pontos de encontro. **O Boticão Universal** (entre rua Batista e rua Rio Branco), loja de produtos odontológicos, ficava no centro da cidade, numa transversal à rua Batista de Carvalho com a Rio Branco, era o lugar mais democrático pois era frequentado não só por professores da USP, mas por dentistas de toda a cidade. E por ser o mais democrático tomavam o sagrado cafezinho depois do almoço, religiosamente, na vizinha lanchonete e a conta era paga no palitinho. Quem perdesse pagava a rodada de todos.

A chácara Odete, do dr. Odorante, era outro ponto de encontro muito agradável que este grupo de professores, dentistas, médicos e engenheiros frequentavam. Nos finais de semana, principalmente aos domingos, reuniam-se as famílias em momentos de alegria e descontração. Promoviam campeonatos de futebol, tiro ao alvo e de carteado; as crianças brincavam e travavam também suas próprias amizades. As mulheres conversavam em roda sem deixar de controlar seus maridos e filhos. Era na chácara do dr. Odorante que o "Clube do Bolinha" da FOB jogava buraco, pôquer e pontinho uma vez por semana à noite, dia exclusivo dos homens, com raríssimas exceções.

Chácara Odete

Bauru Atlético Clube

Os clubes da cidade também foram pontos de encontro para estes imigrantes criarem laços de amizade e a **Sociedade Hípica** de Bauru era um dos favoritos, pois além das dependências esportivas possuía um excelente restaurante onde as famílias almoçavam e confraternizavam. Os professores da USP levavam seus familiares e

passavam sábados e domingos inteiros. Brandão gostava de tudo e no futebol era goleiro, mesmo baixinho e usando óculos não era tão mau jogador. Também era na Hípica que faziam os almoços ou jantares de confraternização de fim de ano e; nestas ocasiões, mais solenes, iam somente suas esposas.

Confraternização Sociedade Hípica.

A Sauna **do Bauru Atlético Club** era outro ponto frequentado pelos homens da cidade e não só pelos professores da FOB mas de outras áreas profissionais e autoridades locais como vereadores, prefeitos, etc. Assim, a cidade ofereceu oportunidades de interação e facilidade para a expansão social. Aos poucos, estes imigrantes adotaram Bauru como sua cidade e contribuíam para seu engrandecimento tanto científico quanto cultural, sendo ainda pequena, encontravam nestas oportunidades de lazer contatos profissionais que facilitavam a vida de todos.

Confraternização

Os professores promoviam jantares em suas residências em rodízios semanais. Não eram todos os professores e secretários, mas havia uma turma que se reunia assiduamente: o secretário Quinellato, os doutores Pilloto, Eymar, Cassati, Vono, Diógenes, Ney Moraes, Halim Nage, Walter e depois seu filho César e, quando era na casa do Brandão ia também o vizinho Eng.º Waldir Gadotti, todos com suas respectivas esposas. Nas ocasiões que o Dr. Artigas vinha a Bauru também se juntava a eles no jantar do Brandão com sua esposa que era amiga de Diva.

Jogo de cartas dos professores

Esposas dos professores

A **casa do Brandão** estava sempre aberta para seus amigos, amigos de sua esposa e de seus filhos, sobretudo a da rua Saint Martin, que a vizinhança pensava tratar-se de um clube. Seus filhos promoviam as famosas brincadeiras dançantes no mesmo

esquema de rodízio entre os amigos, cada quinze dias era festejada e resumia-se em dois ingredientes: uma rádio vitrola com alguns LPs de twist, rock and roll, música popular brasileira e uma pista de dança ampla e arejada. Pronto, a festa estava feita. Era o tempo em que a juventude curtia com o que tinha, não era necessário ter dinheiro para fazer amigos e se divertir. O importante era se reunir. A cidade era pequena e a turma andava a pé. Brandão fez questão de nunca dar mesada aos filhos, achava que estragava a formação do senso de responsabilidade, não gostava de dar o peixe, queria que eles fossem pescá-lo e prepará-lo. Assim, os filhos às vezes conseguiam trocar os quilos de jornais e revistas que o Brandão assinava diariamente e ofereciam mais dois ingredientes à festa para a turma dos jovens: coca cola e rabo de galo. Alguém sempre acabava por levar alguns salgadinhos variados e era o suficiente para fazer uma festa gostosa e animada, descontrair-se e dançar. Queriam apenas ser feliz. As brincadeiras dançantes no Brandão eram exclusivas aos filhos adolescentes, os pais não participavam, exceção de dona Diva que ensaiava alguns passinhos de dança quando aparecia, de vez em quando, para fiscalizar e controlar a turma. Eram feitas durante a tarde justamente para não ter uma concorrência acirrada com as reuniões dos adultos e ocupavam a varanda e a sala da casa.

A casa na Saint Martin 21-48

Vez ou outra coincidiam as festas dos adolescentes com a dos adultos, então os meninos ocupavam a garagem, que era um andar abaixo, bem grande e fechada. Os filhos do professor pintaram vários caixotes com pó xadrez e fizeram almofadas coloridas e colocaram uma mesa, território exclusivo dos jovens. O professor deixava o seu Gordini azul estacionado na rua, à porta de sua casa, aberto, pois não lhe fazia nenhuma questão a garagem cedendo numa boa o território para os filhos. E quando a vitrola não funcionava, uma roda de violão era disputada entre a garotada que tocava e cantava numa espécie de desafio, valia acrescentar as caixinhas de fósforo ou latinha replicando no improviso.

As três filhas (1967)

Sua filha mais velha depois de concluir o secundário em 1970 foi estudar Arquitetura em Lisboa e como o irmão do professor José Maria e sua cunhada Acácia residiam na cidade ficaram responsável por ela.

Em 1971 seu filho Francisco, estudante de Sociologia da USP em São Paulo, foi sequestrado. Alberto foi notificado por sua cunhada Cecília que chegava para o almoço na casa do filho e nora, assistiu o sequestro dos dois por um grupo à paisana e fortemente armado. Ela telefonou imediatamente para a faculdade pois na casa do professor Brandão não havia telefone, estava confusa, não sabia explicar, só chorava que Francisco tinha sido sequestrado.

Alberto, sabendo não ser possível um sequestro sem resgate, foi imediatamente para casa fez as malas e rumou à Brasília preocupado com as ideias humanistas de seu filho, líder estudantil, que simpatizava com os movimentos de esquerda. Era o ano de 1971, o mais duro da ditadura e a família teve medo que Alberto também fosse preso por defender seu filho e sua nora. Em

Brasília soube que ele estava preso na OBAN (Operação Bandeirantes), onde foi torturado, e que não havia muitas esperanças de o libertar. Ficou em choque quando soube das torturas. Permaneceu cinco dias em Brasília até que a ordem de soltura fosse dada e Francisco e a esposa foram libertados. Francisco ficou com sequelas físicas, mentais e emocionais. Brandão voltou arrasado. A família nunca mais foi a mesma.

No mesmo ano e ainda muito abalado voltou à Portugal pela primeira vez depois de emigrar ao Brasil, viajou sem a dona Diva. Precisava se abastecer do amor e do acolhimento da sua família original para superar o baque que sofreu.

A seguir o depoimento de sua filha Maria Regina contando a estadia em sua terra natal:

"Fiquei muito feliz com a perspectiva de rever papai, até porque estava com dificuldades de adaptação e de entendimento com os tios. Ao mesmo tempo fiquei preocupada porque, já conhecendo o tio Zé, achei que eles iriam brigar o tempo todo. É que os dois, com exceção do aspecto físico, eram em tudo completamente diferentes e só tinham em comum o facto de serem irmãos.

No entanto, a felicidade de estarem novamente juntos, a confiança e o afeto mútuos, as brincadeiras constantes utilizando um humor mordaz bem característico dos portugueses quando estão com pessoas que estimam, surpreenderam-me e comoveram-me.

Tocou-me ainda, particularmente, a sua emoção ao conhecer as filhas do seu irmão Francisco, entretanto já falecido, rever os primos, a cunhada e os lugares da infância e juventude: a casa dos pais, a escola onde fez a primária, a piscina e a praia de Espinho, etc. E, acima de tudo, o enorme amor à sua família de origem e ao seu país natal (que era, aliás, igual ao que sentia pelo Brasil).

Em 1972, papai voltou com mamãe (ficaram de julho a setembro) e então foi um período ainda mais emocionante. Os quatro (papai, mamãe, tio Zé e tia Acácia) pareciam adolescentes enamorados: percorreram o país de Norte a Sul e de Leste a Oeste. Tive a

oportunidade de acompanhá-los apenas em alguns passeios e reinava ali uma estranha harmonia que raramente voltei a encontrar na minha vida. Foi, realmente, um privilégio."

Em 1974 começou a preparar a sua livre docência na FOB, mas não se sabe qual era o tema que estava trabalhando, uma vez que o professor não levava trabalho para casa, era uma exigência de sua esposa e a Faculdade não entregou à família nenhum de seus papéis depois que ele faleceu. Neste período retraiu-se um pouco da vida social, porém a casa do professor Brandão, agora na Alfredo Ruiz, continuou aberta aos amigos e a amizade com o Dr. César Antunes filho, a quem considerava o filho do coração, o alegrava quando vinha jantar ou almoçar com sua esposa. A família recorda com muito carinho e gratidão a dedicação do dr. César ao professor Brandão. Foi ele que levou a família à São Paulo para o velório do filho Francisco em julho de 1974 e era ele que Alberto procurava nos momentos de reflexão profunda.

Com o Dr. César Antunes, seu filho de coração. Bauru 1974,

O professor Brandão faleceu precocemente, por infarto fulminante, em 1975, dia em que completou 55 anos. A família perdeu seu mestre, a faculdade seu professor mais apaixonado e a comunidade menos assistida um defensor. Sua viúva permaneceu

apaixonada por ele e faleceu aos 97 anos, em sua casa ainda lembrando com sorriso nos lábios o seu Alberto.

Diva em sua casa da Rua Vivaldo Guimarães, aos 88 anos de idade.

A FOB continuou seu trabalho no Departamento com menos intensidade, haja visto a redução das clínicas nos grupos escolares, a redução do atendimento móvel à população mais carente e ainda a não adesão dos trabalhos extramuros implantadas pelo professor no currículo oficial da faculdade como parte da Extensão Universitária e ainda, o controle de fluoretação das águas da cidade que o professor exigia fosse sistemático e anual e hoje é ocasional.

O projeto Rondon sofreu uma baixa inestimável pois o professor era excelente planejador e realizador e, acima de tudo, extraordinariamente humano. O país perdeu um grande sanitarista. É por esse motivo que faço esta pequena homenagem póstuma a

meu pai, que me transmitiu tal qual aos seus alunos, muito carinho e bons exemplos cívicos.

Lembro-me que em diversas ocasiões ele chegava em casa com um papel contendo o contorno do pé de alguma criança e dizia: Diva vá comprar um sapato para eu levar tal dia no grupo tal. As vezes chegava e dizia: Preciso de uma blusa escolar para uma menina e Diva imediatamente se sentava em sua máquina de costura e a confeccionava. Ele me levou duas vezes para assistir os levantamentos para que eu pudesse ver as condições das crianças dos grupos escolares e conversávamos sobre isto, ele pedia para eu valorizar e abençoar a nossa comida, nossa casa, nossa família, nossos amigos, o privilégio de estar estudando e a alegria de poder usufruir tudo isto. E ainda em seu velório, que ocorreu em casa, uma família muito humilde se aproximou dele e lhe beijou os pés. Ele tratava com o mesmo carinho e respeito do lixeiro ao prefeito, ou quem quer que seja, até o Presidente da República se lá fosse preciso ir.

Das entrevistas recolhidas dos professores da FOB em 1996 em disquetes só foi possível restaurar as poucas aqui transcritas em 2017 por motivos técnicos mas recordo-me com nitidez do depoimento do dr. Luís Martins, ex-reitor da FOB, quando após constatar das discordâncias ideológicas e políticas entre eles perguntei-lhe: O senhor e o meu pai discutiam muito mas estavam sempre juntos em mesas de jantares e de jogo de cartas, afinal porque o senhor gostava dele¿ E ele me respondeu:

"Eu gostava do Brandãozinho como gente - gente. Eu gostava dele como pessoa. A gente conhece o caráter de uma pessoa quando ela está perdendo numa mesa de jogo. E o Brandãozinho era um cavalheiro quando perdia."

Inesquecível o que o "velho" pensava a respeito de relacionamento pessoal: "*Filha, quando vc está em dúvidas do coração de uma pessoa e de como ela vai te tratar no futuro veja como ela trata os pais e os animais. Se não der veja como ela trata os garçons e os*

lixeiros."

Ainda ressalto com grande alegria que se ao professor Brandão tivesse sido dado por Deus a oportunidade de ver o Centrinho se transformar em referência nacional e internacional em cirurgias e tratamentos crânio faciais ficaria felicíssimo. Assim como ver um sonho antigo, a implantação da primeira faculdade de Odontologia em sua terra natal com o apoio da FOB, estaria plenamente realizado. Podemos dizer, a partir dos depoimentos recolhidos, que em sua curta vida e passagem por Bauru, o professor plantou muitas de suas sementes, talvez milhares. Não tem importância alguma que a academia não faça referência de seus trabalhos extramuros em seus registros. Podem incinerar todos os registros, mas jamais apagar o amor, o exemplo e o entusiasmo que ele semeou nos corações de seus alunos e principalmente, a gratidão dos assistidos. Obrigada Professor Brandão!

"Que estejamos presentes em memórias alheias

Que alguém já distante lembre -se do nosso sorriso e sinta-se acolhido.

Que o nosso bem faça bem ao outro.

Que sejamos a saudade batendo no peito de uma velha amizade.

Que sejamos o amor que alguém nunca esqueceu.

Que sejamos alguém que sorriu na rua e o desconhecido encantou-se.

Que sejamos, hoje e sempre, uma coisa boa que mora dentro de cada um que passou por nós".

Autor desconhecido.

VI - DEPOIMENTOS
DR. MONDELLI
DR. EYMAR SAMPAIO LOPES
DRA. FIDELLA NAVARRO
DR. JOSÉ ROBERTO MAGALHÃES
DRA. ILKA MARIA
DR. VALÉRIO BONACHELLA
FRANCISCO CORRÊA DA CRUZ
(PREFEITO DE HUMAITÁ 73/74)

DR. JOSÉ MONDELLI
BAURU, MAIO DE 1996.

DEPARTAMENTO DE DENTÍSTICA DA FOB

Quando o senhor conheceu o professor Brandão?
Eu conheci o professor Brandão em 1956 em Araraquara, quando ele era professor de Patologia e já naquela época ele tinha uma visão diferente. Ele achava que o dentista, além de ser dentista, devia desenvolver uma mentalidade preventiva e de sanitarista para trabalhar em equipe. Era o grande mérito dele, porque depois ele fez o curso de Higiene e Saúde Pública na Faculdade de Saúde Pública em São Paulo e foi para Araçatuba, contratado para reger a disciplina de Odontologia Sanitária. Eu não sei se era Odontologia Social ou Odontologia Sanitária. De Araçatuba ele foi para Maringá, no Paraná.

Por que o senhor convidou o professor Brandão para vir para cá?

Por que a dificuldade era achar um profissional que fosse dentista e que tivesse pós-graduação em Odontologia Sanitária. Os dois que vieram para cá, o Dr. Ney e o Dr. Eymar, quer dizer, o Dr. Eymar era estaticista, não tinham experiência em ensino em Odontologia Sanitária e Preventiva. A função deles era mais estatística, bioestatística e o Brandão não, ele já tinha curso de Odontologia Sanitária e a mentalidade preventiva e de Odontologia de Comunidade. Ele apresentou o currículo dele para o Aldrovante e eu dei as informações que conhecia, tinha sido meu professor em Araraquara e então não teve problema. Mas não foi por indicação minha, nem de ninguém, é que para a escola naquela época, a coisa mais difícil era conseguir um professor que tivesse experiência de ensino e que tivesse curso em Saúde Pública e ainda que tivesse essa mentalidade de sanitarista, com experiência de clínica. E a escola contratou o Brandão

Ele foi o primeiro professor de Odontologia Social aqui nessa faculdade?

Não, quando ele veio, a Odontologia Social já existia, mas nas várias disciplinas da Odontologia Social que tem a Sanitária, a Preventiva, a Orientação Profissional e a Bioestatística. Faltavam membros para a de Sanitária e para Orientação Profissional, esta última veio o prof. Pilloto. O professor Brandão dava a de Prevenção junto com a Sanitária porque naquele tempo não tinha ainda o professor Zé Roberto. Então o professor Brandão dava Sanitária e Odontologia Preventiva. Ele começou na parte de Ensino e depois ele entrou em contato com a prefeitura daqui e então entrou na área de Extensão, de Saúde Pública, de trabalhos extramurais e foi quando surgiu a participação comunitária das faculdades, não só a de Odontologia mas a de Medicina e outras, para prestar serviços ao Projeto Rondon e o professor Brandão foi

designado.

Naquela época já estava em prática a idéia de Ensino, Pesquisa e Extensão? Quer dizer, a parte de Extensão?
Já existia um consultório montado num grupo escolar, que se chamava clínica extramuros. Depois foi contratado o Bigella e eles começaram a promover a parte de Extensão. Ficava o professor Brandão e o Bigella na parte teórica da Odontologia Sanitária e Preventiva e também na parte prática na clínica extramuros. Depois o Brandão ampliou os pontos de atendimento à comunidade, as clínicas extramuros. Eles faziam uma escala e saíam os docentes com os atendentes e uma equipe de 4 a 5 alunos, para atender às crianças nos grupos escolares aonde eles iam.

No início eles faziam só o atendimento, mas depois foram montadas essas clínicas extramuros. Atualmente a faculdade tem a Casa do Garoto (no tempo do professor Brandão tinha uma na Vila Falcão) e uma numa creche lá em cima. Então os estudantes começaram a sair todos os dias em escala, quatro ou cinco alunos para atenderem nos grupos escolares.

E as primeiras estatísticas de Saúde Bucal de Bauru e da região, o professor Brandão estava à frente, não é?
Isso eu não sei. Eu sei que ele contribuiu para a implantação dessas clínicas extramuros e que até hoje nós temos. Está saindo agora uma perua.

Quando o professor Brandão veio para cá?
Ele veio em 1 de junho de 1966 e entrou como instrutor em R.D.I.D. P. da cadeira de Odontologia Preventiva e depois ele fez doutorado em 26 de maio de 1969, passando a professor assistente doutor, depois ele faleceu em 1975.

O que é R.D.I.D.P.?
Regime de Dedicação Integral a Docência e Pesquisa. O professor trabalha em regime integral. Naquela época, todo mundo quando começava, começava como instrutor, o nome era instrutor. Depois quando fazia o doutorado, passava a professor assistente doutor. Depois passa a professor livre docente e depois a professor titular, fazendo concurso, mas ele faleceu antes de fazer livre docência e titular.

Alguma coisa da personalidade dele influenciou o senhor?
Acho que sim, o professor Brandão tinha uma característica muito singular, ele era muito otimista. Ele quando punha uma coisa na cabeça ele conseguia porque lutava para conseguir. Era muito difícil na época conseguir as coisas, porque tinha que passar por cima do conselho do departamento, tinha que ter aprovação do conselho do departamento, as pessoas opinavam etc. Para implantar essas clínicas extramuros não foi fácil. A disciplina tinha que conseguir se impor, conseguir aprovação de todos, justificar o porquê e na época, muitos professores eram contra a implantação das clínicas extramuros.

Por que os professores eram contra a implantação das clínicas?
Porque eles achavam que os alunos iam trabalhar em situações ou em condições que não eram didáticas, mas o Brandão conseguiu provar que lá também era um ensino, uma aprendizagem, porque os alunos depois de formados talvez fossem trabalhar nessas condições, com a realidade do país, e eles tinham que fazer o melhor com o que eles tinham. E então essa filosofia foi implantada e até hoje tem essa finalidade e foi ele que conseguiu isso.

O professor Brandão era muito respeitador, ele respeitava a direção e a hierarquia e os problemas que ele tinha, que todo mundo tem, ele levava na esportiva. Ele me influenciou mais lá em Araraquara porque lá eu fui aluno dele, da cadeira de Patologia.

E o que o senhor tem a dizer como ex-aluno dele?
Muito bom, ele tinha uma boa base de Patologia, por isso que ele se transformou num bom professor sanitarista. Ele tinha base em Patologia, tinha experiência como clínico porque ele tinha tido um consultório lá em Araraquara e era um dentista bastante conhecido e tinha experiência como professor. Então ele era capaz de estabelecer um programa daquilo que um clínico geral precisa saber para o seu consultório. Tanto como sanitarista como dentista que vai fazer parte de uma equipe de saúde. Por exemplo, numa equipe de saúde, você vai prestar um serviço para a comunidade e vai fazer parte de uma equipe de saúde e ali o dentista tem que saber se comportar como sanitarista. Não é só trabalhar, é saber trabalhar em equipe e isso ele sabia muito bem, tem que ter espírito de equipe. É a mesma coisa que um dentista que vai intervir num centro cirúrgico num hospital, ele tem que saber se comportar, ele tem que saber qual é o papel dele. O grande mérito do Brandão como professor e como profissional foi essa mentalidade e também a mentalidade preventiva e sanitária que ele implantou no Departamento. A Escola, a FOB, segue no final das contas, aquilo que ele implantou, segue a mesma filosofia.

Ele fez muitas palestras sobre prevenção, não é?
Sim, mas ele não teve muita publicação de trabalhos. Eu sempre discutia com ele, porque ele não era de sentar e escrever. Ele não deixou muito escrito, embora ele tivesse boa redação.

Ele deixou os caminhos, as ações...

É, ele deixou os caminhos, mas em termos de trabalhos publicados, ele deixou só quatro trabalhos. Ele poderia ter deixado muito mais, ele tinha cabeça e material para isso. Eu me lembro que ele fez um manual para a cadeira de Odontologia Sanitária muito interessante, mas se perdeu.

As palestras de Odontologia preventiva que ele fez, e que foram muitas, engrandeceram a FOB?
O que ele mais contribuiu para engrandecer a FOB foi a implantação do ensino comunitário, os trabalhos extramurais. Depois no Projeto Rondon, como coordenador do Campus Avançado ele levou a FOB junto com outras universidades. Ele fez um trabalho muito bonito lá. Ele coordenava aquilo tudo e não era fácil, porque ele coordenava pessoal de todas as áreas, não era só a área dele.

O professor Brandão não colocava barreiras entre os alunos quando ele lecionava Odontologia Social. Como ele era em Araraquara, na cadeira de Patologia?
Lá em Araraquara era diferente porque a cadeira de Patologia é uma cadeira muito pesada e a cadeira de Odontologia Social não. Social você tem que ter um bom relacionamento com os estudantes e os estudantes gostavam dele. Ele sabia conversar com os estudantes, ele era afável, mas na hora do respeito, os alunos faziam tudo o que ele queria. Você precisava ver o que ele conseguia tirar dos alunos nessas clínicas extramuros, mesmo lá em Humaitá, ele que fazia a seleção. Ele colaborou também em cursos de pós-graduação de estatística com os professores Dr. Ney e Dr. Eymar.

Ele tinha uma característica assim, porque ele tinha mais experiência de faculdade que muitos professores daqui, porque a escola estava no começo. Ele já tinha experiência em Araraquara e em Araçatuba como professor universitário e nós estávamos começando. Ele era muito respeitado, os professores gostavam muito dele, ele era muito querido. Ele tinha um grupo que jogava baralho, tinha outro grupo da sauna, etc. Ele gostava muito de curtir.

Bom, acho que é isso, acho que a escola deve muito a ele, principalmente nesse ensino extramuros e do Campus Avançado de Humaitá. E Humaitá não é só a Faculdade que deve a ele, mas a

nação toda, porque ele fez aquilo lá com muito sacrifício, às vezes ele ficava lá dois, três meses seguidos sem conforto nenhum. Ele lutou muito.

DR. EYMAR SAMPAIO LOPES
BAURU, MAIO DE 1996.

DEPARTAMENTO DE ODONTOLOGIA PREVENTIVA E SOCIAL

Quando o senhor veio para a FOB?
Eu vim para cá em 1967 mas eu conheci o professor Brandão em São Paulo, numa reunião que houve promovida pela Associação Paulista de Cirurgiões Dentistas e alguns órgãos de classe, talvez sindicato eu não me lembro bem, foi uma reunião de desagravo ao professor Viegas. Naquele tempo, eu fazia o curso de Saúde Pública e o professor Viegas tinha sido dispensado pelo governador por razões políticas da época e houve uma reunião de desagravo dos órgãos de classe para o prof. Viegas. O Brandão estava lá, eu ainda era professor de Saúde Pública naquela época. Depois quando eu fui convidado para vir para cá, eu vim da Faculdade de Saúde Pública e trabalhando na área de prevenção e então eu vim trabalhar junto com ele.

Brandão era muito entusiasmado com as atividades extramuros, ele gostava muito disso. Ele ficava sabendo de entidades aí afora que cuidavam de crianças e que às vezes tinham um consultório todo quebrado, parado e a gente se mexia; íamos lá, víamos o consultório, ele pegava o pessoal da oficina e levava lá, ele levava no carro dele, levava ferramentas, ele dava um jeito, ele convencia o pessoal para ir lá e consertar o equipo e pôr tudo funcionando e depois nós levávamos os alunos lá. Eu conheci bem Bauru de tanto andar com o Brandão por aí, pelos bairros, nas escolinhas fazendo esse trabalho.

Naquela época o combustível era barato e a gente tinha entusiasmo e a gente gostava dessas coisas e o contato com os alunos era muito bom. Os alunos sempre gostaram dessa atividade extramuros, sabe? Tem gente que diz que os alunos não gostam e é errado, os alunos gostam. Porque a gente não tinha tempo de ficar com os alunos e uma das filosofias de trabalho extramural é que o professor deve ficar sempre com os alunos, mas isso não é realmente necessário, só no começo para dar uma orientação e coisa desse tipo, mas a diferença fundamental é que depois eles não tinham a tutela do professor ao lado. Aqui, na clínica da faculdade, qualquer probleminha eles chamam o professor e de repente lá eles se veem na posição de ter de tomar decisões sozinhos, entende? E alguns ficam apavorados no começo. No primeiro dia, na primeira semana, eles ficavam doidos porque eles se viam na posição de profissionais trabalhando sem ter para quem perguntar. Nós nunca tivemos problemas de atendimento à comunidade com os alunos em trabalho extramural. E o Brandão era o único professor naquela época, e depois nós do departamento a batalhar pelos trabalhos extramuros, por que a escola não dá apoio a essas atividades.

Mas a FOB é uma das poucas faculdades de Odontologia do país que tem a característica de prevenção muito marcante...
Sim, é verdade. No curso da FOB as disciplinas foram incorporando lentamente conceitos de prevenção. E, aliás, é uma coisa que eu sempre acreditei, quer dizer, você falar que tem uma disciplina de odontologia preventiva como existe até hoje, me parece um pouco não apropriado, porque você não faz prevenção só no dia da preventiva. A prevenção tem que ser o dia a dia do clínico. A prevenção tem que estar na atividade do clínico quando ele faz operatório, cirurgia, quando ele faz prótese. Quer dizer, os conceitos de prevenção permeiam toda a atividade odontológica. Não é só na Odontopediatria quando se faz aplicação de flúor nas

crianças, quando se coloca mantenedor de espaço na Ortodontia. Toda a atividade clínica tem que estar imbuída da ideia da prevenção. Isso é o que é dar o melhor atendimento odontológico e isso a escola foi incorporando lentamente. Na periodontia, hoje se dá muita importância à educação do paciente em atividade de higiene bucal, para controle de doenças periodontais. Hoje já existe.

Mas nas atividades extramuros, a faculdade nunca foi forte nisso. A gente teve que lutar muito para conseguir. Ao longo do tempo, dos anos, nós fomos conseguindo equipo para instalação de atividades extramurais, mas nunca foi uma atividade que a escola se preocupasse e eu acho importante. O Brandão achava importante levar o aluno para conhecer a comunidade, ir in loco, ver os problemas de saúde bucal, fazer os levantamentos epidemiológicos. Foi ele que fez os primeiros levantamentos epidemiológicos daqui e da região, eu ainda nem estava aqui e ele já tinha feito os levantamentos de Bauru. Quando eu cheguei, ele já tinha dados da saúde bucal da cidade.

E esse trabalho, onde está?

Eu não sei, o Brandão nunca se preocupou em publicar trabalhos. Ele fazia os trabalhos e a gente tinha que insistir com ele para botar em ordem, para dar uma arrumadinha e mandar para a revista para publicação. Mas eu sei que quando eu cheguei a Bauru, já tinha levantamentos epidemiológicos feitos por ele e já tinha dados de incidência de cárie em Bauru e em Uberlândia também.

Quando a faculdade foi criada em Uberlândia, ele foi convidado para ir lá e coordenar um trabalho de levantamento sobre saúde bucal. Ele gostava muito desse tipo de trabalho, gostava de estar junto com os alunos e, principalmente, ele se preocupava muito com a saúde das crianças, então ele levava os alunos da faculdade nos orfanatos para dar tratamento. A ideia dele é que a gente não devia só se preocupar com o tratamento de fluoretação

das águas ou com a educação em saúde bucal, mas dar efetivamente tratamento para essas crianças que precisavam.

A lei de Fluoretação da água já existia quando ele veio para cá, mas foi ele que lutou para fazer valer, não é?
Eu não sei, não tenho dados porque eu não estava aqui na época. Eu sei que o professor Viegas, que foi professor dele também, foi um grande batalhador para a fluoretação das águas aqui no Brasil, foi um homem que dedicou a vida dele para isso, ele correu todo o Brasil nessa campanha, fazendo palestras sobre fluoretação de água. Mas eu me lembro que a primeira vez que ele veio aqui à Bauru a convite da Associação Paulista de Cirurgiões Dentistas, não existia a Faculdade de Odontologia ainda, para falar sobre a fluoretação de água ele não foi bem sucedido, parece que foi a convite da câmara, uma coisa desse tipo, mas aí levantaram algumas objeções e o professor Viegas era um homem que se irritava muito facilmente com questionamentos sem fundamentos, e não era muito bom na argumentação, quer dizer, ele sabia argumentar mas ficava tão bravo com a ignorância das pessoas, que acabava sendo improducente , entende? Então, eu sei que a primeira vez que ele veio a Bauru não tinha a fluoretação de água e ele não foi bem sucedido. Depois ele veio aqui outras vezes, lá na Faculdade de Odontologia. Eu sei que o Brandão lutou muito para que se fluoretasse as águas de Bauru, mas eu não sei direito porque eu só vim para cá em 1967 e então as coisas que antecederam nesses quatro ou cinco anos anteriores eu não sei. Mas até hoje a FOB faz o controle de fluoretação da água de Bauru através de levantamentos epidemiológicos.

Ao longo dos anos, quando o Brandão esteve aqui, nós fazíamos sistematicamente, nós fazíamos todos os anos o inquérito odontológico com os alunos, incluindo um número grande de escolas da cidade. A gente tinha a semana do levantamento epidemiológico e saíam todos os alunos da escola, nós íamos para todas

as escolas e era uma correria para conseguir equacionar, conseguir condução para os alunos, alimentação, levar os alunos para as diferentes escolas e depois de tarde íamos buscar. Os alunos ficavam nas escolas o dia todo fazendo levantamento, examinando a criançada e isso foi feito sistematicamente todos os anos, e nós acompanhamos a redução de incidência de cárie em Bauru. Nos primeiros anos a fluoretação de água aqui não foi bem feita, havia interrupções por problemas de equipamento, por problemas de importação do fluoreto. Hoje não se importa mais o sal fluoretado, hoje se usa produto nacional, mas naquela época havia vários problemas de ordem técnica e, como a administração pública nem sempre fica acompanhando essas coisas, quer dizer, no caso da fluoretação, se se interrompe a atividade de repente, ninguém percebe, não acontece nada, não é? E se não tem ninguém fiscalizando, ficando em cima, pode ficar interrompida bastante tempo, entende?

Nós começamos a fazer também a amostragem de água de Bauru para medir o conteúdo de flúor e houve ocasiões que nós, aqui da FOB, alertamos a população que estava faltando flúor na água. Hoje, Bauru é uma cidade que tem um sistema de fluoretação muito bom, inclusive nos poços artesianos que existem em vários bairros e pontos da cidade, é uma cidade bem servida. Foi uma coisa que ao longo dos anos os executivos da cidade foram entendendo que é importante. E você percebe que a filosofia do político é um pouco diferente porque empregam recursos da Prefeitura e querem resultados rápidos, porque isso interessa eleitoralmente, não é? É como se diz por aí que político não faz rede de esgoto porque fica embaixo da terra e ninguém vê, não é? É mais ou menos a mesma filosofia, você põe flúor na água, os resultados vão aparecer só dez anos depois, quer dizer, só as crianças que os dentes começam a se formar quando se põe flúor na água e aí você vai obter o efeito máximo da fluoretação, quer dizer, os benefícios vão parecer só dez anos depois, então é difícil

convencer o político que tem que fazer isso. Isso não dá benefício eleitoral para ele em nenhum momento, porque a população vai ser beneficiada ao longo do tempo.

A fiscalização da fluoretação continua sendo feita pela FOB?
Está sendo feita, mas não com a mesma regularidade que o Brandão fazia, ele era muito insistente nisso. Todos os anos tinha que fazer o levantamento. Agora a gente tem os resultados e ocasionalmente um ano ou outro pode deixar de ser feito, mas a escola continua fazendo porque também depende do programa elaborado para cada ano para os alunos, não é?

E as atividades extramuros?
Atualmente o departamento tem apenas dois núcleos de atividades extramuros porque ao longo dos anos as coisas foram ficando mais difíceis, problemas de combustível, problemas de transporte e nós vimos que era muito difícil coordenar atividades dos alunos em diferentes pontos, entende? Então nós acabamos reduzindo e atualmente nós temos dois pontos de atividade extramuros.

Nós temos uma lá na Casa do Garoto com cinco consultórios odontológicos, mais raios-X, etc., e temos outra área aqui no Jardim Redentor, chama Creche Rodrigues de Abreu. Aliás, o programa do Rodrigues de Abreu começou com o Brandão. É um consultório pequenininho, uma salinha e depois nós conseguimos lá porque existia um prédio em construção que tinha sido interrompido porque a entidade tinha conseguido uma verba, mas depois o dinheiro acabou e o prédio ficou sem terminar. Naquela ocasião, o Brandão conseguiu da Prefeitura de Bauru os recursos para terminar o prédio e nós conseguimos autorização da creche, a Prefeitura acabou aquela parte do prédio que estava inacabada e nós instalamos lá um consultório dentário com cinco ou seis consultórios e que funciona até hoje.

Então na época do professor Brandão havia muito mais pontos de atividades extramuros?
Na época do Brandão nós tínhamos alunos em diferentes pontos; quer dizer, se tinha uma escola que tinha um consultório parado, nós dávamos um jeito de colocar o consultório em funcionamento e colocávamos uma dupla de alunos lá. Então nós tínhamos seis, sete pontos com alunos trabalhando. E isso era bastante desgastante, ficar correndo para todos os lugares. Ainda na época do Brandão, nós conseguimos instalar uma clínica na Vila Independência, num grupo escolar, naquele tempo nós conseguimos da diretora do grupo escolar da Vila Independência uma sala de aula onde nós instalamos quatro consultórios, montamos uma clínica bem arrumadinha e a direção da FOB colaborou. O Diretor era o Dr. Paulo Amarante e nós instalamos compressores e ficou um trabalho bem montado. Depois nós construímos essa clínica na Creche Rodrigues de Abreu e na Casa do Garoto, mas acabamos interrompendo esse trabalho na Vila Independente porque a escola tinha designado um dentista para lá e elas precisavam do espaço para sala de aula e então nós acabamos interrompendo aquele trabalho e ficamos só com duas áreas de atuação.

E o trailer?
Tinha, mas com o tempo acabou demonstrando que não era muito prático esse trabalho, porque era muito complicado aquele negócio de transportar trailer de um lado para outro.

Durante quanto tempo funcionou?
Eu não me lembro, mas foram muitos anos. Depois o trailer ficou em péssimo estado e precisávamos de recursos para comprar outro, aquele já não tinha condições de tanto conserta e conserta que já não dava mais, não tinha condições. E nós acabamos por achar que era mais prático instalar duas clínicas fixas e é a situação que temos hoje.

O trailer foi doado pelo prefeito Franciscato ou pelo prefeito Edmundo Coube?
Eu não sei, eu só sei que foi o Brandão que conseguiu.

O professor Brandão, além de coordenar as ações, tinha um talento muito especial para a produção, a captação de recursos e soluções para os problemas práticos, não é?
O Brandão tinha muitas ideias, era uma pessoa muito criativa. Ele fez um programa no Projeto Rondon, quer dizer, além de ir com os alunos lá em Humaitá várias vezes, ele fez um programa em conjunto com a Noroeste e instalou uns consultórios em trens, nos vagões da Noroeste e os alunos foram com esse trem ao longo da linha, parando em localidades pequenas e como várias dessas localidades, dessas cidades, não tinham energia elétrica e os vagões ficavam parados, porque o Brandão insistia que a gente tinha que dar tratamento odontológico também. Porque ele achava que não tinha sentido a gente ir fazer só um trabalho, um programa educativo e um programa de extrações, ele dizia que a gente tinha que consertar os dentes que ainda tinham condições de serem restaurados. E então ele ficou pensando como a gente ia fazer para funcionar os aparelhos nessas localidades pequenas que não tinham energia elétrica e então ele pensou em colocar tubos de nitrogênio. No começo ele pensou em colocar tubos de oxigênio. Ele dizia: "vamos tocar com pressão". Como precisava de um compressor para tocar o ar comprimido para a alta rotação e como não tinha eletricidade, ele primeiro queria arranjar geradores à gasolina para movimentar o compressor, mas aí veio a ideia de trabalhar com tubos de oxigênio. Aí nós fomos lá à White Martins e conversamos com o técnico lá e o Brandão explicou o que ele queria fazer e o técnico estudou a situação e falou que o oxigênio não convinha, porque o oxigênio podia incendiar o óleo da turbina, porque a turbina tinha que ser lubrificada. E

surgiu o nitrogênio, que é um gás inócuo e seco e a gente poderia trabalhar com ele e realmente, a própria White Martins instalou um conjunto de tubos, aqueles tubos grandes do lado de fora do vagão e a canalização. Aí nós instalamos dois equipos odontológicos, duas cadeiras odontológicas dentro do vagão, quer dizer, montamos dois consultórios dentro do vagão com turbinas de alta rotação movimentadas a nitrogênio e funcionou que foi uma maravilha, foi um espetáculo.

Hoje já tem clínicas que estão pensando em trabalhar com nitrogênio, porque o nitrogênio tem uma grande vantagem sobre o ar comprimido, não junta água na tubulação. Nós, por exemplo, nós temos um problema grave de compressor porque como a canalização é muito grande, nós temos que colocar filtros para reter a umidade ao longo da canalização e sempre acaba chegando umidade nos aparelhos de alta rotação. E hoje já tem dentista que trabalha com tubos de nitrogênio nos lugares onde é fácil a reposição desses tubos. Trabalhar com nitrogênio foi uma ideia do Brandão, foi um trabalho que foi um sucesso ao longo da linha, os alunos fizeram centenas de restaurações trabalhando com tubos de nitrogênio e naquela época nunca ninguém tinha pensado nisso.

Esse projeto com a Noroeste acabou?
Esses projetos eram patrocinados pelo governo, coisa desse tipo e na época o governo militar patrocinava essas atividades e tinha o Projeto Rondon, que foi coordenado pelo Brandão por um bom tempo.

O professor Brandão contribuiu muito também pelo seu entusiasmo, não é?
É, ele está fazendo muita falta. Pessoas que têm entusiasmo hoje, eu não sei, hoje a gente, sei lá.... Talvez a vida tenha mudado muito, parece que a vida mudou, parece que a gente não encontra

mais esse entusiasmo nos jovens. Não sei se essa crítica é procedente ou não, mas é que a própria escola parece que naquela época quando a escola era menor e tinha um grupo menor de professores, tinha um relacionamento maior entre os professores e as pessoas tinham interesse em discutir e tocar projetos e todo mundo participava de uma forma ou de outra. Porque o Brandão saía, ele precisava do departamento, ele precisava de material odontológico então ele ia lá ao Departamento de Materiais, ele precisava de apoio da Radiologia, quer dizer, o Brandão acabava envolvendo uma porção de gente nos projetos que ele fazia. Hoje a gente percebe um distanciamento dos Departamentos, eles cresceram muito e cada um cuida de suas próprias coisas, entende?

E sobre a divulgação dos trabalhos dele, das palestras, da contribuição dele na parte de Extensão na USP?
O Brandão contribuiu de diversas formas, mas ele não gostava de publicação. Ele gostava de fazer as coisas, gostava de participar, de resolver os problemas, de fazer e ver as coisas funcionando, de estar ali presente. Mas para fazer o Brandão publicar as coisas era difícil. Esse trabalho com tubos de nitrogênio com a Noroeste, por exemplo, que inclusive ele catalogou, ele tabulou o número de restaurações que foram feitas, ele sabia quantas restaurações poderiam render com cada tubo de nitrogênio para poder calcular os custos, coisas desse tipo, ele tinha uma porção de dados e eu não sei que fim levou isso. Eu pedia a ele para organizar porque era um negócio importante e precisava publicar esse trabalho, mas ele vivia correndo de um lado para outro, fazendo as coisas e aquilo de sentar para escrever só a gente empurrando.... Aí ele sentava e começava a escrever, mas muita coisa, a maior parte das coisas dele, não ficou registrada.

Esses levantamentos epidemiológicos que ele fazia a cada ano, por exemplo, as fichas ficavam aqui no departamento e ao longo do tempo foram desaparecendo, mas quer dizer, cada um desses

levantamentos podia ser publicado, seria uma publicação que se você coletasse ao longo do tempo, poderíamos fazer um mapa das reduções epidemiológicas ao longo dos anos, entende? Ele fazia, levantava os resultados, tabulava e tudo o mais; às vezes ele mandava para um jornal da cidade, mais para uma informação junto à comunidade, só. Ele nunca pensou em publicar como trabalho numa revista científica, ele nunca se preocupou com coisas desse tipo. Tem gente que só pensa em publicar, é diferente. Acho que o Brandão tinha muito valor nas coisas que ele fazia, ele fazia com muito amor, ele tinha muitas ideias interessantes, principalmente naquilo que ele acreditava e lutava, que era a melhoria da saúde bucal das crianças e da comunidade, mas ele fazia as coisas, colocava as coisas para funcionar e dizia que publicar era trabalho para outras pessoas.

É. Agora eu estou com essa tarefa de refazer o caminho dele e eu não consegui achar nem o Curriculum dele, nem aqui na faculdade e nem em lugar nenhum. Como é que eu vou fazer?

Para falar a verdade, eu também não tenho essa preocupação, quer dizer, não tanto como o Brandão, mas publicar a gente tem que publicar alguma coisa, porque a gente não pode ficar só no computador com tanta coisa para fazer... Hoje como parte da carreira universitária a gente tem que publicar, e é importante que os outros conheçam o trabalho que a gente está fazendo, porque isso dá novas ideias para os outros e isso, o desenvolvimento científico, se obtém na medida que as outras pessoas registram o que fazem, o que aprenderam, o que descobriram, os avanços que conseguiram porque os outros pegam e partem desse ponto e vão adiante. Então é importante a publicação, mas também não sou uma pessoa excessivamente preocupada em publicar. Tem gente que publica até certidão de nascimento, de batizado e da primeira comunhão (risos), mas eu acho que nem tanto assim, não é? Eu acho que as coisas que a gente considera importante do ponto de vista científico, a gente tem que publicar, porque a gente tem que

dar conhecimento à comunidade.

Naquela época os professores não tinham a obrigação de montar um memorial, agora **eu não sei por onde começar porque nem aqui tem as coisas dele...**
É, hoje em dia é uma exigência da faculdade, o professor universitário tem que mostrar a sua produção de alguma forma. Naquela época isso não era exigido e, por causa disso mesmo, a gente negligenciava essa parte, não é? A gente achava que o mais importante era ensinar os alunos, dar aulas e desenvolver esse trabalho de conscientização da comunidade e coisas desse tipo. E a gente achava que estava cumprindo nosso papel, entende? Muitos trabalhos que foram feitos por ele, pesquisas sobre fluoretação das águas, aplicação tópica de cloreto etc, o Brandão fazia todo esse tipo de coisas, mas não publicava nada, dizia que isso era para outros.

O senhor poderia falar alguma coisa sobre a personalidade do professor Brandão?
O Brandão era extremamente exigente com o caráter das pessoas, quer dizer, ele achava que mais importante até que a competência científica, do que a carreira universitária, era o caráter da pessoa. Ele era muito exigente com esse tipo de coisa. Se alguma pessoa por qualquer razão aprontava alguma coisa que de alguma forma mostrasse que o caráter dela não era muito confiável, essa pessoa estava cortada com ele. E ele descia a boca mesmo, sempre que podia, para aquela pessoa. Nesse ponto ele era muito exigente, ele dizia que preferia trabalhar com pessoas pouco inteligentes do que com indivíduos que não tinham caráter. Correção no trato com ele era coisa fundamental. Ele acabou cortando relações com muita gente aqui na faculdade por causa disso. Aquele jeito meio lusitano dele, né?

E em relação ao senhor, por causa do entusiasmo dele, ele chegou a influenciá-lo?
Nós acreditávamos nas mesmas coisas do ponto de vista da odontologia preventiva, do trabalho comunitário, porque nós tínhamos vindo da mesma Faculdade de Saúde Pública e a conceituação, a filosofia era exatamente a mesma. Eu já tinha trabalhado cinco anos lá em São Paulo e eu trabalhava com uma pessoa que era um dos expoentes de odontologia preventiva, que era o professor Viegas, que foi professor dele lá em São Paulo também, de maneira que chegando aqui foi uma continuidade do trabalho que eu fazia lá na Saúde Pública e que aliás, foi uma das razões porque eu vim para cá. Eu sabia que havia possibilidades de continuar o trabalho que eu fazia lá na Saúde Pública. O Brandão frequentou muito lá, fez muitos cursos conosco e ele já se preocupava com essa área, já tinha trabalhos desenvolvidos nessa área antes de eu vir para cá, ele já tinha feito levantamentos epidemiológicos aqui, de modo que foi uma continuidade do trabalho que eu fazia lá.

E em relação aos alunos, ele esteve aqui nove anos. O senhor acha que ele chegou a influenciar uma geração de profissionais?
A maioria dos alunos não ficou por aqui, nós temos aqui alguns ex-alunos que ficaram na escola, provavelmente do tempo do Brandão, embora a maior parte deles seja das primeiras turmas e quando eu vim para Bauru já tinham sido formadas duas ou três turmas. A maior parte dos professores atuais são ex-alunos dessas turmas. O Brandão veio um ano antes de mim e eu não sei dizer, a gente procura ensinar aos alunos esses aspectos preventivos, mas depois que o aluno se forma e parte para a clínica eu não sei quantos deles mantêm algum interesse nesse tipo de atividade. A gente espera que eles mantenham contato com os clubes de serviço de sua cidade onde vão trabalhar, façam palestras abordando higiene bucal, a importância da fluoretação das águas, essas coisas, mas nós nunca fizemos uma avaliação se os nossos ex-alunos

hoje mantêm a preocupação com essas coisas. A gente sabe que cada um tem a necessidade de ganhar a vida e se mete no seu consultório e trata de trabalhar. Mas a gente espera é que os alunos tenham acreditado nessas coisas.

A gratificação que a gente tem é saber que a gente está colaborando com a saúde da comunidade porque é o tipo de trabalho que não traz dividendos materiais, de rentabilidade, de dinheiro, mas eu acho que a despeito disso o profissional deve sair e ir ao Dia da Saúde Bucal, procurar uma escola e oferecer uma palestra, fazer um trabalho de divulgação da prevenção e coisas desse tipo.

Nós sabemos que, como as ideias hoje evoluíram bastante, muitos alunos formados aqui em Bauru particularmente, hoje tem uma atividade dentro do consultório de prevenção com os seus pacientes, quer dizer, hoje eles ensinam escovação. Antigamente não se ensinava a escovar os dentes no consultório e foi o trabalho da odontologia preventiva que mostrou a importância disso. Hoje um profissional de bom nível precisa também fazer esse trabalho junto aos seus pacientes nos seus consultórios. Não é só consertar os estragos que a cárie faz, além do trabalho de restauração dos dentes, ele deve ensinar os pacientes que essas coisas são importantes. Ensinar como o paciente deve escovar os dentes corretamente, como é que se usa o fio dental, como é importante a aplicação tópica de flúor, como é importante o cuidado com os dentes do siso das crianças, uma porção de coisas que é importante do ponto de vista preventivo que se pode fazer ao nível de consultório e hoje eu acredito que os nossos alunos fazem. Eu acredito que os alunos formados aqui fazem odontologia de bom nível, incluindo todos os aspectos preventivos. Agora, quanto ao trabalho de comunidade, eu não saberia dizer, porque eu acredito que isso seja inclinação pessoal de cada um.

DRA. MARIA FIDELLA DE LIMA NAVARROBAURU, MAIO DE 1996

DEPARTAMENTO DE DENTÍSTICA DA FOB.

A senhora foi aluna do prof. Brandão?
Eu me formei em 1965, o professor Brandão chegou em 1966. Não fui aluna dele, mas tive uma convivência com ele pôr força de..., porque naquela época nós aqui da Dentística dávamos uma assistência também nas áreas de campo e ele foi um pioneiro na abertura dessas áreas de campo, quer dizer, em trabalhos extramurais da escola.

Naquela época, a escola estava começando, então ela era precária e tudo, mas dentro dos seus próprios muros e ele foi o primeiro a fazer trabalhos extramurais. Nas primeiras pesquisas que a gente fez em áreas de campo, eu me lembro dele sempre atuando, foi ele que abriu esse campo para a gente, de trabalho fora da escola.

Ele tinha um ótimo relacionamento com os dentistas, com os profissionais dessa área. Então eu concordo bem com essa idéia dos ex-alunos, dos ex-colegas de profissão e de departamento dele que ele teve a preocupação de inserção de uma visão social e global na formação dos alunos aqui da escola, eu vivenciei isso.

Nessas pesquisas de campo, eu me lembro perfeitamente por exemplo de uma pesquisa do Dr. Mauro no Redentor, que era nossa área mas nós fomos com o prof. Brandão lá numa área próxima do Centro Educativo, ao lado da Hípica, num grupo escolar, então ele tinha uma visão bem ampla, não era restrita num determinado ponto, entende? Ele tinha uma preocupação com uma melhoria global das condições de saúde do município. Então, é essa a lembrança que ele deixou marcada em mim.

Quando a escola começou aqui, a idéia de Ensino, Pesquisa e Extensão já funcionava quando o professor Brandão chegou? Isto é, a parte de Extensão especificamente?
Quando a escola começou, a parte de Extensão ficava mais por conta das clínicas que a gente tinha aqui e que atendia a população de um modo geral. Mas a primeira saída assim foi quando se pensou nessa atividade extramural e então houve uma abrangência maior quando o prof. Brandão veio para cá. Naquela época, no ensino, nas escolas, era uma idéia, um movimento nacional que estava brotando e que a gente vê florir em vários lugares, felizmente. A Universidade não pode ficar fazendo só pesquisa para dar chance para o indivíduo subir na carreira, ela precisa ter uma preocupação profunda e real de buscar soluções, porque afinal de contas eu acho que a gente forma os profissionais para resolver os problemas relacionados com aquela área, não é? E isso eu observo agora, o que está ocorrendo.

A Dra. Fidella participou do Projeto Rondon?
Não, eu nunca participei do Projeto Rondon, talvez até por eu ser da primeira turma da faculdade, da escola, não teve nenhum aluno da minha turma que participou dessa atividade, mas nós fizemos na época de estudante assim que a gente tomou conhecimento de técnicas mais adequadas de higienização, de como prevenir a cárie, eu me lembro bem que nós saímos em mutirão pelas escolas todas, nós pegamos todas as escolas públicas e até privadas de Bauru e fomos ensinar como se fazia prevenção. Então eu hoje tenho esses certificados e eles em termos de carreira não contam pontuação, são irrelevantes, mas no sentido da minha formação e da importância que eu dou para a passagem desses conhecimentos todos para a população, toda vez que eu olho para esses documentos, eles têm um valor muito grande para mim.

Não contam pontos para a carreira, mas eles contribuíram para as estatísticas sobre saúde bucal da região?
Na verdade, a gente não tinha nem um pouco de preocupação nisso, acho que o professor Brandão teve essa preocupação, de levantar esses dados e tudo. Nós, na época, não tínhamos essa preocupação, eu só queria o conhecimento, talvez até por imaturidade, não tinha a preocupação de verificar o impacto desses dados, dessas informações, se elas provocaram alguma mudança real. Mas a gente sabe que todo o conhecimento que é passado, que é assimilado é importante.

Como colega de trabalho o professor Brandão influenciou a senhora em algum aspecto?
Você vê que logo de cara eu citei o bom relacionamento que ele tinha com os colegas de trabalho, porque muitas vezes assim no serviço social, no atendimento social, que os colegas fazem às vezes as condições são adversas e eu me lembro sempre dele valorizando todo mundo. Ele conhecia todo mundo, sabia pelo nome todo mundo, ele sempre valorizava o trabalho de cada uma dessas pessoas e isso para mim foi muito marcante. E eu acho que a gente tem que realmente valorizar as pessoas porque algumas pessoas podem ter uma condição um pouco melhor, podem até estar de bem com a vida porque as condições são mais favoráveis para aquela pessoa e então eu via muito esse lado humano do professor Brandão, ele valorizando sempre as pessoas. Eu acho que esses exemplos são marcantes na vida da gente. Então hoje, muitas pessoas também se referem a mim por eu valorizar, por eu entender e incentivar as pessoas. Eu acho que uma boa parte foi influência dele.

O professor Brandão não era brasileiro de nascimento mas era um brasileiro apaixonado e idealista e trabalhou muito para o Projeto Rondon.
A senhora acha que ele chegou a influenciar os alunos dele para conhecer melhor o país e a própria profissão?
Eu acho que sim, certamente. As pessoas, principalmente pelo exemplo que elas dão, conseguem influenciar ao longo do tempo. Porque às vezes, na área social, as pessoas têm um discurso até muito bonito, mas a gente não vê uma ação acompanhando. No caso do professor Brandão, ele era muito de ação, ele era muito de arregaçar as mangas e ir a campo, ao trabalho, e isso é que é o mais importante. Hoje em dia a gente vê uma expressão que até está em moda, que as pessoas têm que ser otimistas, que elas têm que acreditar, mas elas têm que ser acima de tudo entusiastas e estar à frente das ações. Porque se é só um discurso, a força do discurso termina na hora que você fala a última palavra, não é assim? Quando uma pessoa consegue realmente influenciar é porque ela está ali, junto, ela está trabalhando ao lado do discurso e, simultaneamente, tem um lado de ação. Acho que é isso o que foi importante, muito importante na personalidade do professor Brandão.

DR. JOSÉ ROBERTO MAGALHÃES BASTOS
BAURU, MAIO DE 1996.

DEPARTAMENTO DE ODONTOLOGIA SOCIAL E PREVENTIVA DA FOB

Quando o senhor conheceu o professor Brandão?
Eu conheci o Brandão em 1974, o melhor contato que eu tive com ele foi quando eu vim para Bauru me candidatar a uma vaga de auxiliar de ensino aqui na FOB. Naquela época eu era jovem,

tinha vinte e tantos anos e a primeira coisa que eu fiz quando cheguei aqui em Bauru, porque Bauru era uma cidade do interior bem provinciana e eu era um garoto do Rio de Janeiro, cabeludo, tinha os cabelos pelos ombros, andava num carro vermelho com vidro fumê, farol de milha... Andava de pantalonas e muito enfeitado, mas depois eu cismei de fazer carreira universitária, eu resolvi aceitar a vaga de Bauru e a primeira coisa que eu fiz quando cheguei aqui foi cortar um pouco os cabelos, então escolhi o melhor barbeiro da cidade, e fui naquele salão. Quando cheguei lá eu disse que queria cortar os cabelos porque eu estava indo para uma entrevista na faculdade. Comecei a explicar isso para o funcionário do salão e ele me perguntou qual a faculdade que eu estava me candidatando e eu falei que era a FOB. E aí o funcionário disse: "Ah! Então já que o senhor vai para a Faculdade de Odontologia, aqui do lado tem um português que é professor lá da faculdade". Aquele professor estava ali fazendo o cabelo e tinha uma escurinha que estava fazendo as mãos dele e outra que estava fazendo os pés dele. O Brandão era uma pessoa muito espontânea mas tinha umas coisas muito interessantes lá da terra dele. Ele era muito fino, era muito refinado em algumas coisas, e isso era uma marca muito interessante do Brandão, e eu fico um pouco arrepiado de lembrar essas coisas. Aí eu fui apresentado para ele lá no cabeleireiro e ele começou a conversar comigo, ele apreciou muito o fato de eu estar ali me preparando para a entrevista da escola. Conversamos alguns aspectos ligados à faculdade e ele já me convidou para ir para a casa dele para almoçar, fez questão que eu fosse almoçar com ele.

Quando ele acabou de aparar os poucos cabelos que ele tinha e de fazer as unhas, nós saímos e eu já reparei que ele tinha um fino gosto porque ele tinha um corcel de luxo 74 zero, e era um carro muito bonito para a época, foi um dos carros mais bonitos que o Brasil fabricou naquela época, e nós fomos naquele carro para a casa dele. Ele morava no Estoril, numa rua agradável e

quando nós chegamos lá, ele me apresentou para a esposa dele, para a dona Diva e para uma das filhas dele, a Ana Maria. Isso era hora de almoço e então a gente conversou um pouco e já fomos para uma sala onde nós almoçamos bem. Me lembro de um suco de cenouras e de uma refeição muito gostosa com vinho. Depois ele me convidou para descansar um pouco porque eu tinha chegado do Rio de Janeiro de ônibus, ele me deu uma rede. Tinha uma rede branca de rendas na sala ao lado e eu deitei naquela rede e nós conversamos mais um pouco etc. e tal e esse foi o meu primeiro contato com ele. Foi um contato muito bom, muito amigável e eu posso dizer que ali, desse tempo em diante eu só posso ter lembranças muito boas do Brandão. Naquela época eu evidentemente não o chamava de Brandão, eu chamava de Dr. Brandão.

Bom, aí eu fiz todas as entrevistas, cumpri todas as exigências que me foram feitas e eu voltei para o Rio de Janeiro. Em julho de 1975 saiu no Diário Oficial a minha nomeação e eu vim tomar posse no dia 19 de julho de 1975. Então eu convivi com o Brandão muito de perto depois disso, mas foram apenas quatro meses e que para mim parece um período longo.

Tomando posse eu fui morar lá perto da Rodoviária velha, num lugar chamado Risca a Faca, num beco. Tinha um hotelzinho que nem poderia chamar de hotel de tão ruim que era. Naquele ano de 1975, foi extremamente frio aqui em Bauru, eu me lembro que em alguns lugares, nas baixadas e tudo, chegou a dar dois graus negativos. Foi muito frio mesmo e eu vinha do Rio de Janeiro, de um lugar muito quente. Sofri muito com o frio e eu fui morar lá naquele hotelzinho, que era telha de Eternit, tinha uma cama, um espelhinho, uma pia dentro do próprio quarto e um armariozinho. Eu fiquei ali alguns dias. E o Brandão então, me vendo ali naquela situação, deu um desespero nele, ele não podia entender como eu podia ficar ali porque eu vinha do Rio de Janeiro e aquilo estava abaixo dos padrões de dignidade e ele não

queria que eu ficasse ali de jeito nenhum. A minha idéia era ficar ali por uns vinte dias e procurar uma casa para trazer a minha família, mas ele já foi atrás comigo para arranjar uma casa. Ele me ajudou muito, ele ia comigo procurar a casa e eu entre ameaças de ir morar em bairros retirados porque eu não conhecia bem Bauru, ele acabou encontrando uma casa muito boa para mim na época, que era num bairro muito bom e é até hoje. Naquela época era melhor que hoje, era no Estoril mesmo, na Gerson França com a Machado de Assis. Então é um lugar realmente excelente, muito bem servido. Fiquei muito satisfeito em morar ali, mas tão satisfeito que depois que eu passei um tempo fora de Bauru, quando voltei, voltei a morar naquela casa. Foi graças a ele que eu consegui aquela casa e eu pude voltar para o Rio de Janeiro mais cedo para buscar a minha família. Eu já tinha mulher e três filhos e eu sempre fui muito agarrado a eles. Naquela época, um tinha seis anos, outro três e o menorzinho dois anos, e eu tinha muitas saudades deles. O Brandão me ajudou muito, foi meu avalista naturalmente, me facilitou as coisas todas. E ali ele não descolou mais de mim. Ele me levou no Banco do Brasil para abrir uma conta e o gerente não queria abrir uma conta ouro porque não me conhecia, mas o Brandão queria que eu tivesse uma conta ouro, naquela época eu não sei se chamava conta ouro, mas era uma conta especial e ele abriu as portas, fez questão absoluta que o gerente abrisse aquela conta para mim. O Brandão quando queria uma coisa ele não era fácil e tinha que ser e pronto! E então o gerente do Banco do Brasil abriu aquela conta para mim.

Brandão foi comigo no Banespa e foi igual, porque a gente recebia pelo Banespa, mas não tinha direito a uma conta especial e o Brandão se empenhou, ele assinou em todos os lugares que precisava, falou com o gerente, falou com todo mundo e então eu fiquei com a conta no Banco do Brasil e no Banespa. Também eu precisava de um dinheiro para a mudança, eu tive muitas despesas e a Universidade não cobria, como não cobre até hoje, as

despesas de fixação para os professores que vêm de outros lugares, e eu precisei de um dinheiro que era mais ou menos o dobro que eu ganhava. Então o Brandão foi comigo na Caixa Econômica Estadual e falou com o gerente, com uma senhora que ele tinha amizade e ela me emprestou esse dinheiro baseada nas palavras do Brandão, ele era muito conhecido aqui e ele foi abrindo as portas para mim.

Eu trabalhava na mesma sala que ele, nós trabalhamos juntos naqueles quatro meses e nós íamos para todos os lugares juntos, nós desenvolvemos uma amizade. Ele era Vascaíno doente, uma vez meu pai trouxe uma flâmula do Vasco, quando o time foi campeão em 74 e ele ficou todo satisfeito. Essa parte de amizade eu diria hoje, sabendo dos problemas que ele teve com o filho mais velho, eu hoje tenho certeza absoluta que ele me adotou, quer dizer, ele me pegou como um filho para criar, fez minhas vontades, fez meus agrados. Ele deixava passar para mim, que ele tinha pouco tempo de vida, mas claro que a gente não tinha o alcance daquilo que ele dizia. Uma vez eu entrei na sala e ele estava abaixado, com a mão no peito e eu levei um susto e perguntei se ele estava passando mal e ele se recompôs logo e disse "não, não, está tudo bem, vamos sair um pouco, tomar ar." E nunca demonstrou que estava com um problema imediato, apesar de dizer que tinha problemas cardíacos. A família inteira dele, todos os irmãos, ele me contou a história da família dele.

O Brandão admirava profundamente o pai dele, o Brandão era uma pessoa bastante socializada e ele deixava escapar muito isso para mim. Acho que o pai dele foi dono de um negócio de alimentação, na época da guerra, e eu não sei se foi na I ou na II guerra, o governo queria que eles fabricassem chapas de barcos ou coisa assim, e eles começaram a ter problemas sérios com o esforço de guerra. O pai dele nunca deixou de pagar os salários dos empregados e acabou falindo. Acabou perdendo as coisas porque ele procurou manter os direitos de seus funcionários e

trabalhadores, ele pagou o preço de manter as panelas cheias de seus funcionários, porque ele acabou fazendo amizade e prezando muito aquelas pessoas, o que também era uma característica do Brandão. Às vezes ele se prejudicava para que os outros não se prejudicassem, isso aí eu assisti algumas passagens e também ouvi de algumas pessoas a respeito disso.

Quanto às coisas profissionais, o Brandão não gostava de escrever. Ele tinha uma cabeça muito privilegiada para contatos, era um homem de ação e de Saúde Pública, quer dizer, ele começou uma carreira que não foi de Saúde Pública e depois ele entrou nessa área de Saúde Pública e eu acho que foi quando ele amadureceu e aí o significado da palavra Socialização tomou mais força dentro dele. Ele entendeu isso profundamente e tentava passar para as pessoas.

Ele queria que as pessoas fossem menos desiguais, ele queria minimizar um pouco a miséria e nessa batalha acho que o Brandão se encontrou. O Brandão não era de escrever, ele era de batalhar, de lutar. Ele era aquele homem que quando tinha um assunto para resolver e se tinha que ir falar com o Presidente da República, então ele não tinha dúvidas, ele ia lá falar com o Presidente da República. Se tinha que ir falar com um coronel ou seja lá quem fosse, ele ia e pronto! Se tinha que brigar, ele brigava com qualquer um. Naquela época, a chamada Odontologia Social ou Odontologia Preventiva era muito difícil, a gente estava debaixo do AI-5 e as coisas eram muito difíceis, a gente tinha que ter muito cuidado com as palavras. A palavra Social era proibida, escrever a palavra Social era proibido. Mas o Brandão discutia, brigava, botava o dedo no nariz de quem que fosse para resolver as coisas que tinham que ser resolvidas e não se preocupava com o que ia acontecer ou com as consequências. Aqui mesmo na faculdade houve algumas dificuldades, inclusive com professores que gostavam muito do Brandão, eu posso até citar o Mondelli, que é um professor famoso e já era naquela época, eles tiveram muitos

problemas. O Brandão foi professor do Mondelli em Araraquara e o Brandão, às vezes, queria os alunos para levar para as áreas de campo e tinha que brigar com o Mondelli. Hoje as coisas são muito fáceis porque os caminhos que o Brandão construiu na realidade, e que foram muito difíceis, acabaram ficando plantados. Então, hoje as coisas estão mais organizadas e mais fáceis graças aos caminhos que o Brandão abriu. Naquela época era muito difícil e o Brandão ia falar com o Mondelli: "Mondelli, você tem que me dar os alunos porque eu vou colocar os alunos na área de campo, assim e assado" E o Mondelli dizia: "Não posso, não posso porque assim e assado". E o Brandão punha o dedo no nariz do Mondelli e dizia: "Pode sim e olha, sou mais velho que você, eu fui seu professor e o que você está pensando?" E o Mondelli tinha que ceder para o Brandão e isso não foi nem uma nem duas vezes, foram várias vezes. Eu trabalhei com ele nos últimos meses da vida dele, então eu assisti essas coisas acontecerem e ele me contou outras tantas lutas que ele teve que enfrentar aqui. A fluoretação das águas de Bauru, por exemplo, as grandes batalhas foram feitas pelo Brandão, o sinal de partida foi o Brandão junto às autoridades municipais e aquela briga toda. Ele já fez muito em implantar essa bandeira aqui, bandeira que eu até hoje carrego com todo o orgulho. Hoje a gente tem um índice de cárie em Bauru que já de uns anos para cá, é o menor índice de cárie do Brasil e a gente não pode se esquecer de que essa implantação se deve muito ao Brandão. Eu me lembro muito bem que também em Uberlândia ele implantou, tanto é que foi publicado um trabalho sobre fluoretação e índice de cárie na região de Uberlândia, o Brandão já tinha falecido e nesse trabalho está o nome do Brandão. Araraquara e Araçatuba também.

O professor Brandão fez muitos trabalhos, mas não publicou nada, ele dizia que publicar era trabalho para outras pessoas...
É, mas Araraquara eu me lembro bem porque um dia ele me

chamou e falou: "Zé Roberto, vamos para Araraquara, entra no carro". Ele era assim mesmo, vamos agora e pronto! Aí eu entrei no carro e ele foi me contando. Nós fomos fazer uma visita na estação de tratamento de águas de lá e ele foi me contando as lutas para a implantação lá em Araraquara. Nós visitamos a central de abastecimento e aquela coisa toda e depois voltamos para Bauru. De maneira que eu sei que ele lutou não só por Bauru, mas Araraquara, Araçatuba e Uberlândia. Acho que por onde ele passou.

Ele era uma pessoa de ir, realmente, e fazer as coisas. Ele não era de mandar recados nem de escrever, ele ia à luta e resolvia. Então se alguém pensa que vai encontrar muitas coisas escritas pelo Brandão está enganado. O Brandão era um homem de ação, era um homem de campo, era um homem de sair, de conversar, de discutir, de resolver, de partir para soluções. Ele não era de ficar no gabinete sentado e escrevendo. Os contatos que ele fazia, ele era muito dinâmico, ele era explosivo no sentido de conseguir as coisas. O estilo do Brandão era um estilo ligado à prática, à resoluções de problemas, de ação. Precisava-se falar com uma autoridade ou secretário municipal, por exemplo, ele não ficava pedindo audiência, ele saía e ia lá falar com o secretário, ele ia entrando e pronto. Esse era o estilo do Brandão. Eu sei bem desse estilo dele porque o Dr. Ricci trabalhou muito tempo lá em Humaitá, no Campus Avançado do Projeto Rondon e o Ricci me contou muitas passagens interessantes com o Brandão, e esse era o estilo dele.

Agora, eu creio que na minha vida, e isso eu gostaria de falar, o Brandão me influenciou, tanto que todos os meus trabalhos são dedicados a ele. O meu doutoramento é dedicado ao Brandão, a minha livre docência é dedicado ao Brandão e se algum dia eu fizer concurso para titular vai estar lá o meu agradecimento.

Quando o Brandão morreu, estávamos eu, o Dr. Eymar e o Zaniratto sentados à mesa do departamento discutindo um projeto

de pesquisa e aí chegou o Gastão e falou: "O Brandãozinho acaba de falecer". E nós pensamos que fosse o Brandão da Patologia, o Brandãozinho naquela época tinha uns vinte e poucos anos. Nós levamos um choque tão grande que nós continuamos ainda a trabalhar por uns minutos e de repente nós paramos de discutir e o Eymar falou: "Mas o Brandãozinho faleceu? Era um rapaz tão novo, vamos ver isso". E nós fomos ver e aí veio a realidade. Ficamos eu e o Eymar olhando um para o outro que nem bobos e então fomos para a casa do Brandão. Quando chegamos lá, o corpo estava ainda no sofá e daí o Eymar sentou do lado e falou: "Mas Brandão... " e ficou conversando um pouco com o cadáver e eu nunca vi o Eymar assim. O Eymar é uma pessoa nada ligada à religião, ele é muito discreto em tudo e aí ele não se conteve e foi para o jardim e chorou muito. Eu nunca vi o Eymar chorar na minha vida, só aquela vez.

Brandão falava muito no Eymar, ele gostava muito do Eymar, falava muito das características dele, da amizade deles, do trabalho sério que o Eymar fazia, da ajuda e eu sei também que naquela época o Brandão estava ajudando preparando a livre docência e o Eymar estava ajudando o Brandão a organizar a docência. Com toda a certeza, eu me lembro bem disso, o Brandão estava começando a preparar a livre docência.

Eu também tenho a certeza absoluta que ele estava preparando a docência porque com o Projeto Rondon, ele devia ter coletado uma porção de dados, informações sobre a região de Bauru, de Humaitá, ele deveria ter muito material para preparar um trabalho, uma tese...

Podia ser o Projeto Rondon, mas podia ser outra coisa, podia ser sobre fluoretação de água, porque, veja bem, a lei de fluoretação é de 1974 e ele morreu em 75 e ele foi um dos implantadores da fluoretação no Brasil. Aqui no coração do Estado de São Paulo e também em Minas Gerais. Uberlândia é uma das melhores

fluoretações do Brasil até hoje, ele tinha esse material na mão, tanto tinha e era tão bom que deu uma publicação enorme e o nome dele estava em primeiro lugar, quer dizer, as pessoas colocaram o nome dele porque sabiam que era ele que tinha feito aquele trabalho, foi um trabalho publicado pelo CREUSE.

Mas no Projeto Rondon ele teve acesso a muitas informações, acho que o trabalho não seria sobre o Projeto Rondon, mas partindo de dados que ele colheu enquanto esteve trabalhando pelo Brasil.
Eu não posso te dizer isso, eu sei que ele também estava trabalhando com aplicação de flúor, também um trabalho preventivo mas tendo como base cálcio, umas coisas que até o César, do Departamento de Materiais Dentário foi desenvolvendo várias coisas e eu não sei se nesses trabalhos o nome do Brandão apareceu.

DRA. ILKA MARIA E DR. VALÉRCIO BONACHELLA BAURU, MAIO DE 1996.

EX-ALUNOS DO PROFESSOR BRANDÃO.

Dr. Valércio vocês foram alunos do Dr. Brandão em que ano?
Em 1966 e 1967, no terceiro e quarto ano da faculdade.

Foi o primeiro ano que o professor Brandão deu aula lá?
É. Ele começou com a gente, foi uma introdução, foi o que deu início ao que ele implantou lá e no Rondon. Eu me lembrei também do Dr. Douglas, que pode te dar mais informações.

O senhor foi da primeira turma, o professor Brandão começou a fazer os primeiros levantamentos epidemiológicos de Bauru e região, aplicação tópica de flúor **e os alunos participavam dessas atividades...**
É, e era gostoso isso, havia diversos grupos escolares que eram divididos por setores e havia uma direção para cada um, a gente frequentava um dos grupos para fazer os levantamentos e a aplicação do flúor. Depois de algum tempo, 90 dias, a gente ia fazer a avalição da aplicação tópica do flúor, a faculdade dividia os alunos para essas atividades.

O senhor se lembra de quantos pontos e grupos escolares existiam?
Eu me lembro de que a minha classe atuava em dois grupos, eu estava no terceiro ano naquela época, depois tinha o quarto ano que atuava em outros pontos, acho que tinha em torno de oito grupos ou pontos. Um deles era até o professor Luiz Braga.

Algumas pessoas dizem que eram sete pontos. Que no começo era só um grupo escolar e depois foi ampliando. Algumas escolas tinham espaço e equipamentos estragados e a FoB foi consertando e colocando para funcionar. Tinha dois trailers também. O senhor chegou a trabalhar em algum dos trailers?
Não, o trailer começou depois de eu já estar formado. Começaram com um só e depois com mais um, mas eu já estava formado nessa época.

Dra. Ilka, a senhora chegou a participar das atividades nos trailers?
Não, eu fui só nos grupos escolares. Eu me lembro que a gente fazia restaurações, passava o flúor e depois fazia acompanhamento. Eu não fiz avaliação porque não foi a minha turma que fez avaliação. Eu tive aula com ele em 68, 69, comecei a acompanhar o

que a turma do Valércio fez. Na época do Valércio eles não faziam restaurações, foi a minha turma que começou a fazer.

O Dr. Eymar disse que o Brandão defendia que não bastava fazer só a prevenção, que era preciso fazer restauração também, era preciso consertar aqueles dentes que tinham condições de serem salvos. O Brandão fez um manual para os levantamentos epidemiológicos que se perdeu.
E o Brandão como professor, como ele era?
Ele não era um professor austero, que colocava barreiras, ele conversava com a gente com muita amizade, o que ele falava era tão interessante que motivava a classe, ele levava aquilo como se fosse uma conversa, o que gerava aulas boas, ele gostava de bater papo. A gente sentia o que ele queria e a gente perguntava, dialogava e era interessante. No fim não era aquela posição do professor lá na frente como se fosse uma autoridade, era uma conversa interessante. Ele falava coisas novas para a gente, eram coisas interessantes e a gente realmente prestava atenção porque era um monte de coisas práticas, era tudo prática, certo? Ensinava a gente a ser dentistas, parte de uma equipe, etc., a gente gostava muito das aulas. Ele sempre dava um toque com alguma piadinha no meio da aula, ele lembrava uma passagem interessante e contava na aula, ele saía muito com a gente para os grupos escolares, né, então ele lembrava alguma coisa assim...olha, na semana passada foi tal grupo e quebrou o carro e a gente teve que voltar a pé. Sempre tinha uma passagem interessante. Ele levava o pessoal com o carro dele, eu mesmo fui com ele no carro dele.

Ele teve muitos problemas para implantar os trabalhos extramuros da faculdade, com os diretores, com os professores que achavam que aquilo não era didático, e ele insistia que, muito pelo contrário, os alunos iam encontrar aquela realidade quando saíssem da escola...
É, a barreira que ele encontrou para implantar os trabalhos extramuros foi muito grande. E no começo ele não conseguiu implantar assim, todas as semanas como ele queria. No começo ele conseguiu um rodízio uma semana sim, duas semanas não, depois foi de quinze em quinze dias, para que os alunos não perdessem muitas aulas. Era uma atividade optativa, ia quem queria. Os outros professores falavam que perdiam aula, mas não perdiam nada, ao contrário, ganhavam. Foi assim até ele conseguir todas as semanas. E depois entrou para o currículo.

E os alunos, gostavam das atividades extramuros? Ou não gostavam?
Eram muito poucos os que não gostavam, eram aqueles acomodados, aqueles que não gostam de fazer coisas, achavam que aquilo não era importante, mas a maioria sempre aderiu. Só um ou outro não gostava e era melhor que não fossem lá porque quando iam, atrapalhavam a gente.

Então não era obrigatório ir...
Não. Quando começou quem queria ir, ia. Ele convidava e quem não quisesse ir não ia.
Ilka- Nos anos de 68 e 69, quando eu fiz o terceiro e o quarto ano, já havia escala de alunos para ir aos grupos escolares.

Naquela época o diretor da FoB. era o Dr. Paulo Amarante?
Eu acho que era o Dr. Luís Martins.

Bom, ele convidava os alunos a participarem, então como ele motivava? Como ele convencia? Ele puxava pelo idealismo, como era?
Ele motivava os alunos, ele contava casos e então o pessoal queria verificar se era verdade. Ele falava coisas novas, interessantes, era um desafio. Naquele tempo o flúor estava começando a ser implantado, tinha se feito muito pouco em ações preventivas. E mesmo a aplicação tópica de flúor, então a gente fazia os levantamentos epidemiológicos para verificar e era interessante. Ele conversava muito, ele não impunha nada. Motivava os alunos e dizia: "olha tal dia nós vamos a tal grupo". Então, mais de noventa por cento da turma aderia. E depois, os que não tinham aderido acabavam por ir.

A FoB tem uma característica de Odontologia Social, preventiva, assistencialista que poucas faculdades do Brasil têm, ela não é uma faculdade que se fecha dentro dela mesma, ela está voltada para a sociedade...
Até hoje ela é assim. Até hoje os alunos fazem restaurações, levantamentos, etc. Naquele tempo a gente fazia levantamentos todos os anos, ensinava a fazer bochechos, escovação correta, cuidados com a gengiva, etc. Hoje os levantamentos são mais espaçados.

Bauru é uma das cidades com menor incidência de cárie. É o resultado do trabalho que começou naquela época e é uma pena que os levantamentos que o professor Brandão fez e que foram responsáveis pelo pontapé inicial da Ação Preventiva, foram se perdendo com o tempo. Hoje podia ter um gráfico desse trabalho, como foi feito, etc. Afinal foi um trabalho pioneiro e que dependeu da garra de muitas pessoas e, principalmente, deixou resultados. E o trabalho da FOB. com o Projeto Rondon, vocês chegaram a participar, dos trens da Noroeste?
Não. Eu fui convidado a participar do Projeto lá em Humaitá,

mas eu já era formado, acho que foi em 1970 ou 1971... Ah! Lembrei-me de uma pessoa que pode te ajudar nessa pesquisa, que é o Dr. Douglas , ele foi do Dentário Escolar e trabalhou mais de dez anos com os grupos escolares, com o professor Brandão. Tenho o telefone dele aqui e eu vou te dar. (pausa).

O Dr. Brandão como professor tinha um jeito todo peculiar de trabalhar, tinha um jeito diferente dos outros professores, ele se colocava mais como um colega da gente, porque ele transmitia o conhecimento através de um diálogo franco, fácil, não era aquele diálogo chato.

As pessoas gostavam dele como pessoa e pelo que fazia, ele trabalhava no Projeto Rondon com muito carinho, idealismo mesmo, ele achava que o Projeto era a primeira escola de integração do país, trocar conhecimentos de Norte a Sul, prestar serviço às populações carentes, conhecer melhor a realidade do país para ser um bom profissional no futuro. Ele acreditava que a Universidade também tinha esse papel, essa função, de preparar o profissional e o indivíduo dentro da realidade do país.

No Projeto Rondon, o que a odontologia fazia era cirurgia, extração e também obturação, mas muito pouco.

O Dr. Osni e o Dr. Paulo Ferraz ajudaram muito o professor Brandão a montar, a adaptar os equipamentos odontológicos, as maluquices do Brandão nas atividades extramuros da faculdade e depois no Projeto Rondon.

DECLARAÇÃO

Eu, **FRANCISCO CORRÊA DA CRUZ,** brasileiro, casado, funcionário público aposentado, residente em Manaus (Am), portador do CPF 012.106.702-59, RG.64.475 SESEG-Am, declaro para os fins que se fizerem necessários o seguinte: - no período de 1973 a 1976, quando exerci o cargo de Prefeito Municipal - da cidade de Humaitá-Am, por diversas ocasiões, em vários dias seguidos, mantive contatos com o Prof. Dr. Alberto Brandão de Rezende, carinhosamente chamado de "Prof. Brandão" da Faculdade de Odontologia de Bauru e elemento de proa do Projeto Rondon, que tinha seu "campus avançado" em Humaitá, campus esse sob a responsabilidade das Faculdades de Bauru, Botucatu, Avaré e Jaú. Com seu trabalho permanente e persistente, do qual participava como um verdadeiro sacerdócio, conseguiu o Prof. Brandão, através do então prefeito de Bauru, Eng. Alcides Franciscato (1969-1972) fosse esse campus criado e instalado, inclusive enviando para aquela cidade, no dia seguinte às eleições de 1972, o candidato e prefeito de Bauru, Eng. Luiz Edmundo Coube, que teria então sua eleição posteriormente confirmada. Na minha gestão como prefeito de Humaitá, no início de 1973, por diversas vezes o Prof. Brandão esteve naquela cidade, como enviado do Projeto Rondon, ocasiões em que o mesmo trabalhou muito para acelerar o término da construção da nova sede do projeto naquela cidade, em virtude das instalações antigas serem precaríssimas e acanhadas. No início de 1974, chegava em Humaitá o Sr. Francisco Dal Médico, Presidente da Câmara Municipal de Bauru, escolhido que fora por unanimidade pelas faculdades acima citadas para o cargo de Diretor daquele campus, com a finalidade de acompanhar e acelerar o término da construção do novo prédio destinado às instalações do campus. As dificuldades eram enormes pois todo material ali empregado, chegava a Humaitá por via fluvial, através do Rio Madeira. Em meados de 1974, finalmente o prédio com aproximadamente 3000 m^2 de construção foi inaugurado, com a presença dos Ministros do Interior e do Trabalho, governadores do Amazonas e do então Território de Rondônia, altas autoridades civis e militares também com a presença de autoridades civis e militares locais.

Em 1974, quando fui levado a Bauru, pelo Sr. Francisco Dal Médido e fui considerado hóspede oficial daquela cidade, fui recebido carinhosamente pelas autoridades dos mais variados setores e, entre elas, estava o saudoso e inesquecível Prof. Brandão, de quem tenho as melhores e saudosas recordações.

Manaus,13 de setembro de 1996

FRANCISCO CORRÊA DA CRUZ
Prefeito de Humaitá-Am
Período - 1973-1976

VII - ÁLBUM DE FOTOGRAFIAS

-66-1

Batizado do primeiro filho Francisco

Na primeira foto com Celso (irmão de Diva) e sua mulher Laura

Vanda (filha de Rogéria e Juca) Rogéria, Kico, Diva e Alberto

Francisco com um ano

Diva, grávida de Maria Regina, Alberto e Kico (1951).

1952

Diva com Maria Regina (1952)

Alberto com Maria Regina (1952)

Batizado de Ana Maria

João Batista, Diva com Ana Maria, Alberto com Maria Regina e Kiko (1953)

Ana Maria e Maria Regina

Juca e Alberto com Maria Inez

Primeira comunhão de Inez
(Maringá)

Juca, Maria Regina, Rogéria, Ana Maria, Diva, Alberto, irmã da noiva, Vasco e noiva, Kico, Maria e familiares da noiva. Campinas (1957)

Os quatro irmãos, Maria Inez, Francisco, Ana Maria, Maria Regina

Os quatro irmãos, Maria Inez, Francisco, Ana Maria, Maria Regina.

Aniversario da Diva no restaurante Fazano, com sua irmã Maria e cunhado Alderico.

Aniversário da Diva no restaurante Fazano, com sua irmã Maria e cunhado Alderico

Visita do irmão José Maria com a mulher Acácia do Brasil em 1965

Diva, Alberto, Zé Maria, Maria, Acácia, Juca

Alberto, Zé Maria, Acácia, Dina (Viúva do irmão Francisco). Portugal (1971)

Zé Maria, Acácia, Diva e Alberto. Portugal (1972)

Alberto e Diva

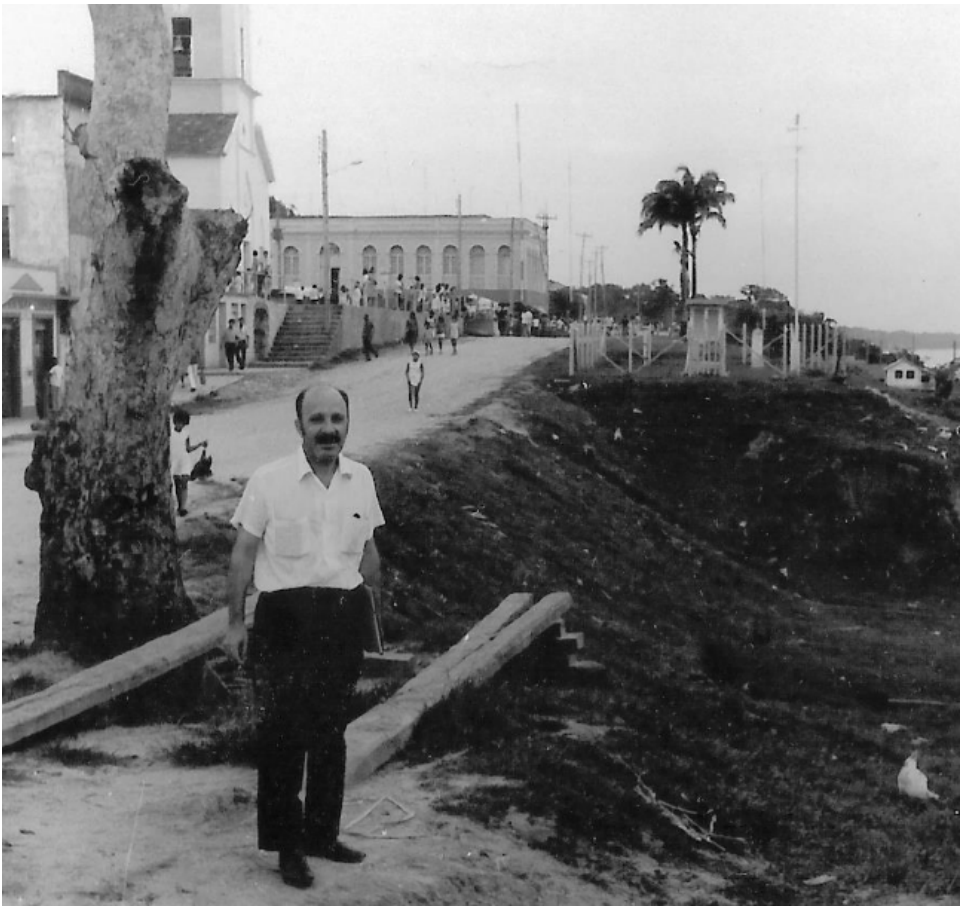
Alberto e Diva

Com o neto Vasco, filho de Kico

Congressos e Seminários

Doutoramento. Maio de 1969 Júri: Professores Cassati, Tadachi, Viegas, Martins e Artigas

FOTOS DO PROJETO RONDON



Humaitá/Margens do rio Madeira

Diva como voluntária do projeto Rondon

Diva, Humaitá (1973)

Vereador Francisco Dal´Medico e autoridades no campi avançado de Humaitá.

1973

Prefeito Edmundo Coube e Professor Alberto em visitação ao campi

Embarque de alunos com o vereador Francisco Dal´Médico (1974)

Embarque das professoras do Sagrado Coração de Jesus, para Humaitá (1972)

Major Mario de Mello em visita a escola de primeiro grau em Humaitá (1972).

Alojamento de estudantes

Alojamento de estudantes

Alojamento de professores e coordenadores

Sala de aula campi Humaitá (1973)

Salas de aula do campi de Humaitá

Partida de alunos de Bauru a Corumbá (1969)

Trem da Ferrovia Noroeste do Brasil com alunos e professores, Projeto Rondon I – Amazonas (1968)

Trem da Ferrovia Noroeste do Brasil com alunos e professores, Projeto Rondon I – Amazonas (1968)

Posto de inscrição da Universidade do Sagrado Coração para participantes

Posto de inscrição para alunos participantes

ANEXO I
HOMENAGENS PÓSTUMAS

FALECEU O PROF. BRANDÃO

Vitimado por enfarte, faleceu ontem às 11 horas, o prof. Alberto Brandão de Rezende, integrante do corpo docente da Faculdade de Odontologia de Bauru, que será sepultado hoje às 11 horas.

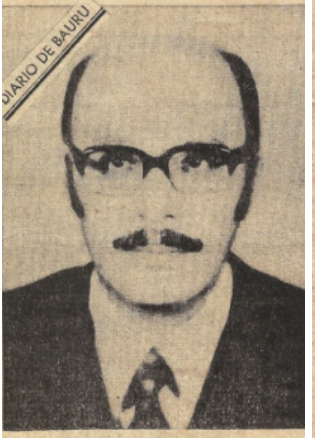
O prof. Brandão tem larga folha de serviços prestada a Bauru, tendo sido o iniciador da coordenadoria local do Projeto Rondon (foi coordenador durante quatro anos) e o fundador do Grupo Tarefa Universitario, que mantém o campus avançado em Humaitá para o treinamento de estudantes das faculdades de Bauru e região. Ele também era um dos integrantes do centro de estudos bauruense da ADESG, orgão que está convidando todos os seus integrantes para comparecerem ao sepultamento

ADESG – Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra

26 de Novembro de 1.975 — Quarta-Feira

OBRIGADO, DR. BRANDÃO

DIÁRIO DE BAURU



Nascido a 21 de novembro de 1920 ,em Praia do Espinho — Portugal, filho de Francisco de Resende e dona Virgilina Brandão de Resende, casado com D. Diva Martinez de Resende, o Prof. Alberto Brandão de Resende exercia o cargo no Departamento Odontológico Social da Faculdade de Odontologia de Bauru. Vindo jovem para o Brasil, estudou na Faculdade de Odontologia de Araraquara, onde deixou amigos entre o corpo docente, discente e moradores da Morada

Em 1967 surgia o Projeto Rondon... e o Dr. Brandão foi um dos primeiros professores bauruenses a se inteirar do lema "Integrar, para não Entregar". Nas Faculdades levava a mensagem de otimismo e confiança depositada nos universitários que certamente entenderam o seu modo de falar, sua pronúncia característica, a sua influente convicção e fé nos destinos da Pátria, alicerçadas no Projeto Rondon. Durante o período de 1970 a 1973 exerceu o cargo de Coordenador de Área do Projeto Rondon em Bauru. Foi nesse período que batalhou intensamente para a implantação do Campus Avançado de Humaitá, Amazonas, o que conseguiu com êxito em viagens a Brasília, Manaus, Rio de Janeiro e Humaitá. Foi então, merecidamente, designado o primeiro Diretor do Campus Avançado de Humaitá, Amazonas, cargo que exerceu de fevereiro de 1972 a novembro do mesmo ano.

Regressando a Bauru, sentindo-se adoentado e mesmo seus afazeres na Faculdade impediram-no de continuar na direção do Projeto Rondon. Afastou-se a 30/6/73, mas nunca deixou de frequentar a sede da Coordenação, dando sempre opiniões as mais abalizadoras sobre os assuntos a serem tratados, pois sua larga vivência o havia preparado para tal.

Muitos, muitos jovens universitários, orientados por ele participaram com entusiasmo e dedicação, amor e carinho das diversas operações do Projeto Rondon e hoje sentem-se pesarosos com seu passamento.

Nós da Coordenação de Área de Bauru, irmanados com as demais Coordenações, com a Regional Centro—Sul, a Coordenação Geral, prestamos singelamente nestas palavras, o preito pelo muito que o Dr. Brandão fez pelo Projeto Rondon. Nada mais poderemos dizer do que o NOSSO OBRIGADO, como nossa enternecida póstuma homenagem.

COORDENAÇÃO DE ÁREA DE BAURU

Prefeitura Municipal de Bauru

Estado de São Paulo

OF. N.º.....

DECRETO Nº 2367, DE 14 DE MAIO DE 1976

Sobre denominação de rua.

ENGº. LUIZ EDMUNDO CARRIJO COUBE, Prefeito Municipal - de Bauru, Estado de São Paulo, usando de suas atribuições legais, o

D E C R E T A

Artigo 1º - Fica denominada "RUA PROF. ALBERTO BRANDÃO DE REZENDE" a via pública idenfiticada como prolongamento da Rua Araujo Leite, nos loteamentos denominados Vila Mariana, Jardim Amalia, Vila Riachûelo, Jardim Paulista e Jardim Aeroporto, que tendo inicio na Rua Elzeário Barbosa, - na Vila Mariana, segue paralelamente à Rua Alfredo Fontão, terminando na Rua Dr. Armando Pieroni, no Jardim Aeroporto.

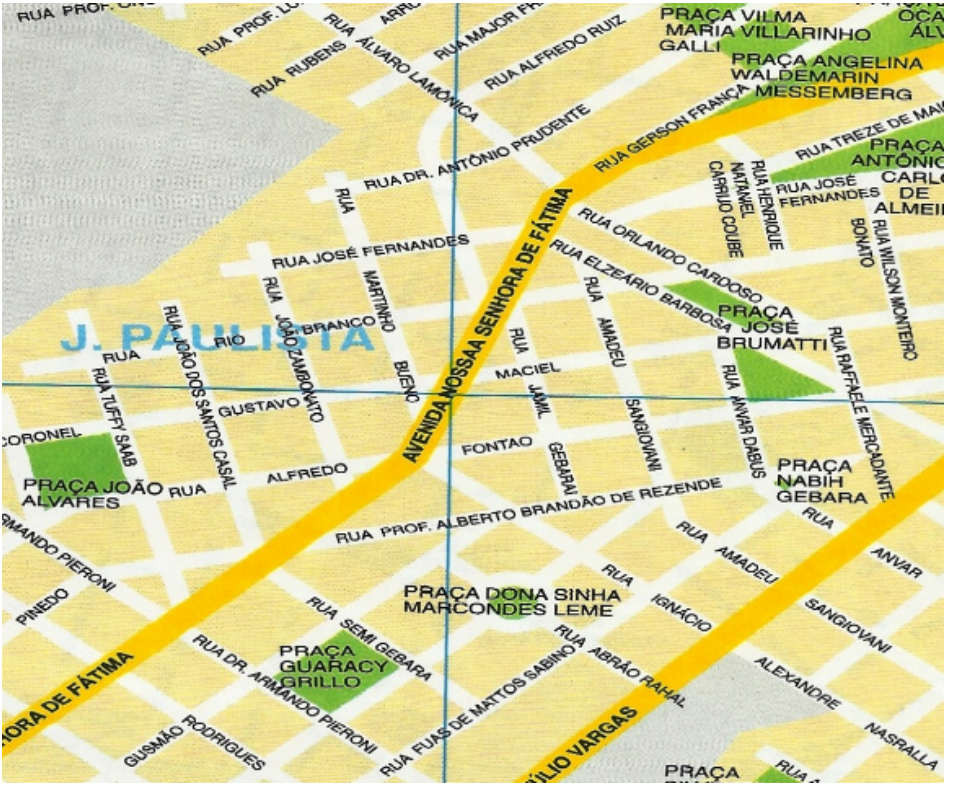
Artigo 2º - Este Decreto entrará em vigor na data de sua publica - ção, revogadas as disposições em contrário.

Bauru, 14 de Maio de 1.976.

ENGº. LUIZ EDMUNDO CARRIJO COUBE
PREFEITO MUNICIPAL

Registrado na Coordenadoria dos Negócios Internos e Jurídicos da Prefeitura, na mesma data.

Bel. HELY FELIPPE
COORDENADOR DOS NEGÓCIOS
INTERNOS E JURÍDICOS



1977 - DIA DO AGRADECIMENTO

MINISTÉRIO DO INTERIOR

PROJETO RONDON

Botucatu, 04 de julho de 1 977

OF. Nº 160/77 - GTU
ESI Av. Ba. Bo. J.
PRL/lap. -

Exma. Sra.
DIVA MARTINEZ DE REZENDE
Bauru - SP.

Prezada Senhora:

A Coordenação do Grupo Tarefa Universitário das Escolas Superiores Isoladas de Avaré, Bauru, Botucatu e Jaú sentir-se-á sumamente honrada com a presença de V.Sa. durante as solenidades comemorativas do DIA DO AGRADECIMENTO e, em particular, na do Encerramento de nossa Exposição, ocasião em que será prestada homenagem póstuma ao seu esposo, Dr. ALBERTO BRANDÃO DE REZENDE, pelos relevantes serviços prestados durante suas gestões como Coordenador de Área de Bauru e Diretor do Campus Avançado de Humaitá (AM) .

Nesta oportunidade, apresentamos a V.Sa. nossos protestos de elevada estima e distinta consideração .

PROF. PAULO RODOLFO LEOPOLDO
Coordenador do G.T.U. das Escolas Superiores Isoladas de Avaré, Bauru, Botucatu e Jaú

1985 - Inauguração da área de campo Professor Alberto Brandão de Rezende. Jardim Redentor, Bauru

Nascido em 21/11/1920 na Praia de Espinho, Portugal, filho de Francisco Joaquim Pereira de Rezende e Virgilina Brandão de Rezende.

Fez os cursos primário e ginasial em sua terra natal, vindo residir no Brasil em 1940.

Aqui continuou seus estudos, até cursar a Faculdade de Odontologia de Araraquara - SP, recebendo sua graduação como Cirurgião Dentista em 1946.

Casou-se nesse ano na cidade de Araraquara com D. Diva Martinez de Rezende, tendo tido com ela 4 filhos.

Após a formatura, exerceu liberalmente a profissão em Araraquara, ao mesmo tempo que ingressava no Magistério Superior, lecionando na Faculdade de Odontologia daquela cidade paulista.

Em 1957 transferiu-se para a cidade de Araçatuba onde lecionou na sua Faculdade até 1961, quando mudou-se para Maringá (PR), iniciando-se na vida empresarial, sem porém deixar a vida docente, pois manteve ligações com a Faculdade de Odontologia de Araçatuba.

Em 1966, definitivamente e agora em tempo integral, foi contratado pela Universidade de São Paulo para lecionar Odontologia Preventiva nesta nossa Faculdade de Bauru, aqui permanecendo até seu falecimento em 22/11/1975.

Sua carreira docente, brilhante e repleta de sucessos, foi consolidada na FOB onde deixou obra imensa de trabalhos científicos, além da consolidação do seu ideal, o de servir a comunidade, através de serviços de extensão, como este que hoje merecidamente recebe seu nome.

No período áureo do Projeto Rondon, coordenou o trabalho universitário na Região de Bauru e foi o grande artífice e fundador do "Campus" Avançado de Humaitá, no Estado do Amazonas.

tendo sido um de seus Diretores.

Toda sua obra de extensão dos serviços odontológicos às comunidades carentes, levou-o a instalar em Bauru, o primeiro núcleo de assistência, na Vila Independência, além do trabalho itinerante com uma unidade móvel, donde a FOB considerar o Dr. Brandão como o pioneiro em tais programas. Daí, a homenagem que fazem, colegas, funcionários e ex-alunos, neste novo núcleo de assistência.

Que o seu exemplo nos anime a manter a continuidade deste trabalho por ser esta a melhor homenagem que poderíamos lhe prestar.

Diva descerrando a placa ao Professor Brandão no Núcleo de assistência da Vila Independência de Bauru. A esquerda com Diva, professor José Roberto Magalhaes Bastos. A direita Dr. Mondelli e esposa Mariza e ao canto a filha Ana Maria

Viúva do professor Brandão recebendo homenagens em nome do seu falecido marido

ANEXO II
EMPREGO DE ALTA-ROTAÇÃO, EM REGIÕES SEM ENERGIA ELÉTRICA, COM O AUXÍLIO DE TUBOS DE NITROGÊNIO. PREVENÇÃO DA CÁRIE DENTÁRIA PELA ASSOCIAÇÃO DE FLUORETO DE SÓDIO E SAIS DE CÁLCIO

ALBERTO BRANDÃO DE REZENDE

Dentista Sanitarista, Professor Doutor do Departamento de Odontologia Preventiva e Social da Faculdade de Odontologia de Bauru da Universidade de São Paulo

EMPRÊGO DE ALTA-ROTAÇÃO, EM REGIÕES SEM ENERGIA ELÉTRICA, COM O AUXÍLIO DE TUBOS DE NITROGÊNIO

Separata da Revista
ESTOMATOLOGIA E CULTURA
Vol. 6, julho/dezembro, 1972, n.º 2

EMPRÊGO DE ALTA-ROTAÇÃO, EM REGIÕES SEM ENERGIA ELÉTRICA, COM O AUXÍLIO DE TUBOS DE NITROGÊNIO

ALBERTO BRANDÃO DE REZENDE*

A restauração de dentes em localidades sem eletricidade oferece algumas dificuldades. A utilização de tubos de nitrogênio para movimentar a turbina de alta rotação resultou eficiente e de custo razoável.

Introdução

Universitários da Faculdade de Odontologia de Bauru, da Universidade de São Paulo, em julho de 1969, servindo ao Projeto Rondon — N.O.B.**, prestaram serviços odontológicos em várias localidades do Estado de Mato Grosso servidas pela Estrada de Ferro Noroeste do Brasil. O trem de universitários parava de 1 a 3 horas em cada lugarejo com população ao redor de 40 individuos. Em localidades maiores onde havia desvio ferroviário, o trem permanecia até o atendimento de toda a população.

No Projeto Rondon anterior (julho de 1968), os universitários de Odontologia extraíram 1.928 dentes, e, como não tinham recursos para restaurações, freqüentemente hesitavam entre extrair um dente com cárie em fase inicial ou aguardar a evolução até a destruição da coroa dental, visto que os habitantes destas longínquas regiões não tinham possibilidades de tratamento odontológico.

Como nestas povoações não existia energia elétrica, experimentou-se movimentar o aparelho de alta-rotação, para restaurações de dentes, com o auxílio de tubos de nitrogênio.

Apresentamos aqui os detalhes deste trabalho e os resultados obtidos.

Materiais e métodos

A figura 1 focaliza a parte do consultório dedicada à preparação de cavidades, assim constituído:

uma cadeira de dentista, comum, a pedal;
um balde para servir de cuspideira e porta-resíduos;
uma mesa auxiliar, fixa ao chão;
um motor de alta-rotação, marca Dabi;
um tubo de nitrogênio de 6 m³ com 124 atmosferas;
um regulador de pressão;
um tubo de plástico;
água destilada, para usar no alta-rotação.

(Este consultório foi montado em um vagão de 2.ª classe, do qual se retiraram os bancos e no qual também funcionou o consultório médico; estas duas unidades eram separadas por uma cortina).

Perto da cadeira instalou-se o tubo de gás, prendendo-o por duas cintas metálicas com parafusos à parede do vagão. Adaptou-se ao tubo o regulador de pressão e ligou-se este, pelo tubo de plástico, ao aparelho de alta-rotação, prévia e adequadamente localizado e parafusado no assoalho. Ao início de cada dia de trabalho o equipamento era lubrificado e preenchido o depósito de água destilada. Especial atenção era dada a estes procedimentos porque havia o receio do gás nitrogênio secar o óleo lubrificante da caneta. O emprego de tubos de oxigênio é contra-indicado, pelo perigo de inflamar-se o óleo lubrificante da turbina. Por outro lado, o emprego de tubos de Co2 apresenta o inconveniente de resfriar demasiadamente a caneta.

Acertava-se o regulador de pressão a 5 atmosferas que corresponde a 80 libras. Esta pressão era mantida continuamente até utilizar-se todo o gás. Por este motivo o funcionamento de alta-

* Dentista Sanitarista, Professor Doutor do Departamento de Odontologia Preventiva e Social da Faculdade de Odontologia de Bauru da Universidade de São Paulo.

** Operação de universitários de todas as especialidades, durante o período de férias, em regiões pouco desenvolvidas, onde se prestam serviços assistenciais e se fazem levantamentos das condições sócio-econômicas existentes para elaboração de planos de desenvolvimento.

Estomat. & Cult. 6(2): 203-205, 1972.

-rotação é até mais perfeito do que com o compressor comum, que está sujeito a variações de pressão.

A figura II mostra a parte do consultório para condensação e escultura do amálgama. Podem ser observados 2 universitários esculpindo e dois instrumentando. Posteriormente se observou que a preparação de cavidades poderia manter em atividade mais de dois elementos na escultura.

Atuando desta maneira os universitários, em 2 tardes e uma manhã, conseguiram restaurar 95 dentes. Deve ainda ser levado em consideração que a equipe era formada por 1 estudante do 4.º Ano na preparação de cavidades, 2 do 3.º Ano na condensação e escultura e 2 do 2.º Ano na preparação do amálgama e instrumentação. Naturalmente, por falta de prática, a produção está abaixo do rendimento que poderia ser obtido por profissionais mais experientes.

Nesses lugarejos visitados pelos universitários foram restaurados 482 dentes.

Resultados

Em média, para cada 95 restaurações foi gasto um tubo de nitrogênio de 6 m^3 com 125 atmosferas. Como cada m^3 de nitrogênio custa Cr$ 2,93 mais 4% de I.P.I. (Imposto), conclui-se que o custo do gás para preparação de uma cavidade ficou, em média, em Cr$ 0,19 (dezenove centavos).

O resultado obtido e o custo relativamente baixo recomenda a utilização deste recurso em regiões carentes de energia elétrica.

Composto e impresso em 1973, nas oficinas da
EMPRESA GRÁFICA DA REVISTA DOS TRIBUNAIS S.A.
R. Conde de Sarzedas, 38, fone.: 33-41-81, São Paulo, S. P., Brasil

ALBERTO BRANDÃO DE REZENDE
Professor Assistente Doutor, Departamento de Odontologia Social — FOB-USP.

PREVENÇÃO DA CÁRIE DENTÁRIA PELA ASSOCIAÇÃO DE FLUORETO DE SÓDIO E SAIS DE CÁLCIO

Separata da Revista
ESTOMATOLOGIA E CULTURA

Estomat. & Cult.
9(1):23-27, Jan./Jun., 1975

PREVENÇÃO DA CÁRIE DENTÁRIA PELA ASSOCIAÇÃO DE FLUORETO DE SÓDIO E SAIS DE CÁLCIO

The prevention of dental caries through the association of sodium fluoride and calcium salts

ALBERTO BRANDÃO DE REZENDE (1)

Resumo:

A fim de facilitar a incorporação ao esmalte dentário de fluoreto de cálcio *decorrente das aplicações tópicas de flúor, o autor, além de* flúor, *aplica topicamente também* sal de cálcio. *E tenta estabelecer a importância do pH nas reações químicas.*

Pesquisa-se também, neste trabalho, a validade desta técnica não só em crianças de 7 a 12 anos mas, especialmente, em adultos de 16 a 22 anos, grupo etário que não tem podido ser beneficiado até o presente momento.

Unitermos: *Prevenção — Cárie dentária — Flúor.*

Introdução

É geralmente aceito, tendo sido já demonstrado, por vários pesquisadores [3, 5, 14, 15], que os fluoretos aplicados topicamente se incorporam ao esmalte dentário sob a forma de fluoreto de cálcio, de acordo com a seguinte reação química:

$$Ca_{10}(PO_4)_6(OH)_2 + 20NAF \rightleftharpoons 10CaF_2 + 6Na_3PO_4 + 2NaOH.$$

Como se pode observar, o íon flúor do fluoreto de sódio combina-se com o cálcio do esmalte, formando o fluoreto de cálcio, composto mais resistente à solubilização, fato este que explicaria a menor susceptibilidade do dente à cárie.

O resultado de uma combinação química depende sempre, é claro, dos reagentes envolvidos no processo. Considerando-se que, na reação em tela, um dos fatores interessados permanece, provavelmente, fixo no próprio esmalte, as pesquisas sobre aplicação tópica de fluoretos têm demonstrado a preocupação de analisar as variações dos resultados condicionados apenas por esse elemento, testando-se vários compostos, em concentrações diferentes, pH diversos, assim como diferentes técnicas de aplicação.

Em outras palavras, não tem sido investigada a possibilidade de modificação dos resultados esperados, pela introdução de compostos outros de cálcio que além da hidroxiapatita pudessem intervir na reação.

Se procurássemos, a par da aplicação de fluoreto, oferecer também um composto de cálcio, não seriam os resultados mais favoráveis, no que se refere ao aumento da resistência do dente à cárie?

Além disso, até o presente momento, só têm sido obtido resultados significativos em crianças menores de 15 anos [1, 4, 8, 9, 10, 11]. Assim, se a indivíduos maiores de 15 anos se oferecesse também um componente cálcico adicional, não seriam diversos os resultados daqueles até então obtidos? [2, 6, 7, 12, 13]

Materiais e Métodos

A amostra utilizada foi constituída de 2 grupos de 120 indivíduos. O primeiro composto por crianças de 7 a 12 anos e o segundo por jovens de 16 a 22 anos.

Cada grupo era subdividido em três subgrupos com 40 indivíduos cada, que eram submetidos a condições experimentais diversas, as quais se convencionou denominar de

(1) Professor Assistente Doutor, Departamento de Odontologia Social — FOB-USP.

Tratamentos A, B e C que consistiam na aplicação tópica sucessiva aos dentes de duas soluções como segue:

tratamento A

— fosfato de cálcio, tribásico (Schiapparelli, Torino), solução a 1% — pH 2,5 e
— fluoreto de sódio a 2% — pH 7;

tratamento B

— fosfato de cálcio, monobásico (Schiapparelli, Torino), solução a 1,5% — pH 3,3 e
— fluoreto de sódio a 2% — pH 7;

tratamento C

— cloreto de cálcio (J. T. Baker — U.S.A.), solução a 2% — pH 6 e
— fluoreto de sódio a 2% — pH 7.

As soluções, sempre aquosas, eram filtradas e, quando necessário, o pH ajustado com ácido cloridrico N, sendo as medidas feitas através de potenciômetro Beckman, modelo H_2.

O tamanho da amostra foi calculado estatisticamente. Tendo sido verificado como suficiente 24 indivíduos para cada experimento, decidiu-se trabalhar com 40, prevendo possíveis perdas.

Materiais usáveis em exame odontológico e profilaxia dentária foram também utilizados, entre eles: taças de borracha para profilaxia dentária; pasta profilática Primus; extratores de tártaro; pinças clínicas; fichas individuais para CPOS; algodão; rolos de algodão Johnson número 2; frascos de polietileno; espelhos e sondas para exame de CPOS; cubetas com solução antissética.

Os indivíduos, candidatos a comporem a amostra utilizada, foram inicialmente submetidos a exame sumário para verificação da presença de próteses ou extrações dentárias, que determinassem desproporcionalidade de incidência de cárie maior que cinco superfícies entre os lados direito e esquerdo da cavidade bucal, considerando-se as hemi-arcadas superior e inferior.

Foram selecionados preliminarmente aqueles que não ultrapassassem esse índice preestabelecido, e se iniciou a profilaxia dentária. Esta constou da remoção de tártaro e polimento coronário, realizados de acordo com as técnicas periodontais clássicas.

A seguir foi numerada e preenchida a ficha correspondente, passando-se ao exame CPOS, o qual era realizado com o emprego de sonda exploradora, espelho, ar comprimido e luz natural.

Após este exame clínico foram contadas as superfícies cariadas e anotado seu número na margem da ficha.

Com base nesses dados verificou-se, então, a diferença quanto às superfícies cariadas entre os lados direito e esquerdo da cavidade bucal, considerando-se, ainda mais uma vez, as hemi-arcadas superior e inferior, selecionando-se definitivamente, para compor a amostra, os indivíduos nos quais a desproporcionalidade de incidência de cáries não foi maior que cinco superfícies.

Este critério foi adotado porque cada indivíduo seria o controle de si mesmo, uma vez que as soluções seriam experimentadas de um só lado.

Os indivíduos foram distribuídos pelos 6 subgrupos experimentais, balanceando-se de tal modo que a soma de CPOS ficou praticamente semelhante.

A seguir, ao se iniciar a parte experimental para cada um dos subgrupos, sorteamos qual lado a receber o tratamento. Desta maneira evitamos fatores subjetivos na escolha dos lados controle e experimental.

O tratamento e o lado experimental foram anotados com lápis vermelho no canto superior direito da ficha.

Após as manobras clínicas preliminares, fez-se o isolamento relativo das hemi-arcadas do lado experimental com rolos de algodão, secou-se os dentes com jatos de ar comprimido e, em seguida, com o auxílio de pequena porção de algodão preso em pinça, aplicou-se topicamente a solução de cálcio. O processo baseava-se no embebimento do algodão com a solução referida e "pincelamento" de todas as superfícies dos dentes.

Após a secagem natural, seguindo-se a mesma técnica, aplicou-se a solução de flúor. Ainda uma vez deixou-se secar naturalmente.

Com intervalos não menores que dois dias e não maiores do que 7, foram repetidos estes tratamentos, até se completar quatro aplicações.

Decorridos 12 meses para o grupo etário 7 a 12 anos, e 16 meses para o de 16 a 22, procedeu-se a novo exame para determinação de CPOS, seguindo-se, na análise, os critérios anteriormente adotados.

Este exame foi feito no mesmo local e nas mesmas condições em que se realizou o inicial. Antes porém, os cantos superiores direito das fichas (onde havia sido anotado o lado e o tratamento experimental empregados) foram recobertos, para evitar que o exame sofresse influência subjetiva.

Resultados

Os resultados obtidos estão apresentados nas tabelas 1 e 2.

TABELA 1

Número médio de superfícies cariadas nos lados experimental e controle, e a redução percentual, observados nos exames inicial e final em crianças de 7 a 12 anos, nos tratamentos A, B e C

tratamento	inicial		após 12 meses		redução percentual
	exper.	contr.	exper.	contr.	
A	3,86	3,79	5,10	6,48	53,84
B	3,31	3,24	4,24	4,72	37,20
C	3,03	2,96	3,93	4,61	45,65

TABELA 2

Número médio de superfícies cariadas nos lados experimental e controle, e a redução percentual, observados nos exames inicial e final em indivíduos de 16 a 22 anos, nos tratamentos A, B e C

tratamento	inicial		após 12 meses		redução percentual
	exper.	contr.	exper.	contr.	
A	15,48	16,45	16,67	19,09	55,17
B	16,13	15,42	17,42	17,96	49,36
C	17,86	17,17	19,21	20,03	53,01

Foi feito o teste "t". O valor de "t" observado para cada tratamento foi; tratamento A = 3,71; tratamento B = 2,29; tratamento C = 3,26.

Como o "t" crítico a 5% é 1,70 concluiu-se que os três tratamentos apresentaram redução estatisticamente significante na incidência de cárie.

O "t" observado para o tratamento A foi 3,81, para o B 3,12 e para o C 3,35.

O valor crítico a 5% para 30 graus de liberdade é 1,70, sendo, portanto, a redução de incidência de cárie estatisticamente significante.

Discussão

Quanto aos resultados obtidos, foram, em todos os tratamentos, estatisticamente significantes, isto é, houve redução na incidência de cárie quando considerado o lado tratado em relação ao não tratado.

É conveniente ressaltar que os tratamentos diferiram quanto a diversos fatores como o pH e sais utilizados na preparação da solução cálcica, tempo decorrido para verificação dos resultados e idade dos pacientes.

Assim é que, no tratamento A, foi empregada solução de fosfato de cálcio em pH 2,5, no B, fosfato de cálcio monobásico em pH 3,3 e no cloreto de cálcio em pH 6. No primeiro grupo etário analisado, composto por crianças de 7 a 12 anos, decorreram 12 meses entre o exame inicial e o final enquanto no segundo, do qual faziam parte indivíduos de 16 a 22 anos, decorreram 16 meses.

No que se refere aos resultados obtidos em relação a cada um dos grupos etários em separado, as reduções do índice CPOS foram de 53,84%, 37,20% e 45,65%, respectivamente para os tratamentos A, B e C.

Embora estas reduções sejam estatisticamente significantes, não são estatisticamente diferentes de 40%, que constitui o

valor médio para aplicações tópicas de fluoreto pela técnica de Knutson [11].

Somos forçados a admitir, portanto, que em crianças de 7 a 12 anos, não há diferença entre os resultados obtidos pela aplicação tópica clássica de fluoreto e os tratamentos A, B e C, aqui empregados.

Entretanto, no que se refere aos indivíduos de 16 a 22 anos, a situação é bem diversa.

Embora KLIKENBERG e BIBBY [7] tenham encontrado redução de incidência de cárie de 44,5%, este benefício não foi confirmado por CARTER et al. [2], GROSSMAN [6], KUTLER e IRELAND [12] e RICKLES e BECKS [13] que assinalaram, respectivamente, 18,7%, 4,7%, 9,1% e 0% com solução de fluoreto de sódio a 2%, pH 7,0. RICKLES e BECKS [13], no mesmo estudo, experimentaram ainda o fluoreto de sódio a 2%, pH 3,5 e também não obtiveram resultado favorável.

As reduções de incidência obtidas, nos três tratamentos, A = 55,17%, B = 49,36% e C = 53,01%, são bastante expressivas. Assim, frente a esses dados, seriam oportunas novas investigações empregando-se o cloreto de cálcio num pH mais baixo, equivalente aos fixados nos tratamentos A e B, numa tentativa de se elevar a percentagem de redução de cárie em adultos. Dessa forma, seria testada a importância do pH ácido, pois os resultados obtidos no tratamento C podem ser considerados como decorrência da ação do cloreto de cálcio sem maior influência do pH, no caso próximo da neutralidade.

Cabe ainda considerar que KNUTSON et al. [11], em suas pesquisas, empregaram soluções de fluoreto de sódio a 2%, pH 7,0. Seria razoável, portanto, testar-se também a ação dos fosfatos de cálcio tribásico e monobásico a pH mais elevado, a fim de se verificar a eficiência desses sais independentemente do meio ácido.

Parece-nos lícito, contudo, inferir, com base nos resultados obtidos através dos vários tratamentos, que os compostos de cálcio mais o fluoreto de sódio aqui usados possibilitam reduções significativas da incidência de cárie dentária, tanto no grupo etário de 7 a 12 anos como, e especialmente, em indivíduos de 16 a 22 anos. Isto, a nosso ver, é extremamente importante, pois vislumbra a possibilidade de prevenção da cárie em indivíduos com idade acima de 15 anos, profilaxia que não tem sido viável até o presente.

Provavelmente os resultados obtidos por KLIKENBERG e BIBBY [7] não puderam ser confirmados pelos demais autores citados, porque o fluoreto de sódio talvez não atue uniformemente em dentes que apresentam maior maturação. Todavia, a ação do fluoreto de sódio complementada com sais de cálcio, como foi aqui observado, permite a obtenção de resultados consistentes em indivíduos de maior idade.

Conclusões

Com base nos resultados obtidos nesta investigação, pôde-se concluir que a aplicação tópica de fosfato de cálcio tribásico a 1% — pH 2,5 mais fluoreto de sódio a 2% — pH 7,0, ou fosfato de cálcio monobásico a 1,5% — pH 3,3 mais fluoreto de sódio a 2% — pH 7,0 ou cloreto de cálcio a 2% — pH 6,0 mais fluoreto de sódio a 2% — pH 7,0, nas condições preconizadas, possibilitam:

1. em crianças de 7 a 12 anos, redução estatisticamente significante na incidência de cárie dentária, com valores da ordem de 53,84% para tratamento A, 37,20% para o tratamento B e 45,65% para o tratamento C, os quais não diferem significantemente dos assinalados na literatura com o emprego da técnica de Knutson;

2. em indivíduos de 16 a 22 anos, redução estatisticamente significante na incidência de cárie dentária com valores da ordem de 55,17% para o primeiro tratamento, 49,36% para o segundo e 53,01% para o terceiro.

Summary

Aiming to increase incorporation of calcium fluoride to the dental enamel through topical application, the author applies topically calcium salt besides fluoride. He tries to establish the importance of pH in the chemical responses.

Also he analyses the effectiveness of this technique not only in children of 7 to 12 years old but, specially, in adults of 16 to 22, the age span which has not been benefited up to this moment.

Key words: Prevention — Dental caries — Fluorides.

Referências bibliográficas

1. BIBBY, B.G. — Apud VIEGAS, A.R. — *Aspectos preventivos da cárie dentária.* São Paulo, 1961, p. 285.

2. CARTER, W.J. et alii — The effect of topical fluoride on dental caries experience in adult females of a military population. *J. dent. Res.*, 34:73-76, 1955.

3. FISHER, R.B. et alii — X-Ray study of fluorapatite formation during the fluoride treatment of powdered dental enamel. *J. dent. Res.*, **35**:773-77, 1956.

4. GALAGAN, D.E. & KNUTSON, J.W. — The effect of topically applied fluorides on dental caries experience. V. Report of findings with two, four and six application of sodium fluoride and lead fluoride. *Publ. Hlth. Rep.*, **62**: 1477-83, 1947.

5. GEROULD, C.H. — Electron microscope study of the mechanism of fluorine deposition in teeth. *J. dent. Res.*, **24**: 223-33, 1945.

6. GROSSMAN, L.I. — Control of dental caries. In: GROSSMAN, L.I. — *Handbook of dental practice*. 2nd ed., Philadelphia, Lippincott, 1952, p. 23-41.

7. KLIKENBERG, E. & BIBBY, B.G. — The effect of topical applications of fluorides on dental caries in young adults. *J. dent. Res.*, **29**:4-7, 1950.

8. KNUTSON, J.W. & ARMSTRONG, W.D. — The effect of topically applied sodium fluoride on dental caries experience. *Publ. Hlth. Rep.*, **58**:1701-15, 1943.

9. KNUTSON, J.W. & ARMSTRONG, W.D. — The effect of topically applied sodium fluoride on dental caries experience. II — Report of findings for the second year study. *Publ. Hlth. Rep.*, **60**:1085-90, 1945.

10. KNUTSON, J.W. & ARMSTRONG, W.D. — The effect of topically applied sodium fluoride on dental caries experience. III — Report of findings for the third year of study. *Publ. Hlth. Rep.*, **61**:1683-89, 1946.

11. KNUTSON, J.W. et alii — The effect of topically applied sodium fluoride on dental caries experience. IV — Report of findings with two, four and six applications. *Publ. Hlth. Rep.*, **62**:425-30, 1947.

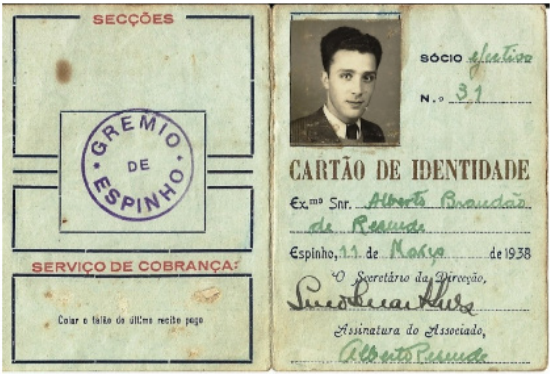
12. KUTLER, B. & IRELAND, R.L. — The effect of sodium fluoride application on the dental caries experience in adults. *J. dent. Res.*, **32**:458-62, 1953.

13. RICKLES, N.H. & BECKS, H. — The effects of an acid and a neutral solution of sodium fluoride, on the incidence of dental caries in young adults. *J. dent. Res.*, **30**:757-63, 1951.

14. SCOTT, D.B. et alii — Studies of the action of sodium fluoride on human enamel by electron microscope and electron diffraction. *Publ. Hlth. Rep.*, **65**:43-56, 1950.

15. WEAVER, R. — Apud VIEGAS, A.R. — *Aspectos preventivos da cárie dentária*. São Paulo, 1961, p. 281.

ANEXO III
CURIOSIDADES


SECÇÕES

GREMIO DE ESPINHO

SERVIÇO DE COBRANÇA:

Colar o talão do último recibo pago

SÓCIO fundador

N.º 31

CARTÃO DE IDENTIDADE

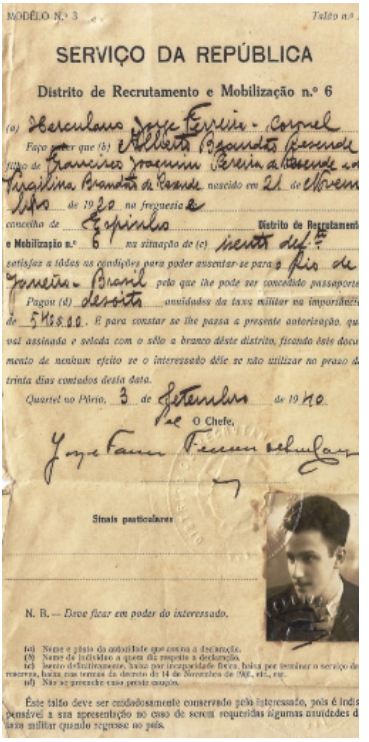
Ex.mo Snr. Alberto Resende de Resende

Espinho, 11 de Março de 1938

O Secretário da Direcção,

Assinatura do Associado,

Alberto Resende



MODÊLO N.º 3 — Talão n.º

SERVIÇO DA REPÚBLICA

Distrito de Recrutamento e Mobilização n.º 6

(a) Herculano Jorge Ferreira - Coronel

Faço saber que (b) Alberto Brandão Resende filho de Francisco Joaquim Pereira de Resende e de Virgilina Brandão de Resende nascido em 21 de Novembro de 1920 na freguesia de concelho de Espinho Distrito de Recrutamento e Mobilização n.º 6 na situação de (c) isento def.te satisfaz a tôdas as condições para poder ausentar-se para o Rio de Janeiro - Brasil pelo que lhe pode ser concedido passaporte.

Pagou (d) desoito anuidades da taxa militar na importância de 54$00. E para constar se lhe passa a presente autorização, que vai assinada e selada com o sêlo a branco dêste distrito, ficando êste documento de nenhum efeito se o interessado dêle se não utilizar no prazo de trinta dias contados desta data.

Quartel no Pôrto, 3 de Setembro de 1940

O Chefe,

Jorge Fanny Ferreira Schulz

Sinais particulares

N. B. — Deve ficar em poder do interessado.

(a) Nome e pôsto da autoridade que assina a declaração.
(b) Nome do indivíduo a quem dá respeito a declaração.
(c) Isento definitivamente, baixa por incapacidade física, baixa por terminar o serviço de reserva, baixa nos termos do decreto de 14 de Novembro de 1901, etc., etc.
(d) Não se preencher caso preste caução.

Êste talão deve ser cuidadosamente conservado pelo interessado, pois é indispensável a sua apresentação no caso de serem requeridas algumas anuidades da taxa militar quando regresse ao país.

Modêlo n.º 5 [illegible]

MINISTÉRIO DA GUERRA

Distrito de Recrutamento e Mobilização n.º 6

Título de isenção do serviço militar n.º (a) 6 (b) 1940

(Artigo 8.º do decreto n.º 17:695, de 2 de Dezembro de 1929)

O cidadão Alberto Brandão de Resende, filho de Francisco Joaquim Pereira de Resende e de Virgilina Brandão de Resende, nascido a 21 de Novembro de 1920, na freguesia de Espinho, concelho de Espinho, recenseado no ano de 1940, pela freguesia de Espinho, concelho de Espinho, está livre do serviço militar por ter (c) [illegible], ficando porém obrigado ao pagamento da taxa militar (d) [illegible] até ao ano de 1952, inclusive, nos termos do regulamento do serviço de recrutamento.

E para sua salvaguarda se lhe passou o presente documento.

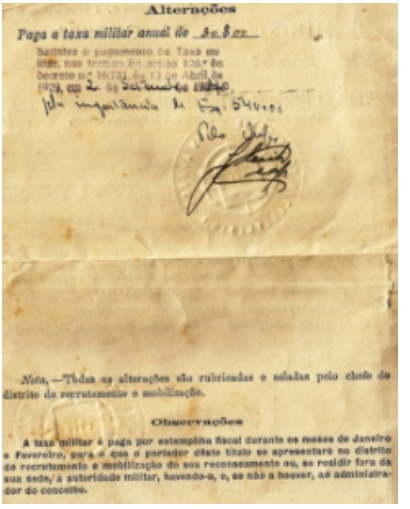
Quartel em Pôrto, 12 de Junho de 1940

O Chefe do Distrito de Recrutamento e Mobilização,

Jorge Fanny Ferreira Schulz

(a) Número de ordem no livro de recrutamento da freguesia.
(b) Ano de Recrutamento.
(c) Ver tôda tabela [illegible] por incapacidade física.
(d) Ringras ou em dinheiro, conforme a situação.

Exclusivo da Imprensa Nacional de Lisboa



Alterações

Paga a taxa militar anual de 30$00

Satisfez o pagamento da Taxa militar, nos termos do artigo 126.º do decreto n.º 16:731, de 13 de Abril de 1929, em 2 de Setembro de 1940, pela importância de Esc. 54$00

Pelo Chefe

Nota. — Todas as alterações são rubricadas e seladas pelo chefe do distrito de recrutamento e mobilização.

Observações

A taxa militar é paga por estampilha fiscal durante os meses de Janeiro e Fevereiro, para o que o portador dêste título se apresentará no distrito de recrutamento e mobilização do seu recenseamento ou, se residir fora da sua sede, à autoridade militar, havendo-a, e, se não a houver, ao administrador do concelho.

REPÚBLICA PORTUGUESA

RÉPUBLIQUE PORTUGAISE

PASSAPORTE DE EMIGRANTE

PASSEPORT D'ÉMIGRANT

N.º 712
L.º 69
Fl. 119 v.

Govêrno Civil d' Aveiro

Passaporte válido por / Validité: praso legal

Concede passaporte a / Concession de passeport à: Alberto Brandão de Resende

estado / état: solteiro — profissão / profession: empregado comercial

natural de / né à: Espinho

filho de / fils de: Francisco Joaquim Pereira de Resende

e de / et de: Virgilina Brandão de Resende

residente / demeurant: Espinho

que se destina a / allant à: Rio de Janeiro - Brazil.

acompanhado das pessoas de família no verso designadas.
avec les personnes de famille désignées dérogées.

Altura / Taille: 1m,66
Idade / Age: 19
Cabelos / Cheveux: Castanhos
Sobrolhos / Sourcils: Castanhos
Olhos / Yeux:
Nariz / Nez: Regulares
Bôca / Bouche:
Côr / Couleur: natural

Observações: / Observations: Bilhete de Identidade n.º 562894.
Autorizado por despacho comunicado no ofício n.º 15485, de 26 de Agosto findo da L.V.D.E.

Rogo às autoridades administrativas e a todas aquelas a quem pertencer
On prie toutes les autorités intéressées de ne pas faire des empêchements
o seu conhecimento não ponham embaraço algum ao portador.
au porteur de ce passeport.

Dado em / Délivré: Aveiro aos / le 4 de Setembro de 1940.

O Governador Civil,

Pelo Chefe da Repartição,

Impressão da sede / Empreinte du doigt: indicador da mão direita. / de la main droite.

Custo total / Prix total: 78$60

Assinatura do portador, / Signature du porteur,

Alberto Brandão de Resende

Modêlo exclusivo da Imprensa Nacional de Lisboa

REPÚBLICA PORTUGUESA

Govêrno Civil d' Aveiro

PASSAPORTE DE EMIGRANTE

Do Sr. Alberto Brandão de Rezende

Emitido em 1 de Setembro de 1940

R. P. Serviço de Assistência Médica aos Emigrantes

Certificado de revisão Médica para embarque, N.º 15895 *

(DECRETO N.º 13:213)

N.º 80 Inspecção de Lisboa

Eu abaixo assinado, inspector de assistência médica aos emigrantes, certifico que Alberto Brandão Rezende portador do passaporte n.º 712 - de Aveiro, satisfez as condições necessárias para embarque, pelo que lhe passo o presente, válido para tôdas as autoridades.

Lisboa 26 de Setembro de 1940

O MÉDICO INSPECTOR

(a) Sérgio de Carvalho

(Pagou 20$00, para o Fundo de Repatriação).

MOD. 203

A CARTEIRA PROFISSIONAL

Por menos que pareça e por mais trabalho que dê ao interessado, a carteira profissional é um documento indispensável à proteção do trabalhador.

Elemento de qualificação civil e de habilitação profissional, a carteira representa também título originário para a colocação, para a inscrição sindical e, ainda, um instrumento prático do contrato individual de trabalho.

A carteira, pelos lançamentos que recebe, configura a história de uma vida. Quem a examinar, logo verá se o portador é um temperamento aquietado ou versatil; se ama a profissão escolhida ou ainda não encontrou a própria vocação; se andou de fábrica em fábrica, como uma abelha, ou permaneceu no mesmo estabelecimento, subindo a escada profissional. Pode ser um padrão de honra. Pode ser uma advertência.

(a.) *Alexandre Marcondes Filho.*

MINISTÉRIO DO TRABALHO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO
DEPARTAMENTO NACIONAL DO TRABALHO
SERVIÇO DE IDENTIFICAÇÃO PROFISSIONAL

Carteira Profissional

Série 63ª
Número 7.363

POLEGAR DIREITO

Alberto Brandão de Rezende

4

Nome do portador Alberto Brandão de Rezende
Altura 1,62 Côr branca Olhos cast
Cabelo cast Barba rasp Bigodes apar
Sinais particulares
Filho de Francisco J. P. de Rezende e Virgilina B. Rezende.
nascido em Espirito a 21 de novembro de 1920
Estado civil solteiro Instrução secundário
Profissão escriturario
Serviço Militar [illegible]
Residência Araraquara
Matrícula n. do Sindicato
Documentos apresentados certidão de nascimento.
Observações
S. Carlos 29 de Abril de 1944
Rio de Janeiro
(Assinatura do funcionário)

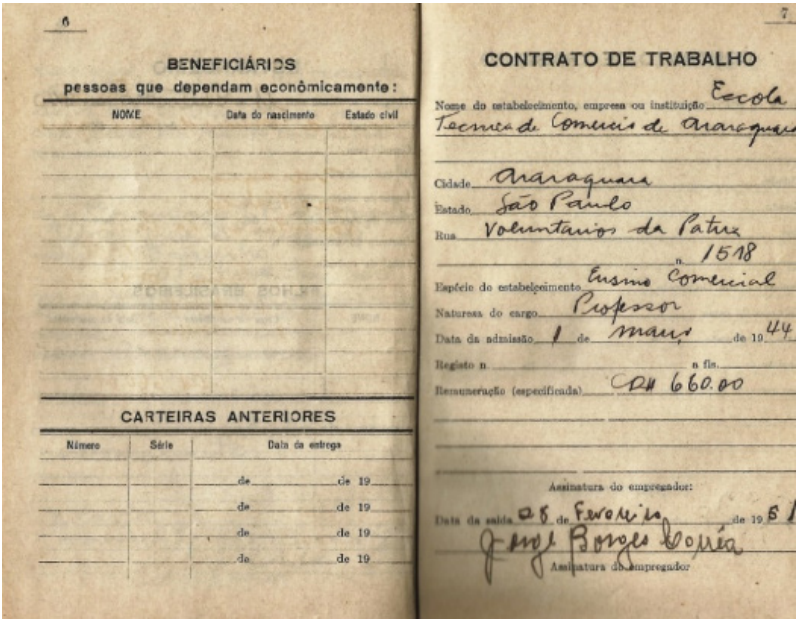
5

ESTRANGEIRO

Chegado ao Brasil em 11 de Outubro de 1940
Naturalizado em de de , folha
Casado com
de nacionalidade
Lugar do nascimento
Data do nascimento de de
Carteira de estrangeiro n.
Local de emissão

FILHOS BRASILEIROS

NOME	Lugar do nascimento	Data do nascimento



6

BENEFICIÁRIOS

pessoas que dependam econômicamente:

NOME	Data do nascimento	Estado civil

CARTEIRAS ANTERIORES

Número	Série	Data da entrega
		de de 19
		de de 19
		de de 19
		de de 19

7

CONTRATO DE TRABALHO

Nome do estabelecimento, emprêsa ou instituição Escola Tecnica de Comercio de Araraquara

Cidade Araraquara

Estado São Paulo

Rua Voluntarios da Patria

n. 1518

Espécie do estabelecimento Ensino Comercial

Natureza do cargo Professor

Data da admissão 1 de março de 1944

Registo n n fls.

Remuneração (especificada) CR$ 660.00

Assinatura do empregador:

Data da saída 28 de Fevereiro de 1945

José Borges Correia

Assinatura do empregador

DELEGACIA REGIONAL DE POLÍCIA DE ARARAQUARA

Atestado de residencia

N. 94

Atesto que ALBERTO BRANDÃO DE REZENDE, nasc. 21-11-1920-
filho de FRANCISCO JOAQUIM PEREIRA-DE REZENDE -
e de VIRGILINA BRANDÃO DE REZENDE -
com 26 anos de idade, nacionalidade PORTUGUEZA -x-x-x-
natural de ESPINHO-PORTUGAL-, estado civil CASADO -x-x-x
profissão PROFESSOR E ODONTOLANDO -
sabendo ler e escrever, reside neste municipio, n. esta cidade, ininterruptamente, ha mais de cinco anos -

Para efeito de ... NATURALIZAÇÃO.

Araraquara, 12 de JUNHO - - - - - de 1946

O Delegado ADJUNTO -

(MIGUEL DE CASTRO PERES)

DELEGACIA REGIONAL DE POLICIA
JUN 12 1946
ARARAQUARA

Firma do Portador

Mendonça & Cefaly 7104-1-46

Escola Técnica de Comércio de Araraquara

Gabinete do Diretor

Reconhecida pelo Governo Federal

Rua Voluntários da Pátria, 1.318 – Fone, 330

Araraquara

A QUEM INTERESSAR

Atesto, para os fins que mistér se façam, que o Senhôr Prof. Alberto Brandão de Rezende, de nacionalidade portuguêsa, nascido em Espinho, Portugal, no dia 21 de novembro de 1920, filho de Francisco Joaquim Pereira de Rezende e D. Virgilina Brandão de Rezende, leciona, neste estabelecimento de ensino as seguintes disciplinas: Matemática e Desenho, na 1a. série do Curso Comercial Básico; Ciências naturais na 4a. série do mesmo curso e Física e Química, na 1a. série do Curso Comercial Técnico de Contabilidade. Atesto ainda, que o mesmo senhôr vem desempenhando as suas funções a contento, nada havendo em seu desabono.

Araraquara, 10 de julho de 1946.

Escola Técnica de Comércio de Araraquara

Jorge Borges Corrêa

Diretor

ESCOLA DE FARMACIA E ODONTOLOGIA

DE

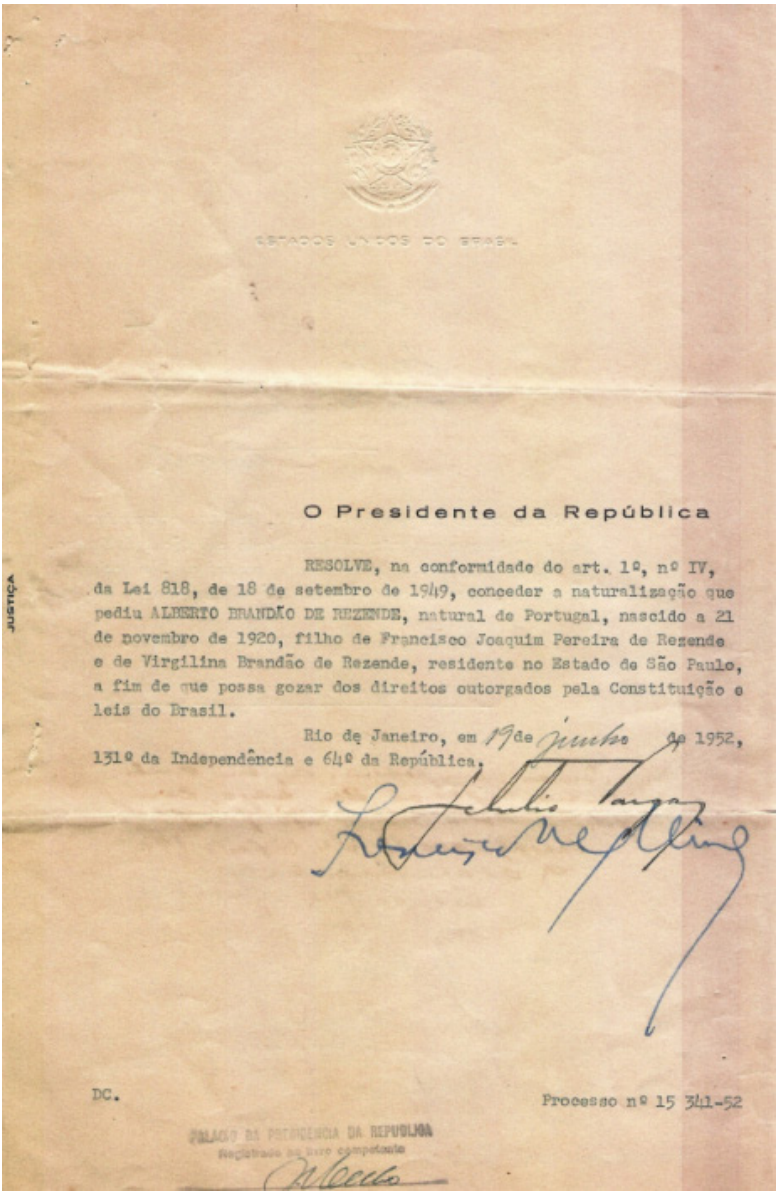
ARARAQUARA

ESTADO DE SÃO PAULO

EQUIPARADA PELO DECRETO FEDERAL N. 1709, DE 14-6-937

DIPLOMA DE CIRURGIÃO-DENTISTA

Araraquara, 21 de janeiro de 1937



ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

O Presidente da República

RESOLVE, na conformidade do art. 1º, nº IV, da Lei 818, de 18 de setembro de 1949, conceder a naturalização que pediu ALBERTO BRANDÃO DE REZENDE, natural de Portugal, nascido a 21 de novembro de 1920, filho de Francisco Joaquim Pereira de Rezende e de Virgilina Brandão de Rezende, residente no Estado de São Paulo, a fim de que possa gozar dos direitos outorgados pela Constituição e leis do Brasil.

Rio de Janeiro, em 19 de junho de 1952, 131º da Independência e 64º da República.

DC.

Processo nº 15 341-52

PALACIO DA PRESIDENCIA DA REPUBLICA
Registrado no livro competente

MINISTÉRIO DA GUERRA

(1) 2a. R.M. (1) 5a. C. R.
(Corpo ou Formação de Serviço)

CERTIFICADO DE RESERVISTA DE 3ª CATEGORIA

Nº 606167 (2) SÉRIE B

Certifico que o cidadão ALBERTO BRANDÃO DE REZENDE (1)
da classe de 1920, (1) alistado no ano de 1952 (1) pelo município
de Araraquara, (1) Estado São Paulo (1)
e incorporado no ano de ....., (1) é considerado reservista de 3ª categoria.

A) IDENTIFICAÇÃO

Filho de Francisco Joaquim Pereira de Rezende (1)
e de Virgilina Brandão de Rezende (1)
Natural de: Estado Portugal (1); Município Praia Espinho (1); Cidade (lugar) idem (1)
Data de nascimento 21-11-1920 (1)
Instrução Superior (6)
Outras notas Brasileiro Naturalisado Falaco Direita (1)

Ou impressão digital (polegar direito) (1)

Cútis branca (1)
Cabelo castanhos (1)
Olhos castanhos (1)
Altura 1,61 (1)
Nariz reto (1)
Rosto oval (1)
Bôca regular (1)
Sinais particulares ..... não tem (1)

Alberto Brandão de Rezende
(Assinatura do reservista) (2)

B) SERVIÇO ATIVO (1)

Unidade onde serviu .....
Tempo de serviço (incluído em ....., excluído em .....)
Especialidades .....
Graduação Soldado

(a) Ten. Quinta Marques
(Nome, cargo ou graduação e assinatura do funcionário de serviço)

C) MOBILIZAÇÃO Chefe da 5a. C. R.

Destino de mobilização ..... Secção Mob. n. ..... (5)
Residência Rua Carlos Gomes, 1630 - Araraquara - SP
(Cidade e, se possível, rua e número)

Em caso de mobilização deverá apresentar-se: Cidade (lugar) ..... (5); Centro de Mobilização n. ..... (5); No dia de mobilização (3)

(5) Ribeirão Preto, 16 de Fevereiro de 1953

(a) Oswaldo da Costa Cruz, 1.º Ten.
Chefe da Secção Mobilizadora n. 5/1

OBSERVAÇÕES:

A) Êste certificado poderá ser substituído oportunamente pela caderneta correspondente.

B) Em caso de mobilização o reservista deverá apresentar-se à autoridade local (civil, se aí não houver guarnição militar), a fim de obter meio de transporte até o lugar do Centro de Mobilização que lhe foi atribuído.

(1) Preenchido pelo corpo ou formação de serviço.
(2) Preenchido pelo reservista se souber ler e escrever.
(3) Número de ordem dado pela Diretoria de Recrutamento.
(4) Tomado na sede do corpo ou formação de serviço, autenticada com o respectivo carimbo.
(5) Preenchido pelo chefe da Secção Mobilizadora.
(6) Grau de instrução.

PROM. - 1/52 - 2ª C. R.

L|B|A-1º Ten. QB.-Cabo.-SS

TAXA AR Dec. N.º 8 3-942

ANEXO IV
FORMAÇÃO ACADÊMICA
ATIVIDADE PROFISSIONAL

FORMAÇÃO ACADÊMICA

- Curso Superior de *Cirurgião Dentista* da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Araraquara (FFOA) 1944, 45 e 46.
- Curso de Especialização em *Cirurgia Buco-maxilar*, ministrado pelo Prof. Nicolino Lia, estomatologista da Santa Casa de Misericórdia de Araraquara e catedrático de Patologia e Terapêutica da FFOA. Araraquara, 1948.
- Curso de Aperfeiçoamento - *Atualização de Temas Odontológicos*, ministrado pelo Prof. Cláudio Mello, catedrático de Patologia e Terapêutica Aplicadas da Faculdade Nacional de Odontologia da Universidade do Brasil. Araraquara, 1954.
- Curso de Aperfeiçoamento - *Patologia do Periápice*, ministrado pelo Prof. Cláudio Mello. Araraquara, 1956.
- *Curso de Dentística Restauradora*, ministrado pelo Prof. Nicolas Parula da Associacion Odontologica Argentina, patrocinado pelo Departamento de Dentística Operatória da FFOA. Araraquara, 1957.
- *Curso de Periodontia*, ministrado pelo Dr. Jacob Reifman, membro do corpo docente da Associação Brasileira de Odontologia, patrocinado pelo Centro Acadêmico Sampaio Vidal, FFOA. Araraquara, 1957.
- *Curso de Endodontia*, ministrado pelo Dr. Roberto Moreira,

Auxiliar de Ensino da Cadeira de Patologia e Terapêutica Aplicadas da Faculdade Nacional de Odontologia da Universidade do Brasil, patrocinado pelo Centro Acadêmico Sampaio Vidal, FFOA. Araraquara, 1957.

- *Curso Intensivo de Câncer da Boca*, ministrado pela Equipe do Serviço Odontológico do Hospital Central do Câncer, patrocinado pelo Departamento de Patologia e Terapêutica Aplicadas da FFOA e pela Equipe do Serviço Odontológico da Associação Paulista de Combate ao Câncer. Araraquara, 1957.
- Curso de Extensão Universitária - *Atualização em Cirurgia Bucal*, ministrado pelo Dr. Jorge de Barros na 2.ª Cadeira de Clínica da Faculdade de Farmácia e Odontologia, patrocinado pela Reitoria da Universidade de São Paulo. 1958.
- Curso de Especialização em *Higiene e Saúde Pública para Cirurgiões Dentistas*, ministrado na Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 1960.
- Curso *Temas Políticos e Econômicos da Atualidade*, ministrado sob os auspícios da Cadeira de Técnicas da Saúde Pública da Faculdade de Higiene e Saúde Pública da USP. São Paulo, 1960.
- *1º Curso de Estatística Aplicada às Ciências Médicas*, ministrado na Faculdade de Higiene e Saúde Pública da USP. São Paulo, 1961.
- Curso de Pós-Graduação em *Bioestatística, Histologia e Patologia Oral*, Faculdade de Odontologia de Bauru (FOB). Bauru, 1966.
- Curso Livre - *Introdução à Odontologia Sanitária*, ministrado na Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 1967.
- Defesa de tese de doutoramento *Prevenção da cárie dentária pela associação de fluoreto de sódio e sais de cálcio*. FOB.

Bauru, 26 de maio de 1969.

- Curso - *Temas sobre a Educação da Criança e Higiene Mental dos Adultos*, ministrado pelos professores Paulo Fraletti, José Ferraz Salles, João Carvalhal Ribas e Aldo Mileto, patrocinado pela Associação Paulista de Cirurgiões Dentistas, Associação Paulista de Medicina e Diretório Acadêmico XVII de Maio. FOB. Bauru, 1970.
- Curso de Educação Continuada – *Fotografia, Métodos e Processos Aplicados à Investigação Científica*, ministrado pelo Departamento de Estomatologia da FOB. Bauru 1970.
- Curso - *Aspectos Econômicos da Odontologia Atual*, ministrado pelo Dr. Viron Diefenbach da Universidade de Illinois e Consultor da Organização Panamericana de Saúde, patrocinado pela Associação Paulista de Cirurgiões Dentistas, Faculdade de Odontologia de Piracicaba. Centro de Estudos "Prof. Dr. Carlos Henrique Robertson Liberali", Piracicaba, 1974.
- Curso de Educação Continuada - *Atualização em Odontologia da Comunidade*, ministrado pelo Prof. Ernesto Pilotto Gomes de Medeiros, FOB. Bauru, 1975.

PARTICIPAÇÃO EM CONGRESSOS

- Semana Odontológica de Ribeirão Preto. 1948
- Semana Odontológica Professor Virgílio de Abranches Quintão. Araraquara, 1953.
- Semana Odontológica Professor Raymundo de Paula e Silva. Araraquara, 1954.
- I Congresso Internacional de Odontologia. São Paulo, 1954.
- V Congresso Brasileiro de Odontologia. São Paulo, 1954.
- II Congresso Universitário Pan-americano de Odontologia. São Paulo, 1954.
- Congresso Odontológico Comemorativo do Primeiro Centenário de Ribeirão Preto, 1956.

- Semana Francana dos Bons Dentes. Franca, 1956.
- Semana Odontológica Professor Rafael Lia Rolfsen. Araraquara, 1957.
- I Congresso Paulista de Odontologia, Associação Paulista de Cirurgiões Dentistas. São Paulo, 1957.
- Semana Odontológica de Ribeirão Preto, 1958.
- III Congresso Paulista de Odontologia, Associação Paulista de Cirurgiões Dentistas. São Paulo, 1966.
- I Congresso Odontológico *Prata da Casa*, ex-alunos da FFOA. Araraquara, 1966.

TRABALHOS ENTREGUES:

Da aplicação do índice CPOD segundo normas do Public Health Serviçe;

Algumas apreciações sobre o planejamento de experimentos.

- Seminário *A prevenção em odontopediatria – Níveis de prevenção e níveis de aplicação*, FOB. Bauru, 1966.
- II Congresso de Odontologia da Guanabara e I Congresso de Serviços Públicos de Odontologia, Associação Brasileira de Odontologia. Rio de Janeiro, 1966.
- Mestre do Grupo de Trabalho no seminário *Organização e Administração de Serviços Odontológicos do Setor Público*.
- IV Congresso Paulista de Odontologia, Associação Paulista de Cirurgiões Dentistas. São Paulo, 1970.
- I Jornada de Saúde Pública, Associação Brasileira de Odontologia de Equipe e Departamento de Saúde Pública da Associação Paulista de Cirurgiões Dentistas, 1975.
- Seminário *Ciclo de estudos sobre a segurança nacional*, Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra. Bauru, 1975.

PALESTRAS PROFERIDAS

- *Nutrição, Dieta e Cárie Dentária* para os alunos do Curso

Colegial de Formação de Professores Primários do Instituto de Educação Ernesto Monte (IEEM). Bauru, 1966.

- *Escovação, Dentifrícios e Cárie Dentária* para os alunos do Curso Normal do Ginásio Estadual de Vila Falcão. Bauru, 1966.
- *Organização Racional do Trabalho no Consultório Dentário* para os sócios da Secção Regional de Bauru da Associação Paulista de Cirurgiões Dentistas. Bauru, 1967.
- *Fluor e Cárie Dentária* para os alunos do Curso Colegial de Formação de Professores Primários do Colégio Guedes de Azevedo (CGA). Bauru, 1967.
- *Aspectos Preventivos das Doenças das Gengivas* para os alunos do Curso Colegial de Formação de Professores Primários do CGA. Bauru, 1967.
- *Escovação, Dentifrícios e Cárie Dentária* para os alunos do Curso Colegial de Formação de Professores Primários do CGA. Bauru, 1967.
- *Prevenção da Cárie Dentária* aos membros do Tiro de Guerra n.º 02-221. Bauru, 1969
- *Projeto Rondon e Integração Nacional* para os sócios do Lions Clube de Bauru, 1970.
- *Aspectos Preventivos da Cárie Dentária* para os alunos da 1.ª, da 2.ª e da 4.ªsérie ginasial do IEEM, na *Semana de Saúde Oral* promovida por esse Instituto e coordenada pelo Departamento de Odontologia Social da FOB. Bauru, 1971.

CURSOS E AULAS MINISTRADOS

- Docente da disciplina de *Odontologia Sanitária* no Curso de *Especialização em Odontopediatria*, ministrado na FOB. Bauru, 1971.
- Docente, juntamente com os professores Ernesto Pilotto e Vitoriano Bijella, do Curso de *Introdução à Odontologia Sanitária*, ministrado na FOB. Bauru, 1972.

- Aula sobre *Programa extramuros* aos participantes do Curso de *Atualização em Odontologia da Comunidade*, promovido pelo Departamento de Odontologia Social da FOB. Bauru, 1973.
- Aula sobre *Levantamento de Cárie – calibração de examinadores* aos participantes do *Curso de Introdução à Odontologia Social*, FOB. Bauru, 1973.
- Docente, juntamente com Prof. César Antunes, do Curso de *Epidemiologia Bucal*, ministrado aos alunos do 7.º semestre da Faculdade de Odontologia da Universidade de Uberlândia, 1975.

O curso foi precedido de um *Levantamento Epidemiológico de Cárie e de Doenças das Gengivas (CPOD e PM anterior)* em crianças de 26 grupos escolares de Uberlândia, coordenado e executado pelos dois professores com a colaboração dos alunos do 3.º, do 5º e do 7º semestre da Faculdade de Uberlândia.

TRABALHOS PUBLICADOS

- Emprego de alta-rotação, em regiões sem energia elétrica, com o auxílio de tubos de nitrogênio.
- Prevenção da cárie dentária pela associação de fluoreto de sódio e sais de cálcio.
- Saúde Oral: necessidade de incremento da Educação Sanitária. Coautoria com os professores Ney Morais e Eymar Sampaio Lopes.
- Importância do dextrano e do mutano na aderência de micro-organismos para a formação de placa dentária. Coautoria com o Prof. José Roberto Bastos e Antônio Carlos Bassani, aluno do curso de mestrado em Odontologia Social da Faculdade de Medicina da Universidade Federal Fluminense.

Publicação póstuma: Prevalência da cárie dentária em escolares de Uberlândia. Coautoria com os professores Cesar Antunes, Creuse Pereira, Dioracy Vieira, Maria de Loudes Carvalho e

Regina Maria Tolesano.

ATIVIDADE PROFISSIONAL

- **Escola Técnica de Comércio de Araraquara.**
- Professor das disciplinas de Matemática, Desenho, Ciências Naturais, Física e Química; 1/3/1944 a 7/4/1951.
- **Hospital Santa Isabel e Santa Casa de Misericórdia de Araraquara.**

Encarregado do Curso e Serviço de Cirurgia Oral; 1954/1957.

- **Faculdade de Farmácia e Odontologia de Araraquara.**

Assistente da Clínica Odontológica; 1948.

Assistente da Cadeira de Patologia e Terapêutica Aplicadas; 1955/1956.

Auxiliar de Ensino (contratado) do Departamento de Patologia do Curso de Odontologia; 11/3/1957 a 31/6/1958.

- **Consultório Próprio**

De 1952 a 1962 (datas aproximadas)

- **Faculdade de Farmácia e Odontologia de Araçatuba.**

Professor (extranumerário contratado) no Departamento de Higiene e Saúde Pública; 1/1/1959 a 31/6/1962.

- **Faculdade de Odontologia de Bauru.**

Instrutor da Cadeira de Odontologia Preventiva em Regime de Dedicação Integral à Docência e à Pesquisa; 1/6/1966.

Idem como Professor Assistente Doutor a partir de 26/5/69 e até o seu falecimento.

- **Projeto Rondon**

Colaborador da Comissão de Planejamento como responsável pela Área da Saúde, 1968/1969.

Assessor da Assessoria de Planejamento da Sub-Coordenação de Bauru, 1969/1970.

Coordenador da Sub-Coordenação de Bauru, 1970.

Coordenador da Área do Projeto Rondon em Bauru (cuja jurisdição se estende às faculdades dos Municípios de Bauru,

Botucatu, Jaú e Avaré), de 16/07/1970 a 20/03/1973.

Diretor do Campus Avançado de Humaitá de 11/11/1972 a 14/02/1973, acumulando essas funções com a de Coordenador da Área de Bauru.

Nota: No arquivo da família do Prof. Brandão foi encontrado um *Curriculum Vitae* feito pelo próprio que abrange somente a sua formação acadêmica no período de 1942 (adaptação ao ensino do Brasil no Ginásio *Culto à Ciência*) até 1958 (Curso de Extensão Universitária - *Atualização em Cirurgia Bucal*). Assim, para a relação aqui apresentada, necessariamente incompleta, foram utilizados os documentos dispersos disponíveis (certificados, nomeações, etc.).

Sobre o livro

Projeto gráfico, diagramação e capa Erick Ferreira Cabral

Mancha Gráfica 10,5 x 16,7 cm

Tipologias utilizadas Adobe Garamond Pro 11/13,2 pt

"Quero dizer que gostei muito do seu texto. É um relato que corre paralelo à minha própria vivência, o que desperta a minha memória e traz lembranças de bons tempos e ternas recordações de pessoas queridas. Perfil muitas vezes, desconhecido de pessoas próximas, mas desvendado pela sua sutileza do olhar da pesquisadora que, sem deixar de usar seus conhecimentos teóricos, metodológicos e científicos, mas munida do instrumental da afetividade, do carinho filial quer compartilhar com terceiros aquilo que conheceu e desfrutou.

Ao realizar seu trabalho, fundado não só na memória, mas também na realização de pesquisas documentais, você apresenta a figura de um mestre, de um pesquisador envolto numa série de questões que tiveram presentes na formação da sociedade brasileira no pós guerra dos anos 50/60. No exercício desta construção você nos revela também a sua figura de pesquisadora envolvida e preocupada com esses mesmos problemas que construíram sua infância e sua adolescência. Na verdade, são duas biografias que vêm em conjunto.

Nesse exercício de memória que você relata e dialoga com questões fundamentais que nos atormentam ainda hoje: uma conceituação de universidade, o que ela representa, qual o seu papel social e, por outro lado, as relações dos homens entre si, particularmente em se tratando de questões sociais, de saúde pública, e do compromisso do homem com seu semelhante.

Daí, a importância do seu relato, de alguém que acompanhou a trajetória de um professor, de um pesquisador sentindo todas as reverberações desta movimentação. Sinto em suas palavras, o eco de uma vivência intensa."

Anna Maria Martinez Corrêa

30 anos eduepb